

A EPOPEIA DOS AGENTES DA VIDA UNIVERSAL

Os Arquitetos da Existência e a Jornada Cósmica



Autor: Jan Val Ellam

Edição e Preparação Digital: Gullan Greyl

Edição original: A Epopéia dos Agentes da Vida Universal, 2019.

Edição portuguesa concluída em 12-04-2020



Livroteca Gullan Greyl

Sinopse

Antes do aparecimento da vida biológica, antes das estrelas, dos planetas e das espécies, uma criação inacabada dá origem a dois universos interligados e a uma longa sucessão de seres concebidos para sobreviver, competir, criar e transformar.

Entre Brahma, Vishnu e Shiva, a disputa pela autoria e pelo comando da criação converte-se num jogo cósmico que atravessa milhares de milhões de anos. Anjos-clones, demós, avatares, seres extrafísicos e criaturas experimentais tornam-se agentes de uma epopeia marcada por conflito, decadência, adaptação e procura de uma saída para uma realidade nascida sob o signo da imperfeição.

Quando a vida no universo antimaterial atinge os seus limites, surge o Projeto Talm: uma tentativa de transferir o código da vida para o universo físico e criar espécies capazes de evoluir para além das limitações dos seus criadores. Dessa experiência emergem incontáveis formas de existência e, muito mais tarde, o ser humano — portador de razão filosófica, consciência moral, emoção, altruísmo e capacidade de transformar o próprio destino.

“A Epopéia dos Agentes da Vida Universal” apresenta uma vasta cronologia da criação, das primeiras inteligências e das diferentes categorias de seres que participaram na construção da vida cósmica. Entre mitologia, espiritualidade, ciência e revelação, a obra interroga o papel da humanidade numa história que começou muito antes da Terra e cujo desfecho poderá depender daquilo que o ser humano vier a tornar-se.

Esta edição foi preparada para formato digital, com intervenção ao nível da organização, revisão e uniformização do texto, de forma a assegurar clareza, consistência e legibilidade em ambiente de leitura eletrónica.

Foram realizadas correções pontuais sempre que necessário, respeitando integralmente o conteúdo e a estrutura da obra original.

O objetivo desta preparação é preservar a fidelidade ao texto, garantindo simultaneamente uma experiência de leitura fluida e acessível.

Gullan Greyl

*Não se trata de saber mais,
mas de ver melhor*

Índice

Sinopse	1
Introdução	2
CAPÍTULO 1.....	9
Da Perfeição ao Abismo	9
CAPÍTULO 2.....	20
A Criação “Inusitada”	20
CAPÍTULO 3.....	27
As Gunas Criadoras.....	27
CAPÍTULO 4.....	35
O Bhuloka, O Brahmaloça e o Criador “Caído”	35
CAPÍTULO 5.....	48
O “Mergulho” de Savna.....	48
CAPÍTULO 6.....	56
O “Contexto Demo” do Brahmaloça	56
CAPÍTULO 7.....	66
O Criador e sua Hierarquia Angelical	66
CAPÍTULO 8.....	74
O “Mergulho” de Mavatna.....	74
CAPÍTULO 9.....	77
A Estruturação das Lokas	77
CAPÍTULO 10.....	83
As “Doenças” dos Seres Extrafísicos	83
CAPÍTULO 11.....	88
A Autoria e o Comando da Criação “Indevida”	88
CAPÍTULO 12.....	95
O “Projeto Talm”	95
CAPÍTULO 13.....	119
O Mistério dos Elétrons.....	119
CAPÍTULO 14.....	126
A Entropia e a Negentropia Aplicadas à Criação.....	126
CAPÍTULO 15.....	137
Os “Agentes da Vida Universal” e as Mónadas.....	137
CAPÍTULO 16.....	143

As Eras da Criação	143
CAPÍTULO 17.....	152
Os Primeiros Seres Gerados pelo “Projeto Talm”	152
CAPÍTULO 18.....	158
Os Humanos do Futuro	158
Posfácio	175
Sobre o Autor	177
Entrevista com Jan Val Ellam.....	178
Roteiro de Leitura dos Livros.....	184
Projeto Orbum.....	194
IEEA.....	197

A EPOPEIA DOS
AGENTES DA VIDA
UNIVERSAL

*Os Arquitetos da Existência e a Jornada
Cósmica*

Jan Val Ellam

Sinopse

Não costumamos pensar sobre o seguinte aspecto da existência: sem os seres vivos, a vida não teria lugar, e tão somente existiria o palco, o cenário que a envolve.

O fenómeno da vida hospeda-se, portanto, nos corpos dos seres vivos, no psiquismo de cada espécie, enfim, nos agentes que a expressam.

Mais complexa fica a questão se buscarmos um entendimento ainda mais misterioso: o de que é na mente dos seres vivos onde a vida efetivamente acontece!

Um dos mais inquietantes questionamentos do contexto existencial é o de procurar-se saber quantas categorias de agentes a vida universal possui e os tipos de psiquismo que a natureza de cada espécie cósmica dispõe no jogo da existência.

Este livro apresenta um, até agora, desconhecido desenrolar de uma cronologia, na qual as principais classes desses agentes são nominadas — as deste e as do universo vizinho — , como também são relatadas as histórias que compõem as páginas de uma ancestralidade tida como mitológica pelo desavisado conhecimento humano da atualidade.

É leitura para gente adulta!

Introdução

No ano de 2001, estive na Índia com o objetivo de homenagear e estudar os factos em torno do avatar Sai Baba. Antes mesmo de chegar à cidade de Puttaparthi, onde ele residia, aconteceu algo que demorei bastante tempo para entender. Lá, os amigos espirituais pediram-me para escrever alguns livros — um se chama “O Orvalho do Tempo”, outro “A Chave do Avatar”, e o terceiro, “Os Mestres da Alma”, de uma trilogia que denominei “Mistérios da Índia”, ainda por concluir, se é que na presente existência tal conseguirei.

Comecei a escrevê-los já em Bangalore e estranhei porque um deles era sobre Sai Baba, o que me fez questionar os amigos espirituais se eu havia compreendido corretamente a demanda. Reafirmada a orientação, passei a perguntar-lhes de que modo um “verme” do meu tamanho poderia escrever sobre um avatar. Eles disseram que não poderiam explicar-me naquela altura dos acontecimentos, porém ressaltaram que a solicitação feita vinha da própria equipa de Sai Baba.

Procurei ainda argumentar que os livros que conhecia sobre Sai Baba eram de pessoas que conviveram com ele, escutaram os seus ensinamentos pessoais e traduziram as suas vivências. Da minha parte, nunca havia tido o privilégio de conversar com ele, nem esperava por isso, na minha condição humana — havia tido, sim, mas em outra circunstância. Entretanto, eles disseram que estavam também a encomendar-me mais umas quinze obras, denominadas “Almanaques da Alma”, que comporiam a série de livros denominada “As Chaves do Eu Profundo”, na qual o título do primeiro e do segundo exemplares seriam “A Parte Divina de Cada Ser” e “As Vestimentas do Ser”, respetivamente. Eu anotava todas essas solicitações ao mesmo tempo em que pensava que, para cumprir mais essa tarefa, eu teria que viver uns bons duzentos anos!

No avião, regressando ao Brasil, eles também pediram-me que eu percebesse — com o objetivo de redigir um outro livro — um assunto que, naquele momento, o meu cérebro humano não teria a menor condição de entender. Ou seja, no futuro, eu deveria escrever sobre a “Epopéia da Consciência Espiritual” por trás dos “Agentes” de um “Jogo” — que resolvi denominar como sendo “Xadrez Cósmico” — que era executado por algumas Divindades, tomando sempre as espécies da vida universal como sendo as suas “equipas”. A questão era que nem mesmo os orientais compreendiam esse tema, pois haviam perdido o elo com essa

notícia. A religião havia substituído a história hindu e a fé religiosa sepultara a investigação sobre o passado incompreendido — ou seja, a “Caverna de Platão” (ver a nota 1) jamais estivera tão povoada de seres humanos, enquanto, lá fora, o tal “Jogo” continuava a acontecer, visto por “Outros Olhos”.¹

Para minha surpresa, em 2010 — já depois do “Fator Javé” fazer-se presente na minha existência, desde o ano de 2007 —, pude perceber que a “Caverna de Platão” era bem mais ampla do que a Terra, e passei a denominar, mentalmente, a Obra do tal Criador “caído” como sendo a tal “caverna”, pois nesta Criação, praticamente todos se iludem, incapazes de perceber ou mesmo de buscar a verdade.

Alguns seres humanos buscam a verdade, porém a quase total maioria deles não está nem aí para esse tipo de preocupação, até porque, ingenuamente, vivem na ilusão — como explica o mito da “Caverna de Platão” — de a terem encontrado por meio da fé religiosa que abraçaram.

Por que alguns a procuram e outros não? Quais caminhos havia percorrido a consciência particularizada espiritual dos primeiros, que os levam a insistir nessa busca? E os demais, que “paisagem” deixaram de perceber, que “zona de conforto” os aprisionou para se contentarem com “sombras” mal explicadas, esquisitas, mas que, quando envolvidas pela fé pessoal, transformavam-se em “certezas maravilhosas” de que “Deus” cuida de todos, ainda que a vida na Terra tenha sido sempre um “palco de horrores”?

Que epopeia o espírito que me anima havia vivenciado, e que outros não o fizeram? Comecei a inquietar-me com as perguntas que me obriguei a elaborar, e mais ainda com a

¹ “O Mito da Caverna”, também conhecido como “alegoria da caverna” ou “parábola da caverna”, encontra-se na obra do filósofo grego Platão, intitulada “A República”. Nele, Platão descreve o interior de uma caverna onde seres humanos ficam de costas para a entrada, acorrentados, forçados a olhar somente a parede do fundo, e, portanto, não conseguem ver a si próprios, aos demais e o que se passa atrás deles. Eles apenas veem, projetadas nessa parede, as próprias sombras deles e as dos objetos que passam pela entrada da caverna e escutam os sons externos — desse modo, julgam que os sons que ouvem sejam dessas sombras. Se um deles conseguisse soltar-se, ele perceberia uma nova realidade, mesmo que inicialmente a luz exterior ofuscasse os seus olhos.

Caso ele entrasse novamente na caverna e revelasse aos prisioneiros a situação extremamente enganosa em que eles viviam, como os olhos deles ficariam momentaneamente cegos devido à escuridão, os seus companheiros, ao observarem que ele não conseguia descrever as sombras refletidas na parede, concluiriam que sair da caverna causaria graves danos neles e, por isso, chegariam a matar quem tentasse tirá-los de lá. Assim, o humano liberto da caverna corria o risco de ser morto por querer mostrar uma realidade diferente. Por motivos similares, Sócrates foi executado pelos atenienses, inspirando Platão a escrever essa alegoria sobre homens acorrentados a falsas crenças, preconceitos e ideias enganosas.

ausência de respostas agradáveis, pois essas não resistiam a qualquer reflexão mais séria da minha parte.

Quando me defrontei com o tal “Jogo” e percebi que estava a ser usado por Seres pelos quais mal conseguia construir um mínimo de respeito fraternal, o espanto foi grande, pois os mesmos apresentavam-se como sendo os “Deuses Criadores” do panorama universal que se descortinava desde a Terra. Na verdade, aqueles Seres disputavam o tal “Jogo” exatamente para ver quem dos três era o mais forte, qual deles havia sido o “Criador Primevo” e, na época, quem dos três comandava o processo chamado “vida cósmica”.

A Lila — uma expressão sânscrita que significa “Passatempo de Divindades” ou “Jogo de Divindades”, e também denominada “Jogo Cósmico” ou “Xadrez Cósmico” — correspondia às regras do “Jogo” em curso, o qual, até há bem pouco tempo, ainda espalhava os seus tentáculos onde houvesse qualquer tipo de interesse dos “Competidores”.

Para uma melhor compreensão dos eventos resultantes da atuação da Trimurti e a prática da Lila por 12 bilhões de anos terrestres é que, neste livro, procurarei descrever a “epopeia” dos espíritos que foram usados como se fossem “cobaias”, desde que a vida começou a existir no seio desta Criação “problemática”. O “Xadrez Cósmico” será abordado mais detalhadamente em outra obra específica, ainda a ser publicada no contexto da “Revelação Cósmica”.

Refletindo sobre as questões pontuais aqui elencadas, aos poucos, fui compreendendo o porquê da solicitação referente ao livro sobre Sai Baba, avatar de um dos Seres — no caso, Shiva — que compõe a Trimurti hindu. O “encurtamento” da sua vida, ou seja, o facto de Sai Baba ter desencarnado antes do tempo que ele mesmo predissera, tinha a ver com o tal “Jogo” praticado pelos “Senhores da Lila”. A questão é que esse assunto não é para “menores de idade” — é para “gente adulta”, espiritualmente madura, pois ele pode ferir suscetibilidades, e não é politicamente correto, nem muito menos agradável.

Ele está relacionado com as lágrimas de Maria, mãe de Jesus, e com inúmeros sofrimentos que, até agora, são impostos à espécie *Homo sapiens*, como se, do outro lado da vida — no universo antimaterial, paralelo ao nosso universo material —, aqueles que de lá sempre procuraram interferir na história que se passa no lado de cá, pouco se incomodassem ou nada mesmo se preocupassem com o que acontecia com a sensibilidade e a suscetibilidade humanas, e também de outras espécies, que chamamos de “extraterrestres”.

Não é fácil, não é agradável, mas é algo que há muito já está posto para o conhecimento humano!

Detalhe: esses Seres Extrafísicos nada têm a ver com as consciências espirituais particularizadas, as quais denominamos “mónada espiritual”, “espírito” ou mesmo “alma”.

Além de conterem abordagens para “gente adulta”, as palestras usadas na elaboração deste livro também se destinaram a uma plateia espiritual que, depois de muitos milénios, conseguiu o equilíbrio mínimo para poder lidar com as notícias da “epopeia” pela qual foram obrigados a passar. As explanações sobre essa “epopeia”, além dos temas já abordados nas tradições antigas, ainda comportam mais alguns valores agregados, produzidos pela minha própria condição de “ser humano” cheio de fragilidades e que não gosta de ter que tratar dessas questões desagradáveis — isso confesso para deixar absolutamente claro que os equívocos podem ser muitos.

Portanto, toda a prudência é pouca da parte dos possíveis leitores destas páginas. Esse tipo de assunto é profundamente importante para a Espiritualidade e para todos os que existem nesta Criação, mas é absurdamente fundamental para uma certa classe de seres extrafísicos — os demos, que serão explicados no capítulo 5 (O “Contexto Demo” do Brahmaloja), deste livro —, que estão “presos” no universo antimaterial, paralelo ao nosso. Entretanto, estranhamente, aqui na Terra ninguém conhece esses enredos, e por isso estou a ser “solicitado” pelos seres extrafísicos (do universo antimaterial), pelos extraterrestres (do universo material) e pelos irmãos espirituais (das realidades espirituais), a comentá-los agora. Nas próximas décadas, vai falar-se muito sobre esses seres extrafísicos porque eles constituem o cenário principal de tudo o que foi gerado até o momento, no ambiente da Criação de Javé. A “Epopeia dos Agentes da Vida Universal”, absurda para a nossa lógica, é terrivelmente real e responde por tudo o que já existiu e existe na atualidade, seja no “universo paralelo demo”, seja no nosso “universo físico-biológico”.

Como já ressaltado, toda esta história desenvolveu-se nos últimos 12 bilhões de anos desta Criação “indevida” — que foi manifestada há cerca de 13,8 bilhões de anos. Desde então, quanto mais espécies de seres eram geradas no universo antimaterial, mais complicada ficava a situação. Para a humanidade atual, é muito difícil uma compreensão do significado de um tempo tão longo, porque a nossa lógica é muito recente — uma vez que surgiu há apenas 50 mil anos, aproximadamente, com a racionalidade — e vem sendo

trabalhada de maneira lenta, para que possa libertar-se dos condicionamentos que lhe foram impostos e que compõem a tosca visão de mundo e de realidade daqueles que vivem aprisionados no âmbito da “Caverna de Platão”.

A coerência, que nós humanos temos, para falar de assuntos que nos interessam, obviamente, pertence à lógica que criamos. Baseado nisso, vamos imaginar que uma determinada “espécie de peixe” desenvolveu um raciocínio coerente, próprio, e que dessa lógica surgiu um determinado “karuna” (ver a nota 2), que concebeu o “modo de agir” comum a esses seres.²

Entretanto, sabemos que os peixes terrestres não podem evoluir como nós, mas isso não significa que uma “certa espécie de peixe” não possa tornar-se racional em algum nível, ou mesmo evoluir de alguma maneira, ainda que seja de uma forma sequer vislumbrada pela lógica humana. Na verdade, nós nem podemos afirmar que não existem “peixes racionais” em outros mundos deste universo material — inclusive, na mitologia chinesa e em outras, está descrito que os seres formadores dessas culturas eram anfíbios. Vamos, então, imaginar alguns “peixes” tornando-se racionais. A evolução deles teria elementos que seriam totalmente diferentes dos nossos e, se eles fossem falar da história universal à moda deles, não tenham dúvidas que não a contariam da maneira como a interpretamos. Eles descobririam um modo lógico — para eles — de narrarem essa história da maneira que eles pudessem entender, mas que não seria como nós a compreendemos.

Portanto, a história universal abordada neste livro é baseada na lógica do momento, passível e possível de ser utilizada pelos humanos. Aqui, o que se pôde fazer, foi empregar palavras conhecidas para dar sentido a algumas coisas aparentemente inexplicáveis, pois essa é a maneira humana usada para decifrar algo além do nosso entendimento, o que implica imprecisões.

Em sã consciência, nenhum mensageiro deveria vender como verdade as revelações que ele se vê obrigado a fazer por esse ou aquele motivo missionário. Contudo, praticamente todos os que surgem na Terra parecem padecer dessa “doença” de querer ser o “porta-voz

² A expressão sânscrita “karuna” quer dizer “ação compassiva, tolerante”, “tirocínio esclarecido”, “lucidez superior”, entre outros significados que os tradutores modernos ainda precisam entender e identificar o seu modo de aplicação ancestral. Em outras palavras, “karuna” seria o modo que a natureza de cada estirpe conseguiu formular para agir no seio do caos e/ou perante as dificuldades e aos obstáculos da vida cósmica.

oficial da verdade”, o “intérprete dos céus” para os que aqui vivem. É complexo, é muito complicado! Além disso, todas as falanges de seguidores desse ou daquele “iluminado” sempre se põem em conflito, disputando a “propriedade da verdade”. Acho que a prudência e a maioria espiritual humanas deveriam dar um basta a esse tipo de esquisitice!

Certos conceitos apresentados neste livro, por serem novos, não podem ser compreendidos num primeiro momento, porém deverão ser muito ressaltados ao longo dos próximos anos. Todos vamos ter que compreendê-los, caso contrário não ajeitaremos a nossa própria quota de DNA pessoal (ver a nota 3). Ainda não sabemos, mas, para as coisas do espírito, somos todos “médicos” de nós mesmos, e para nos curarmos, precisamos do diagnóstico e também de saber como aplicar a nossa mente nesse processo.³

Por enquanto, ao evoluirmos, estamos a ajudar Javé, inconscientemente. Contudo, como isso precisa ser apressado, os seres humanos terrestres — existem outras espécies de humanos fora da Terra — vão ter que ser hábeis “médicos” de si mesmos, além de cuidarem das suas vidas, porque assim estarão também a atuar como “médicos” da mente de Javé, que está a fazer a transição de “demo” para “homo”, e ele é incapaz de executar isso por si mesmo devido aos problemas que ele acumula. Tempo virá em que ele vai ser como um ser humano — pelo menos no que se refere ao aspeto de possuir uma natureza humana —, porém não necessariamente num corpo biológico. Esse é o final da sua “epopeia”, enquanto a nossa, apesar de já longa em certo sentido, está somente a começar!

Agradeço, penhorado, os concursos inestimáveis de amigos do Instituto de Estudos Estratégicos e Alternativos — IEEA (www.janvalellam.org), sem os quais o presente livro provavelmente não seria elaborado.

Assim, rogo a cada um dos eventuais leitores destas páginas que nada do que aqui está escrito seja tomado como questão de fé ou conclusiva. Os contextos que serão expostos neste livro deverão ser considerados somente como “semente para a reflexão”, pois caberá às gerações futuras verificarem os equívocos e ajustes necessários a esse tipo de empreitada intelectual/espiritual. De antemão me desculpo, caso a sensibilidade de alguém vier a ser

³ DNA, sigla do ácido desoxirribonucleico, é uma molécula orgânica constituída por nucleotídeos, e contém as instruções genéticas — na sequência das suas bases nitrogenadas — dos seres vivos da Terra e de alguns outros mundos.

ferida ao longo da leitura, mas a minha intenção é a melhor possível, apesar de que, reconheço, não tem mesmo como esse tema ser agradável.

Atlan, 29 de agosto de 2019.
Jan Val Ellam

CAPÍTULO 1

Da Perfeição ao Abismo

Nas “Crônicas do Circuito da Perfeição ao Abismo”, dos “Anais de Perpérion”⁴, podem ser observados os seguintes dizeres: “Como pode o “Circuito da Perfeição” ter gerado o impensável?

Que passo deu a Deidade, no Seu “Movimento de Consciência”, objetivando conhecer a “Incompletude”, quando tudo Nela residia? Da Solidão de Um só Ser Infinito, pois a tudo abarca, Eterno, Incriado, em cuja Fronte existem e para a qual convergem todos os evos, fez-se um tempo de busca em que, da Sua Solidão, Alguns vieram a existir como Fruto do Seu Amor.

Daquele que Se basta, surgiram Alguns que somente em parte Se bastavam, ficando a Incompletude a ser preenchida pela motivação de existir junto do Ser, a Deidade Imutável, porém assimiladora do que de Si foi emanado. Os Atributos que lhe marcam a “Existência” são de todo Perfeitos, mas com quem dividi-

⁴ Perpérion é uma subdivisão da Espiritualidade Superior, onde os espíritos adotam uma certa condição, assim como assumimos corpos humanos na Terra. Perpérion fica na “Periferia” da Espiritualidade, em uma certa Espiritualidade Laboratorial — a Espiritualidade Superior contém várias Espiritualidades Operacionais, e cada Espiritualidade Operacional pode ter várias Espiritualidades Laboratoriais.

los se, por bastar a Si mesmo, Outros não surgissem no Seu Seio? Para quê a Sua "Existência", se nada mais além de Si existisse?

Mistério dos Mistérios, pois eis que o Ser resolveu dar de Si um "Movimento da Sua Consciência" para que Alguns, além Dele, viessem a existir Consigo. Dar-lhes todos os Atributos da Sua Perfeição e gerá-los Perfeitos, iguais a Si, a que isso atenderia? Criá-los com a Sua "Essência", adormecida pelo Amor de quem expressa a Liberdade ao mesmo tempo em que absorve os "frutos da aventura de ser livre", eis o passo dado por Quem, sequer, precisava caminhar.

O Amor promoveu a Geração, a Justiça forneceu a Equiparação e a Incompletude, e Cada Parte passou a ser o fecundo caminhar de Todos, para participar do "Circuito da Perfeição", sempre que o Encontro com o Ser Deificado tinha lugar.

Foi do Seu modo de sentir e de expressar Amor, da Sua Justiça e da Solidão Daquela que se basta, que surgiu a enigmática contradição, o aparente paradoxo de, mesmo bastando a Si Mesmo, de movimentar o Seu Poder, gerando Seres Incompletos e Livres, porém ligados a Si pelos Laços Eternos Dele advindos. Da Incompletude, se esperava o Complemento, mas veio o tormento e o caos porque, dos Seres que participavam do "Circuito da Perfeição", Alguns se "vitimaram", e a Liberdade dada jamais foi tomada, e o "Ocaso das Divindades" teve lugar."

1ª Constatação:

O “Circuito da Perfeição” somente podia vibrar de tempos em tempos, para que pudesse dar aos “Incompletos”, Filhos do caminhar “Daquele que Nunca se Move”, a oportunidade de existirem com plena noção das suas responsabilidades e das suas buscas pela realização pessoal.

Esses dizeres dos “Anais de Perpérion” referem-se ao que seria o início de um tempo no qual, em um dos níveis, abaixo da “Espiritualidade Superior” — que é a Realidade Preexistente, que sempre existiu e, portanto, não teve começo e jamais terá fim —, um grupo de Divindades resolveu fazer mais uma Cocriação em homenagem à Deidade, ou seja, ao Pai-Mãe Amantíssimo.

Para se entender certas limitações das Divindades Cocriadoras, faz-se necessário saber como a Deidade atua na Espiritualidade Superior.

O “Movimento de Consciência” da Deidade criou Prepostos de Si mesma. Ela podia fazer isso gerando Seres Perfeitos, iguais a Ela. Entretanto, a opção escolhida não foi a de nascerem imperfeitos, mas a de serem gerados Incompletos em relação à Completude Dela. Foi esse o “Espaço de Consciência” que Ela resolveu “emprestar de Si”, uma vez que, se criasse Seres Perfeitos, iguais a Ela, eles seriam como robôs, ou seja, funcionariam sempre em “circuito fechado”, robotizados aos Algoritmos Mentais da Perfeição. Então, em palavras simples, Ela cedeu de Si Mesma um “Espaço de Consciência preche de Matriz Criadora” e criou Prepostos a partir da Sua Condição, porém sendo todos Incompletos.

A evolução dessas Divindades dar-se-ia quando elas se tornassem Completas. Todavia, essa atitude do ser individualizado completar-se é infinita, e elas nunca conseguiriam chegar ao mesmo patamar da Deidade — o que parece ser que a ninguém mais também o é dado lograr. A opção para os “Criados” sempre será a de crescer, evoluir e a de se unir Àquele(a) que verdadeiramente “Sempre Foi, É e Será”.

A partir desses Prepostos, também foram urdidos outros Seres que repassaram a “Condição Geradora” e, numa sequência de gerações bem distante, é que começou a surgir o que é chamado de “gêneros espirituais” — aos quais a “Revelação Espiritual”, procedida na Terra, houve por bem não referir-se quando da sua codificação no século XIX.

Na “Revelação Espiritual”, é explicado que todos os espíritos foram criados simples e ignorantes para, então, evoluírem a partir da situação existencial, das condições de cada mundo onde cada mónada estiver situada. Assim, cada protoconsciência particularizada vai evoluindo de acordo com o nível de complexidade das espécies que incorpora, até se tornar hominal, quando passa para a espécie humana, ou seja, quando se racionaliza nos moldes em que conhecemos — é o que explica em linhas gerais a doutrina espírita.

Entretanto, além dessa evolução revelada pelo espiritismo, existem também as Cocriações Incompletas, geradas por Seres Incompletos, que foram gerando outros níveis de seres incompletos.

Em algum momento desta “História da Incompletude”, ou “Era da Incompletude Espiritual”, surgiu indevidamente a “imperfeição”. Dessa Era, por sua vez, veio a ter lugar um conjunto de experiências levadas a efeito por Atores Espirituais, num “não-tempo” — antes do nosso “tempo universal” — que ficou conhecido como a “Era Laboratorial”, cujo teor propiciava mais anseio de produzir contextos inusitados da parte desses Agentes. Assim se encontram referidos esses contextos no âmbito da cultura da Espiritualidade Maior.

Dessas vivências originou-se o que conhecemos como sendo a “Era da Imperfeição”, que terminou por produzir o que entendemos por “caos”. E é desta “Era do Caos” ou “Era do Vexame Espiritual” que estamos atualmente “a participar”, sem entendermos o porquê.

Sim, existiu uma “Era da Imperfeição” durante a qual alguns protagonistas espirituais que a geraram, foram ao limite impensável de produzir o caos, um tipo de “ferida” ainda não sarada — por sinal, está ainda muito longe de ser —, no “tecido” da Eternidade e das suas infinitas vivências. Ao longo da “Era Laboratorial”, muitas estirpes de Seres foram então elaboradas para vivenciar os desafios comuns àquela empreitada espiritual. Em uma dessas estirpes, a que aqui estamos a denominar como sendo a da “condição Adhyatman”⁵ — que é absolutamente diferente da “condição

⁵ Na Espiritualidade Operacional — que fica um nível ou colapso quântico abaixo da Espiritualidade Superior, a alma ou o espírito puro do “gênero espiritual Adhy” está sob a condição Adhyagia, que é, portanto, o corpo causal da consciência espiritual plena ou o corpo espiritual superior. Quando uma dessas almas do “gênero Adhy” está “imantada” em um corpo causal em Perpérion, localizado no nível da Espiritualidade Laboratorial, essa condição é denominada Adhyatman, e constitui um corpo personalizado, com um “pacote mental” específico quanto à “maneira de ser”. O corpo Adhyatman de um Ser é a sua Consciência Primordial enquanto Divindade Cocriadora, enquanto alma personalizada, vinculada a uma condição.

humana terráquea” —, existia um Ser que recebeu o epíteto de Prajapati nas antigas tradições védicas/sânskritas, sendo também conhecido como Prabrajna, de cuja “Experiência Laboratorial” emergiu um “Processo de Gestação Mental corrompida”, que foi prematuramente expelida, plasmada.

Nas “Periferias” da Espiritualidade, um espírito puro pode assumir diversas condições, porque são muitos os “gêneros espirituais”, e não somente os que o conhecimento humano apreendeu da sua experiência biológica em corpos de macho e de fêmea. Uma delas seria assumir uma condição Adhyatman nos níveis existenciais de Perpérion, onde existem poucos milhões de Seres, que são muito evoluídos — na Terra, estima-se que somos aproximadamente 7,7 bilhões de humanos, atualmente.

Foi nessa condição Adhyatman que o Ser chamado Prabrajna resolveu criar, pois esses Entes urdidos “Incompletos” pretendem homenagear a Deidade, em algum momento, ao gerarem realidades. E não são somente os Seres na condição Adhyatman que têm a capacidade de criar realidades diversas, pois outros também o fazem — além da “família” Adhy, citada nas páginas da História Espiritual da qual fazemos parte, existem outras, conforme já explicado.

Indevidamente, Prabrajna começou a gerar um “Projeto” na sua mente. Esses Seres trabalham só com a mente, e não esquecem nada do que pensam ou produzem. Eles montam “Modelos Holográficos dos Projetos” que idealizam, que são expelidos através da kundalini que lhes é própria, ou seja, através do poder mental

ou do marco evolutivo espiritual que definem as suas personalidades, e a expressão da Mente de um deles pode ser projetada para todos verem.

Ainda que faltem à compreensão humana os símbolos, conceitos e vocábulos apropriados para a isso referir-me, é necessário ressaltar que Prabrajna gerou um “Processo corrompido”, pois ele não tinha qualificação para criar realidades nas características pretendidas, e essa inconsistência indevida é responsável por todos os tipos de “cânceres” que podem ser percebidos nos seres desta Criação.

O que existia na mente de Prabrajna foi expelido prematuramente, e consiste na “Singularidade” — que os cientistas da Terra denominam “Big Bang” — que deu início ao nosso universo, como também a um outro, vizinho, paralelo, e composto de antimatéria.

Como a história anterior a esta Criação envolve um grupo de Divindades Menores de Perpérion, a seguir, descreverei certas características dessas Entidades chamadas “Adhy”.

Nos tempos de Perpérion, um dos núcleos da Espiritualidade Laboratorial em que a “olhada no Abismo se deu”, um grupo de Divindades Menores costumava apresentar-se como sendo “aros luminosos” — é o que posso descrever, frente ao que seria a percepção da lógica humana — de diversos padrões de cintilações,

cuja regiões aparentemente internas, pareciam estar sempre em constante ebulição vibratória.

Aqueles “círculos luminosos” que, às vezes, assumiam formas esferoides mais ou menos alongadas, variavam também para outras expressões geométricas, cuja riqueza de detalhes vibratórios não pode ser descrita com palavras, tal a complexidade da sua significação na “linguagem” e no “intercâmbio” entre aquelas Consciências.

Do mesmo modo que nos atuais dias terrenos, o avanço da tecnologia da computação permite que pessoas diferentes constituam um grupo específico, num tipo de circuito fechado de comunicação, mas sem que isso signifique que estejam apartadas do intercâmbio com o resto dos humanos, assim também esse grupo de Divindades Menores, composto por 147 consciências particularizadas, conhecidas como “Seres Adhy” ou “Família Adhy” — 43 desses Seres compunham a espécie “Pashvnaj” —, viviam operativamente interligados, em constante coexistência. Para a “correta compreensão” do surgimento desta Criação “indesejada”, a percepção deste detalhe referente à “mente coletiva” da espécie Pashvnaj é essencial. Após uma incontável quantidade de “tempo cósmico” desde a “reação abismal” incutida no psiquismo de um daqueles Seres, eis que agora, todos eles habitam em pleno “Abismo”, criado num “equívoco”, e agora comandado por “Aberrações” que tão somente representam a “face possível” das suas condições pretéritas de uma época em que podiam habitar no “Circuito da Perfeição”, apesar de Incompletos.

“Aberração” é o modo pelo qual, seguramente, as faces de Brahma, Vishnu e Shiva seriam assim classificadas pela lógica humana, caso pudessem ser claramente percebidas pelo senso dos terráqueos. Para os “Monstros do Abismo”, porém, não há “aberração” nenhuma na face que ostentam desde a impensável “entrada” no “Abismo”, criado por eles mesmos.

As Consciências Pessoais envolvidas no problema, em função dos seus princípios, agora “enlouquecidas” pelas circunstâncias, terminaram por atentar contra os seus propósitos outrora nobres. Por outras palavras, o que os três autoproclamados “Senhores da Vida Universal” (Brahma/Javé, Vishnu e Shiva) acham ou achavam — no caso de Vishnu, que se desconstituiu em 2016 — “normal” para esta Criação, houve um tempo, antes da “queda” de um deles, e da “entrada” dos outros dois, em que eles considerariam como “vexaminoso”. Além disso, ficariam “abismados” se soubessem que, em outra situação, num tempo ainda por existir, eles agiriam como “Filhos do Abismo” — um “impensável conceito”, pois os Adhy questionavam-se, naqueles tempos, se seria possível existirem tais Seres em alguma “circunstância enlouquecida”.

Ainda que “executada por um ser Adhy”, a Obra pertence à arquitetura de dois deles, pelo menos, e à convergência mental de muitos, quando esta não precisava ter existido em torno de um “Buraco Mental” — se pudermos, pobremente, comparar esta Criação ao efeito que os conhecidos “buracos negros” promovem, a partir dos seus “horizontes de eventos”, atraindo tudo o que deles perigosa e indevidamente se aproxima.

Na cultura de Perpérion, de um modo geral, existem Divindades Menores com potencial de criação de padrões que podem ser independentes ou dependentes. Padrão independente é quando o Criador gera um Ser e lhe dá independência — a Deidade, quando criou os “Seres Incompletos”, deu independência a eles. O padrão dependente ocorre quando o ser gerado fica sempre ligado ao psiquismo do seu Criador, que pode influenciá-lo, e não há como cortar essa conexão. Nesse caso, a criatura jamais atinge o padrão do seu Criador. Em Perpérion, houve um “distúrbio” advindo de “mergulhos” e “projeções”⁶ já feitos por algumas Divindades em outros universos, e entre elas estava Prabrajna que jamais conseguiu criar seres de padrão independente, pois somente dispunha de potencial para criar seres dependentes do seu psiquismo.

Portanto, o problema desta Criação “indevida” surgiu como desdobramento de uma “reunião operativa mental” entre os 43 Pahsvnaj que compunham o grupo de 147 consciências Adhy.

Os três “Deuses da Trimurti” hindu, que conhecemos como Brahma, Vishnu e Shiva, eram Adhyshprabrajna (Prabrajna),

⁶ Na Espiritualidade Superior, o “Eu Superior” existe com os seus diversos níveis de “Eu Profundo”, e cada um desses níveis tem o seu padrão de Consciência Espiritual.

Se um “Eu Profundo” e a sua Consciência Espiritual permanecem na Espiritualidade Superior, quando um “Eu Transitório” é criado em um nível dimensional ou um colapso quântico situado mais abaixo (subjacente ao nível imediatamente superior), o Ser é considerado “projetado” — trata-se de um “Eu Projetado” — nessa realidade.

Quando ocorre o “mergulho”, a Consciência Espiritual daquele “Eu Profundo” pode ser totalmente transferida, em tese, para a realidade onde foi criado o “Eu Transitório” que, nesse caso, é um “Eu Mergulhado”. No “mergulho”, o “Eu Profundo” tanto pode ficar na Espiritualidade Superior quanto transferir-se para a realidade onde foi criado o “Eu Transitório”. Neste último caso, trata-se de um “mergulho completo” porque o “Eu Profundo” movimenta-se, saindo da Espiritualidade Superior e “imantando-se” no “Eu Transitório”, o que pode implicar “risco”, dependendo da Criação.

Adhyshmavatna (Mavatna) e Adhyshsavna (Savna),
respetivamente, antes de se manifestarem nesta Obra “inacabada”.

Na figura 1, está representada a relação desses três Seres com esta Criação em que vivemos, citando alguns avatares (ver a nota 7) que eles produziram.

CAPÍTULO 2

A Criação “Inusitada”

Diante da inevitabilidade que se apoderou das circunstâncias da minha vida, fui obrigado a publicar o livro “O Drama Cósmico de Javé” — meses antes, eu havia eliminado a primeira versão desse livro, numa atitude de “rebeldia” e, então, “tive” que reescrevê-lo. Na ocasião, para fugir dessa tarefa, tentei fechar os olhos para o contexto desse Ser Criador e dos seus anjos-clones, principalmente porque discordo, em parte, do que havia sido revelado aos arianos-hindus sobre Brahma e a sua Criação, o que muito me inquietava.

Os espíritos disseram a Kardec que, antes da geração do universo físico, já existia a Espiritualidade Superior, preexistente à criação de qualquer universo que qualquer Divindade queira gerar. Do mesmo modo, na ausência de outra ideia, eu estou metaforicamente a dizer no livro “O Drama Cósmico de Javé” que, a partir de uma determinada “Periferia do Paraíso” — ou seja, na “Periferia” de um dos níveis abaixo da Espiritualidade Superior —, devido a uma “doença” que chamei de “impulso mental incontrolável”, uma Divindade resolveu expelir da sua mente uma “Singularidade” da qual surgiria mais um universo criado, que também deveria homenagear a Deidade, o Pai-Mãe Amantíssimo, o “Deus Verdadeiro”.

Como anteriormente descrito, as Coirmãs dessa Divindade que estava a sofrer a “doença de impulso nervoso”, consorciaram-se com ela, tentando apaziguá-la dentro de uma corrente mental, mas como o seu ímpeto era incontrollável, e diante da inevitabilidade da sua expressão kundalínica expelir de si o “Projeto Mental” que havia idealizado, coube apenas às demais Divindades Cocriadoras contribuírem com o “Processo da Criação imperfeita” — é isso que eu busquei narrar no livro “O Drama Cósmico de Javé”. Também procurei explicar — com a pobreza de expressão que caracteriza os livros que eu tento produzir a pedido dos mentores — o que, em cada microssegundo do tempo mental da Divindade “doente”, foi saindo da sua mente, compondo as “ferramentas” que terminaram por dar estrutura ao “universo material” em que vivemos.

Assim, no livro “O Drama Cósmico de Javé”, procurei reproduzir o “Colegiado de Divindades” que se irmanaram perante um dos seus Membros, que em passando por um estranho “processo de instabilidade”, inevitavelmente expeliria um “Modelo de Universo” através da sua energia kundalínica. A partir desse “Modelo” surgiriam algumas faixas de realidade, pois que ele pretendia “homenagear” a Deidade. Contudo, ele não pôde finalizar a Obra, e por isso a sua Criação ficou “imperfeita” — assim eu relatei, a pedido dos mentores espirituais.

Explicando de maneira mais detalhada, esta Criação “inusitada” é indevida porque Prabrajna gerou, de modo inapropriado, uma Obra “não finalizada” e sem “alicerce definitivo”, que apresentou “germinação cancerosa” — então desconhecida para a Espiritualidade — e incapacidade de remediação.

Afirmar que há 13,8 bilhões de anos não existia nada é tão somente um modo de dizer ou de retratar uma meia-verdade, pois já existia a Espiritualidade Superior com os seus Setores Operacionais, além dos Estágios Laboratoriais nos quais incontáveis modelos de universos foram adrede gerados. Assim, dizer que nada existia, como faz o meio acadêmico, refere-se tão somente ao facto de que este universo agora existe onde antes nada havia e, de repente, surgiu uma “Singularidade” menor que o tamanho de um átomo.

Este nosso universo faz parte da Criação que Prabrajna expeliu numa “sala de reunião”, em Perpérion, um dos níveis da Espiritualidade Laboratorial. O interessante é que, por mais que observemos todo este imenso universo, ele não é maior do que essa tal “sala” — ainda que quem esteja dentro dele veja uma imensidão sem limites e que segue expandindo-se, porém, mesmo assim, ele continua a ser um “pontinho” dentro da tal “sala de reunião”.

O grande problema é que quem está fora desta Criação já não pode mais interferir nela — a não ser que passe a fazer parte dela de algum modo.

Existe uma versão contada pelo Ser-Criador “caído”, em que ele afirma que foi enganado pelas outras Divindades na ocasião da “reunião” em Perpérion, pois elas não lhe teriam dito que seria daquele modo, quando ele se sentiu tão mal e foi tão violentamente ultrajado durante aquela “operação magnética”. Ele também diz que, por grandeza de atitude, já que não chegava a um acordo com Mavatna, resolveu assumir o problema ao usar toda a sua energia

para dominar a “Corrente Mental” formada com as demais Divindades, conseguindo absorver e depois expelir totalmente a sua Ideia, sendo portanto o responsável pela sua Obra, ainda que nela tenha “caído”.

Ele ainda reclamou que os outros o responsabilizaram pelo “Processo Criativo”, largando violentamente o “Consórcio Mental” no momento da criação, o que resultou na sua “queda” para dentro da Obra — o facto é que o Criador foi “sugado” pela própria Criação e, segundo ele, porque as demais Divindades o “empurraram”.

Por questões de índole moral da sua anterior condição de Ser Adhyatman, e sentindo-se responsável pelo problema, ele alega que resolveu “mergulhar”, pois concluiu que não conseguiria corrigir e complementar aquela Criação ficando do lado de fora dela — assim, estando “mergulhado” na sua Obra, ele tentaria fazer o que lhe fosse possível, por nela existir, e que não pôde realizar na sua condição anterior, como Prabrajna. Ele justificou-se afirmando que não pôde “mergulhar” conforme pretendia, pois foi “empurrado”, e daí a eclosão de todos os problemas que nele vieram a surgir e, por decorrência, em todos os seres gerados a partir do seu código definidor de vida.

Entretanto, há uma outra versão que explica que, quando uma Divindade gera uma Obra de “padrão dependente”, o “cordão umbilical” entre o Criador e a sua Criação é tão indissolúvel que ou ele manda nela ou o inverso torna-se real, pois a Criação é que passa a comandar o processo, inclusive fazendo do Criador o seu “refém”.

Esta Criação de Prabrajna é puro “vexame existencial”, a coisa mais absurda que poderia ter acontecido, e que não deveria existir. Ela constitui algo absolutamente impensável, imprevisto e improvável para os padrões Adhyatman — e mais ainda para os padrões da Espiritualidade Superior.

A execução desta Criação, ou por acidente ou incidente, terminou por gerar uma “divisão mental” entre Seres que jamais se haviam separado até então — conforme já relatei, na coexistência constante dos 43 Pashvnaj, eles viviam interligados operativamente.

A Deidade, por ser só “Amor” — Ela não é o que os humanos terrestres estão acostumados a acreditar, pois deu a Liberdade a Seres Incompletos, e não castiga nem privilegia —, não impediu esta Criação. Entretanto, através do livre arbítrio, cada um vai acionando os mecanismos das próprias leis de “causa e efeito” ou de “ação e reação”, de acordo com as opções que resolve abraçar. Contudo, o que gerado está, passa a existir até que os seus circuitos permitam a sua sustentabilidade. Quem criou é que pode interferir na Obra, pois a Deidade, o Ser Real, Incognoscível, jamais o faz!

Se isso é agradável de saber ou não, é uma outra história. Mais desagradável ainda se torna quando esse aspeto não reafirma a crença mais moderna das atuais religiões, que acreditam que para “Deus” nada é impossível e que Ele sempre dará um jeito em tudo. Afinal, que função tem um “Deus” que não pode resolver as coisas ou, mesmo podendo, não o faça nunca? Por enquanto, esse é o tamanho do nosso problema, e o curioso é que tem crente e

descrente para todas as hipóteses em torno da “Figura de Deus”. Desgraçada ou afortunadamente, penso que qualquer ser metido a “Deus”, demo, clone, ser humano ou “iluminado” jamais se aproximou minimamente de compreender e/ou de traçar um conceito ao menos razoável sobre a Deidade, o “Deus Verdadeiro”, considerando que Ele nunca interfere em qualquer aspeto ou detalhe do que se passa dentro desta “blindagem”, na qual existimos. Sinceramente, penso que todos os conceitos até hoje produzidos pelo lento avanço do pensamento humano estão “bichados” e não prestam nenhuma homenagem real a esse Ser.

Por outro lado, em quase todas as mitologias existentes na Terra — e elas referem-se a contextos de 3 mil a 6 mil anos atrás, enquanto as religiões vieram depois delas — consta a história de um Criador “caído”, que foi confundido drasticamente com o conceito que atualmente fazemos de Deus, o “Pai-Mãe Amantíssimo”. As mitologias revelam parte do que aqui está a ser abordado.

Na mitologia grega, esse Ente “caído” é chamado “Caos” — e esse é o pior palavrão do linguajar grego —, na hindu, é denominado de “Brahma, o Caído”, e na dos san (caçadores-coletores, que vivem no deserto do Kalahari, na África), ele é conhecido como “Kaggen, o Traíçoeiro”. Como se pode notar, o Criador não era muito “elogiado” nos tempos antigos.

Contudo, ao se tornar Javé, o “Deus dos Judeus”, e também ser entendido como um “Deus Amoroso, Justo e Perfeito” pelo próprio Jesus, no princípio da sua vida, o Criador foi novamente confundido

com o “Deus Verdadeiro”, a Deidade, e até agora temos esse seríssimo problema na equivocada concepção teológica do brahmanismo, judaísmo, cristianismo, catolicismo, protestantismo e islamismo — ainda que o brahmanismo considere que “Brahman” (que não é a Deidade) está acima de Brahma, o Criador “caído”.

A Criação “problemática” que surgiu, nasceu totalmente “doente”. Ela precisava ter sido finalizada na Mente de Prabrajna, mas não foi, e por isso surgiu imperfeita, e todos os processos que passaram a existir no seu âmbito interno tornaram-se problemáticos.

CAPÍTULO 3

As Gunas Criadoras

Segundo o entendimento dos arianos-hindus, as energias Rajas, Sattva e Tamas são as três Gunas que compõem absolutamente tudo o que existe. O detalhe é que o “tudo” que nós, seres humanos, podemos perceber, corresponde a apenas 5% de toda a matéria e energia existentes neste nosso universo — ou seja, de tudo o que existe desde que este universo surgiu, o que para nós é visível (como estrelas, planetas, satélites e nebulosas) corresponde só a 5%. Do restante, 68% é estruturado pela energia escura, e 27% formado pela matéria escura — somente 5%, que é a matéria bariônica, nos é permitido ver nesta faixa de realidade na qual os nossos olhos percebem harmonia e ressonância.

Portanto, associando os conhecimentos arianos-hindus e científicos, tudo o que é visível no universo corresponde a apenas 5% (energia Rajas, de Prabrajna) de toda a matéria/energia que existe, e que, do restante, 27% corresponde à matéria escura (energia Sattva, de Mavatna) e 68% corresponde à energia escura (energia Tamas, de Savna).

Os antigos postulados védicos afirmam que o “Deus” Brahma — não confundir com Brahman, pois Brahma é uma mera Divindade “caída” —, com a sua capacidade criadora cuja característica mental

é “Rajas”, fez surgir a aparição deste universo para esta faixa de realidade. Então, o “Deus” Brahma teria, num processo incontrolável, feito aparecer a “Singularidade” — o “Big Bang” do instante zero, que a própria ciência da Terra já percebeu, mas não sabe explicar de onde ela veio. Os arianos-hindus há muito falam disso.

A energia Rajásica de Prabrajna criou os quarks. Mavatna, então, usou a sua energia Sattva para criar os glúons. Quarks e glúons¹ (ver a nota 8) formaram a “sopa” inicial após o “Big Bang”.

Quando a energia de Prabrajna vibrava numa determinada frequência energética, ela produzia quarks, mas ao vibrar em outra, com algum “distúrbio”, produziu os elétrons.

Com a sua energia Rajas, Prabrajna criou as partículas mais elementares — ou seja, a base do universo material, em que vivemos. O problema é que ele não conseguiu nem unir os quarks, quanto mais finalizar a sua Obra.

A lei da Física afirma que, desde aquele instante do “Big Bang”, nada se cria nada se extingue, tudo se transforma. Portanto, a quantidade de elétrons que surgiu a partir dos primeiros segundos depois do início da criação deste universo, é a mesma que atualmente existe — essa questão foi colocada pela ciência.

¹ Quarks são a energia tipificada na mínima forma material possível. Glúons são a energia tipificada na forma de atração para fazer a união dos quarks.

Ocorreram muitas coisas no primeiro segundo da Criação.

Nesse primeiro instante, para cada quark que surgia, havia um antiquark, e para cada elétron, tinha um antielétron. Portanto, para cada partícula de matéria que se manifestava, também surgia uma partícula de antimatéria. Quando uma partícula de matéria se encontra com uma de antimatéria, elas se autodestroem, se aniquilam, e portanto, não era para ter surgido os universos antimaterial e material daquela “sopa de quarks e glúons” da Singularidade. Contudo, surgiu! Por quê? Os cientistas descobriram que para cada 10 bilhões de partículas de matéria que se encontram com 10 bilhões de partículas de antimatéria, elas se aniquilam, porém não totalmente, pois sobraram partículas materiais, uma aqui, outra acolá, e da mesma maneira também restaram as antimateriais. Dessa “sobra” é que ambos os universos foram-se constituindo!

Quando a “sopa de quarks e glúons” expandiu-se, tudo o que era matéria e antimatéria explodiu, e disso tudo, no que se refere tão somente ao nosso universo, sobraram 5% de matéria bariônica, que corresponde ao universo visível, como o conhecemos. Esses 5% representam a matéria que sobrou após a aniquilação mútua da matéria com a antimatéria. Além dessa componente (a matéria bariônica), não podemos esquecer das já referidas matéria escura, que funciona como força aglutinadora, e da energia escura, que funciona como “selo de garantia entrópica” de que essa Obra terá um fim, adrede agendado.

O problema é que os cientistas fazem as contas, veem que os números conferem, mas não sabem para onde foi o restante das partículas de antimatéria. A explicação para essa questão é que o Ser que viria a “reconstruir-se” como Brahma/Javé, usou essas partículas antimateriais, de maneira improvisada, para criar um “lugar” paralelo, uma outra dimensão paralela ao universo material que estava a formar-se conforme o “plano original” de Prabrajna e com as “interferências mentais” de Mavatna e de Savna — responsáveis pelas forças aglutinadora e destruidora, respetivamente, do contexto material, como já ressaltado.

O Criador “caído” usou da sua energia mental para criar o Brahmaloka — como os hindus chamam —, o universo de Brahma, paralelo ao universo material.

Como esta Divindade, também chamada de “Prajapati”, demonstrou dúvida e incerteza depois que expeliu a sua Criação “singular”, foi por ela “tragada” do mesmo modo que um “buraco negro” faz com a matéria. E, assim, devido à sua hesitação, o seu “Corpo Mental Superior” foi “sugado” pela própria Obra — a exemplo de um cientista louco que, em criando um campo de energia, é “engolido” por esse campo —, e se antes ele era o “Criador”, a partir do momento da sua “queda” ele passa a ser “refém” e “criatura” da sua própria Criação. Então, o Ser chamado “Brahma” é o nome que a Divindade Prajapati assumiu depois que se tornou “prisioneira” e se reconstituiu na sua própria Criação — os arianos-hindus é que contam isso.

Por ter sido “tragada” pela própria Criação, a mente poderosíssima de Prajapati não pôde concluir o seu “Projeto”, o seu “Modelo Operacional” e, então, a sua Obra ficou “imperfeita”. Os arianos-hindus também dizem que uma outra Divindade Cocriadora promoveu, na sua mente, mais uma Guna que ajudou a estruturar o universo criado pela energia Rajas de Brahma. Assim, surgiu a energia Sattva, advinda da mente de Mavatna — que depois de “mergulhar” na Criação “indevida” passou a ser conhecido como Vishnu —, cuja intenção era a de preservar a Criação, dando coesão à energia primária expelida por Prajapati (também conhecido como Prabrajna), sua Coirmã em Divindade.

A Mavatna caberia, como sempre coube, dar o “Modelo de Criação” possível de ser edificado no meio do “caos primeiro” do universo cujo “Princípio Criador” pertencia a Prabrajna — e é por isso que Vishnu, na tradição hindu, é conhecido como “O Preservador”.

Entretanto, como esta Obra foi gerada de modo imperfeito e, portanto, tornou-se “imperfeita”, ela teria que ter um fim. Assim, uma terceira Divindade — Savna — expeliu, da sua energia mental, uma outra Guna chamada “Tamas”. A Savna cabe, no “Jogo” entre as três Divindades, a responsabilidade da dissolução de todas as formas surgidas ao longo da “história universal”, pois a Criação de Brahma sendo “imperfeita”, teria que ser necessariamente transitória e, portanto, deve ter um fim. Quando tudo acabar, caberá à mente de Savna, através de um avatar seu (conhecido como Hara), que já foi urdido, absorver as “cinzas” e/ou impurezas deste Universo.

Sob essa perspectiva, o “Xadrez Cósmico” começa quando Prabrajna cria. Entretanto, como ele se tornou “refém” da sua própria Obra, Mavatna a mantém, dando-lhe um “Programa Operacional” coerente, enquanto ele busca um modo de ajudar a sua Coirmã em Divindade, que “caiu” e ficou “prisioneira”. E enquanto tudo isso se processa, a energia Tamas de Savna vai destruindo as formas que estão a atrapalhar o progresso desta Obra “imperfeita”, e preparando-se para, no final, quanto tudo estiver resolvido, ele mesmo possa absorver o que não deveria ter sido criado — ou seja, a energia Tamas prevalecerá.

As quatro forças integradoras que fizeram com que a energia Rajásica de Prabrajna se juntasse para criar o mundo material foram as forças nuclear forte, nuclear fraca, eletromagnética e gravitacional — todas essas forças são da energia Sattva. A energia Sattva organizou a energia Rajas. A força nuclear forte uniu os prótons e neutrons num núcleo atômico, enquanto a força nuclear fraca colocou o elétron junto desse núcleo, surgindo, assim, o átomo, que é a base do mundo material.

Para um átomo juntar-se com outro foi necessário a força eletromagnética — a união dos átomos forma as moléculas, e essas constituem a matéria. A atuação da força da gravidade foi necessária para que a matéria inorgânica se juntasse formando as galáxias, com as suas estrelas, planetas e demais corpos celestes. Desse modo, surgiu o universo material que conhecemos.

Assim, os hindus relacionam Brahma, Vishnu e Shiva às energias Rajas, Sattva e Tamas, respetivamente. Essas três Gunas

correspondem aos três pilares de criação, dando sustentação a esta Obra durante um tempo em que se espera que possa surgir uma solução para o “drama” dos que aqui vivem, e assim a garantia da dissolução desta Criação que jamais deveria ter existido.

Em outras palavras, Prabrajna criou, utilizando-se da sua energia Rajas — um tipo de energia mental que ele utilizou para configurar, arquitetar e construir a Criação.

Savna utilizou a sua energia Tamas, que é recicladora, destruidora. Mavatna, vendo que havia tempo, dado por Savna, entrou com a sua energia Sattva, para organizar a Criação, ou seja, ele trabalhou a energia Rajas, de modo que ela se organizasse.

A energia Rajas vai durar enquanto a energia Tamas, responsável pela entropia², permitir. Durante esse tempo, Mavatna conseguiu construir, com a sua energia Sattva, todos os corpos estelares deste universo, o que permitiu surgir o fenômeno da vida — porém, a vida aconteceu no nosso universo porque Brahma, Vishnu e Shiva precisavam de seres inteligentes que pudessem resolver o que eles não tinham condições de analisar ou solucionar.

Quando Prabrajna “caiu” e ficou “refém” da sua energia Rajas, as partículas não se juntavam para constituir algo, e Shiva já tinha colocado a sua energia para destruir a Criação após decorrido um certo tempo de duração desta. Vishnu concluiu que tinha cerca de

² O que chamamos de entropia é uma energia desagregadora, a destruidora do universo, que faz com que tudo nasça com o “germe” da sua própria morte; é um tipo de “selo de garantia” do final de uma Criação que sequer deveria ter sido iniciada.

algumas dezenas de bilhões de anos (terrestres) para criar “Projetos” que permitissem surgir mundos — nesses mundos, mais tarde, seria colocado o “Código-fonte Definidor Pessoal” (CFDP) do Criador, objetivando-se que, num certo momento, Brahma conseguisse “reconectar-se” com a sua alma.

O grande problema desta Criação é que as criaturas-ferramentas têm que passar pela experiência da morte, porque esta Obra não foi finalizada, ou não pôde ser. Esse é o drama que enfrentamos por causa da entropia que destrói tudo — nem tudo é carma, como dizem os espíritas.

Dos três poderes que atuaram na Criação, quem de facto preside o processo é Savna — que se tornou Shiva depois de já “mergulhado” na Obra “indevida”. A energia Tamásica dele é a mais forte em atuação, e é por isso que tudo já surge com o “germe” da sua própria destruição. Pelo facto de o Criador não ter conseguido concluir a sua Criação, que ficou “defeituosa” e com risco de surgirem nela “monstros eternos”, Savna expressou a sua energia Tamas, ajudando com o seu poder de destruição, pois nada de bom haveria de vir da Obra de Prabrajna. Assim sendo, nesta Criação há a prevalência da energia Tamas e a inevitabilidade do fim de tudo que existe nela.

CAPÍTULO 4

O Bhuloka, O Brahmaloça e o Criador “Caído”

Quando a Singularidade — o “Big Bang” —, expressada por Brahma com a sua energia Rajas, surgiu há 13,8 bilhões de anos, Mavatna precisou fazer uso mental da sua energia Sattva para “moldar” ou “arquitetar” a Criação prematuramente expelida, enquanto Savna “expressou” a sua energia Tamas como um tipo de “selo de garantia” de que a mesma teria um fim.

Atualmente, esse “selo de garantia” é chamado pela ciência de “entropia”, sob um certo aspeço, e por outro, de “energia escura”.

No momento em que Prabrajna estava “a cair”, para o seu subconsciente, ele estava em Perpérion, no âmbito de um “Laboratório”, e tinha expressado uma Criação da qual ele não fazia parte. Para ele, esta Obra seria como um quadro que um artista vai pintando, no qual a pintura é uma coisa e o artista é outra, pois ele jamais pretendeu participar da sua Criação, “projetando-se” ou mesmo “mergulhando” nela como ser vivente.

Ao ser “tragado” — ou “empurrado”, pois essa dúvida permanece —, Prabrajna não teve consciência do que estava a acontecer durante a sua “queda”. Como a Criação ainda não estava finalizada,

quando ele “caiu”, teve que improvisar um outro universo (o Brahmaloka, o universo antimaterial) adjacente ao que surgiu (o Bhuloka, o universo material) com o “Big Bang”, para continuar a ter a sensação psíquica de estar num “local” onde ele pretendia “cuidar” da formatação da sua pretensa Obra-universo original, do mesmo modo como um artista se dedica ao seu quadro durante o ato de pintá-lo.

Prabrajna perdeu toda a sua condição de Divindade quando “caiu” na própria Obra, pois o seu Corpo Mental fragmentou-se. Numa pobre analogia, foi como se os “neurónios do seu cérebro Adhyatman” se tivessem despedaçado e se transformado nos elétrons e pósitron (antielétrons), existentes respetivamente no Bhuloka e no Brahmaloka. Ele não se lembrava de nada, inclusive do universo material que se formava, e já não estava com a capacidade que tinha antes, em Perpérion. Entretanto, criou um “lugar” para ficar e passou 600 milhões de anos tentando “reconstruir-se”.

No princípio, não havia luz nos universos material e antimaterial — tudo era escuro. A primeira estrela no nosso universo surgiu em algum momento, por volta das duas ou três primeiras centenas de milhões de anos a partir do “Big Bang”.

Os átomos de hidrogénio terminaram compondo as estrelas, porque Mavatna havia conseguido agregá-los por meio das forças nuclear fraca, nuclear forte, eletromagnética e gravitacional, produzindo esse cenário no universo material.

Entretanto, a antimatéria improvisada pela mente de Prabrajna em plena “queda”, jamais pôde ser planeada e organizada, e por isso não havia luz no universo de Brahma/Javé — o universo antimaterial era feio e totalmente escuro. Sozinho e sem comunicabilidade, durante 500 milhões de anos ele não viu, percebeu ou compreendeu coisa alguma do que estava a acontecer com ele.

Como a consciência de cada um é ininterrupta, se o corpo morre, ela continuará a existir como se fosse o mesmo “eu” — essa sempre é a inevitável sensação que domina o psiquismo nos próximos segundos após a morte corporal, o que faz com que cada um continue a ser exatamente quem pensa que é —, e por isso pode demorar um certo tempo para que se perceba que o corpo morreu. Uma situação similar ocorreu com Prabrajna no princípio dos “tempos dramáticos” que deram início à vida que conhecemos.

Prabrajna “caiu”, e o Brahma/Javé que surgiu foi o “próximo momento” dessa Divindade “reconstituída” após a sua “queda”. Ele acordou dentro desse antiuniverso sem ver e sem compreender nada. É dito que ele levou cerca de 600 milhões de anos para se “reconstruir”, sofrendo as terríveis “dores eletromagnéticas” do seu psiquismo, já que o seu Corpo Mental que ele possuía na condição Adhyatman foi violentamente “tragado” pela própria Criação, sem poder ser ajudado.

Então, após a sua “queda”, o Criador ficou totalmente “refém” da sua Criação, criou o universo paralelo (o Brahmaloça),

reconstruiu-se em um “corpo holográfico” — e assim permanece na “morada de Brahma” (a Brahmaloka) até estes tempos atuais.

Ele fez tudo isso com o que lhe restou de energia mental. Brahma percebeu que podia comandar as partes do seu “corpo holográfico” que fluíam, e assim começou a adestrar-se em dar ordens aos antielétrons, que são os “tijolos” de construção do universo antimaterial.

Ele passou a ver-se como um “Ser Múltiplo”, quando várias partes do seu corpo ficaram a funcionar como criaturas-ferramentas não necessariamente ligadas ao corpo dele. Eram criaturas sem forma definida, clones gerados a partir do seu próprio código — que ele rearranjou como sendo o seu novo “genoma pessoal” ou “código-fonte definidor da sua nova situação existencial” —, surgindo assim algo que ficou parecido com um “exército de formas clonadas” a partir de Brahma — o famoso “exército de anjos de Javé”.

Com o tempo, ele foi dando ordens a esses seres, que o obedeciam cegamente. Assim, iniciou-se a composição de um “Ser Múltiplo”, de um circuito que funcionava a partir de um Ente e os seus anjos-clones.

No Brahmaloka, durante 1,6 bilhão de anos desde o início da Criação, Brahma ficou urdindo esses seres e tentando dar alguma função a eles, ainda que nenhum possuísse identidade e todos fossem partes robóticas da sua vontade.

A “queda” de Prabrajna causou um padrão terrível de estresse extremo¹ na sua Consciência ininterrupta. Mesmo nesse regime de estresse constante e superlativo, ele “recriou-se” da maneira que lhe foi possível, reconstruindo uma “sede para o seu Eu”.

Inicialmente, ele tentou reunir os antielétrons e os demais constituintes dos antiátomos para formar um corpo e nele se “reestruturar”, pois que essa é a atitude mental básica da concepção psíquica de qualquer tipo de ser, ou seja, a de se sentir acoplado a um sistema representativo e, ao mesmo tempo, “sede” — algum tipo de cérebro ou processador — do seu “Eu Psíquico”. Nesse primeiro intervalo do tempo universal (cerca de 600 milhões de anos), ele não tinha uma identidade possível de ser classificada, pois não conseguia expressar uma atitude mental que definisse um corpo e, então, os seus antielétrons não se aglutinavam de modo a constituir um sistema operativo que replicasse células como, mais tarde, viria a surgir com a vida biológica. Enfim, ele jamais conseguiu edificar ou compor um corpo.

Esse foi o primeiro estágio da tentativa de Brahma de reconstruir para si uma forma que pudesse “assentar ou dar guarida ao seu tipo psíquico, que ele continuou a ter” após a “queda”. Ressaltando: ele fez isso no Brahmaloka, não no universo material, onde atualmente nós, os humanos, vivemos — por sinal, o “Eu” dele continua por lá.

¹ Uma situação de estresse extremo é capaz de promover mutações no DNA, que podem adoecer ou curar um organismo, ou causar alguma outra mudança, e esse tema tem base científica — ver o filme “Deadpool”.

Um dos aspetos do Brahmaloka é que esse universo mental, antimaterial, não tem regras próprias definidas, pois foi “improvisado” — em um ato mental desesperado — durante a “queda” do Criador. Por outro lado, o Bhuloka — que é o universo material onde vivemos — tem regras perfeitamente definidas, pois que chegou a ser planeado, pensado e calculado de algum modo, aspetos que a ciência terrena está a conseguir decodificar por meio das áreas da Matemática, Física, Química, Biológica, etc.

Portanto, o Bhuloka foi planeado, mas jamais pôde ser finalizado devido ao problema do seu Arquiteto, que veio a “cair” no âmbito interno da própria Obra. As regras que nele existem nunca vieram a ser aplicadas no universo antimaterial porque tal definição não foi “pensada nesses termos” na época do “planeamento”, e até agora, Brahma não conseguiu dar estrutura de sustentabilidade ao seu universo demoníaco².

O nosso universo é formado por galáxias, estrelas, planetas, satélites, dentre outros bólidos celestes, que funcionam conforme certas leis, e algumas delas, que a ciência conseguiu descortinar até o momento, explicam como o universo surgiu e se organizou nos seus estágios iniciais. O universo antimaterial, porém, não é igual ao nosso, pois o seu espaço-tempo jamais funcionou adequadamente e, na atualidade, ele encontra-se dividido em incontáveis “moradas” improvisadas pelas forças mentais dos

² Tudo o que existe no âmbito de qualquer Criação é e será sempre um “jogo” entre o que entendemos como energia e matéria, indo e vindo, de um estado a outro, bilhões e bilhões de vezes em um segundo. Um universo precisa ter regras definidas e exequíveis, sob pena de jamais funcionar de modo adequado. Um universo “improvisado”, como também um ser demoníaco, devido à origem “complicada”, não podem ter identidade definida, e por isso, o primeiro fica a ser sustentado pelas mentes que o habitam, enquanto o segundo permanece em estado de desequilíbrio no campo da indefinição psíquica, metamorfoseando-se.

demos que, numa disputa perene e incansável, fornecem sustentabilidade às suas frágeis estruturas. O curioso é que eles “gabam-se”, a todo momento, de que as suas mentes sustentam o universo, mas isso só é real quanto ao Brahmaloka, e não ao Bhuloka, que funciona independentemente do que Brahma, Vishnu, Shiva e outros queriam ou possam querer.

Imaginava-se que o nosso universo se expandiria até certo ponto e depois retroagiria, voltando ao ponto inicial. Os cientistas perceberam que isso não vai acontecer porque a expansão do universo acelerou desde há cerca de 4 bilhões de anos.

Assim, a energia escura — que também podemos entender como “entropia” — está a destruir este universo, lentamente, como se o “rasgasse”, decompondo-o até o limite. No início do universo, essa energia começou com 1%, e foi fazendo-se mais presente, subindo em grau de importância frente às duas outras energias, passando definitivamente a presidir a destinação universal. Atualmente, está em cerca de 68%.

Quando chegar a 100%, todo este universo se dissolverá, deixando de existir, a exemplo dos fogos de artifício que, após explodirem em som e imagem, lentamente vão se apagando.

Como Savna percebeu que Mavatna tinha criado uma possibilidade de vida inteligente dentro da Criação de Prabrajna que pusesse ajudar o Criador a sair de lá, a sua energia Tamas foi depositada em intensidade mínima no início da história do universo,

dando o tempo necessário para se criar um modo de resolver o problema de Brahma. Entretanto, com o passar do tempo, essa energia destruidora, sempre crescente, se imporia às demais, inclusive às forças aglutinadoras de Mavatna, levando esta Criação ao seu previsível fim.

Por outras palavras, quando Prabrajna expeliu a sua Criação, Savna decidiu usar a sua energia para extingui-la antes dela criar problemas, e Mavatna apoiou essa decisão.

Entretanto, quando Savna ia encerrá-la, Prabrajna “caiu” na própria Obra. Então, Savna decidiu não destruir esta Criação naquele momento, e “segurou” a sua energia já expelida, deixando que ela fosse vagarosamente agindo, até que viesse a completar 100% de atuação, quando esta Obra será finalizada — ou seja, ele daria um tempo para tudo se resolver, e Brahma poder sair, reconstituindo-se como Prabrajna.

Atualmente, sabe-se que o nosso universo é composto de pelo menos 200 bilhões de galáxias. Essas galáxias estão afastando-se umas das outras. Como já explicado, os cientistas tinham a ideia de que, um dia, a gravidade das galáxias parasse esse afastamento e tudo se juntaria até voltar ao ponto inicial da Singularidade. Contudo, estranhamente, perceberam que a velocidade com que as galáxias se separam umas das outras está a aumentar. Está a haver uma aceleração da expansão do universo porque existe uma energia Tamásica, entrópica, de Savna, ou seja, uma energia escura que agora preside e que é superior à força da gravidade, que tenta juntar tudo.

No universo material, a força entrópica tem vindo a aumentar gradativamente, até que, daqui a algumas dezenas de bilhões de anos, ela será tão forte que desagregará todos os átomos, destruindo tudo.

As galáxias do nosso universo estão a afastar-se, ou seja, o espaço entre elas está a alargar-se, mas os espaços internos de cada galáxia não se alteram. Quando os espaços entre as galáxias forem muito grandes e rasgarem-se, os espaços dentro das galáxias também vão começar a abrir-se, e tudo dentro delas vai despedaçar-se. Isso é o que a entropia faz!

A seta do tempo no universo material é sempre numa única direção, e há duas tónicas terríveis nesse ponteiro universal. Sempre tem um momento presente a ser cumprido, sobre a sensação de um passado, e sempre temos a percepção de que virá um novo momento presente. Ou seja, o império do momento presente gera em nós a ilusão de que há um passado e que o futuro virá. Então, sofremos pelo peso das coisas mal resolvidas que colecionámos no passado e pela nossa incapacidade de construir um futuro — não vivemos o momento presente devido à pressão de um passado mal resolvido e à ansiedade de um futuro incerto, que nos aguarda.

No universo antimaterial, a entropia começou no momento “zero” e, de repente, parou e inverteu-se, iniciando um tempo negativo. Caso tal acontecimento tivesse ocorrido no universo material, seria como se a expansão pela energia Tamásica se detivesse, e a força gravitacional juntasse tudo novamente,

transformando o tempo em algo negativo. Nesse caso hipotético, o tempo passaria ao contrário no psiquismo dos seres do universo antimaterial, mas nós não sentiríamos isso deste nosso lado da Criação — apenas veríamos a aproximação das galáxias e de tudo o mais.

O problema é que os “buracos negros” que notamos no nosso universo também são percebidos a partir do universo antimaterial, mas só que, estranhamente, os mesmos estão vinculados às mentes dos seres demos, que lá existem. Mais estranho ainda, é perceber que esse tipo de ligação não acontece com a mente dos anjos-clones.

No psiquismo dos seres do universo antimaterial, o que eles construíram está agora a ser desfeito, porque o Brahmaloka é um universo mental — isso já está a acontecer no Brahmaloka há muito tempo, pois o mesmo está a ser destruído pela energia Tamas, de Savna.

Há cerca de 4,5 bilhões de anos, no decorrer do “Projeto Talm” (assunto a ser abordado no capítulo 13 deste livro), é que a Trimurti soube que o nosso universo material estava a expandir-se — como já informado, a partir de 9 bilhões de anos desde o “Big Bang”, a expansão começou a acelerar, ou seja, a energia de Savna prevaleceu sobre a gravidade.

A energia de Savna também prevaleceu no universo paralelo ao nosso num mesmo momento, pois a energia entrópica fez com que

as lokas começassem a ser destruídas — no universo material temos galáxias, enquanto que existem lokas no universo antimaterial, que são criadas com o poder mental dos que lá residem.

Este universo material ainda tem mais umas boas dezenas de bilhões de anos pela frente, enquanto que o universo antimaterial não chegará sequer a algumas centenas de milhões de anos — quando tudo por lá vai acabar. Todos os seres que lá vivem, terão que vir para este lado da Criação, inclusive Brahma, que está desvinculado da sua alma. Atualmente, o que ainda resta da organização mental decente nesta história — refiro-me ao “Codificador de Zion”, sobre o qual escrevi o livro “O Quarto Logos” —, está a acelerar o processo para que possam ser criadas espécies cósmicas no nosso universo material, capazes de “receber” (ou seja, permitir a “imantação”), sem grandes problemas, os espíritos dos seres do universo antimaterial cujas condições Adhydaiva comecem a perecer.

A existência do universo, o surgimento da vida no âmbito interno do universo e o aparecimento da razão são os três grandes enigmas que a ciência, a filosofia e a religião, cada uma à sua maneira, procuram entender e compreender.

Quanto ao surgimento do universo, a ciência e a religião concordam. A religião estabeleceu que foi “Deus”, no sentido da fé, mas não comprova, e a ciência, através dos postulados quânticos, afirma que houve, sim, uma “Consciência” que fez colapsar uma realidade em meio a incontáveis comprimentos de ondas no campo

da probabilidade, que existiam antes. O “Big Bang” foi a Singularidade que surgiu menor que o tamanho de um átomo e, atualmente, tornou-se este universo que conhecemos.

Detalhes à parte, a ciência — no que se refere aos esclarecidos cientistas quânticos — e a religião conseguem admitir que existe uma “Consciência Criadora”. Atualmente, temos a questão do conceito de um “Deus Criador” muito mais posto pela ciência do que pela religião, porém não conseguimos observar esse aspeto.

A ciência só procura saber como as coisas acontecem, enquanto a filosofia pergunta por que elas acontecem, e a religião, ainda que não demonstre, dá respostas para essas duas questões, mas alicerçada em fé, na revelação que cada religião tem. Ou seja, a religião simplesmente estabelece respostas para aquilo que a ciência e filosofia não conseguem decifrar. Convenhamos que esse não é o melhor caminho a seguir!

O curioso é que, bem antes que as religiões surgissem, as mitologias já falavam desses três grandes enigmas citados acima. Segundo a mitologia, houve um “problema” e surgiu este universo, que capturou um tipo de “doença” que já existia e, portanto, a vida que surgiu veio com “traços problemáticos” da Criação indevida. A razão foi-se desenvolvendo nas diversas classes de demônios que foram surgindo ao longo do tempo, e dessa evolução do modo como esses seres pensavam e levavam a vida, talvez tenha surgido a única solução plausível para o problema.

O conhecimento do “Projeto Talm” permite que se desvende os enigmas sobre a existência do universo, o surgimento da vida no seu âmbito interno e o aparecimento da razão, questões ainda a serem explicadas pela ciência, filosofia e religião. Isso é o que, em tese, ainda está oculto. E permanece oculto porque não houve tempo, nem forma e agentes de revelação para que esses assuntos pudessem ser resgatados, postos no presente com linguagem científica e filosoficamente corretas para que tudo isso venha a ser esclarecido.

Isso será, como está a ser, tão somente o início da “Revelação Cósmica”.

CAPÍTULO 5

O “Mergulho” de Savna

Devido a “questões misteriosas” dos elétrons, há 1,63 bilhão de anos após a Criação, os Seres Adhyatman traçaram um plano para ajudar a Divindade Coirmã “caída”. Como parte desse planejamento, Savna resolveu renunciar à sua condição Adhyatman e, portanto, “suicidar-se” — ressalto que a utilização da expressão “suicidar-se” não é adequada, mas obrigo-me a usá-la para provocar reflexão.

Savna assim procedeu para libertar a sua condição Adhyagia, o seu espírito limpo, visando “mergulhar” de modo bem organizado para não se “magoar” e poder fazer da sua atitude um projeto proveitoso. O seu espírito foi liberado para ser um daqueles que estavam a ser imantados nos anjos-clones que Brahma não cessava de criar — quanto mais tempo passava, mais clones o Criador produzia.

Ao “mergulhar” na Criação “indevida” há 12,17 bilhões de anos, a alma de Savna imantou-se como um anjo-clone, e passados cerca de 230 milhões de anos, ele iniciou o processo de provocar a emergência da sua própria Consciência Espiritual. Esse processo durou quase 400 milhões de anos, e durante esse período, a alma de Savna foi sendo “despertada” por ele mesmo, enquanto fingia que era um simples anjo-clone robotizado. Brahma não imaginava

que um dos seus anjos-clones era, então, a personalidade de um dos oito Seres Adhyatman que tentaram impedir e, depois, concertar a sua Criação, antes dela ser expelida.

Sendo apenas um anjo-clone, a consciência “mergulhada” de Savna ficou deduzindo, durante os já referidos cerca de 400 milhões de anos, o que fazer para resolver a situação, porém fingindo, o tempo todo, que não estava “desperto” — os anjos-clones eram e ainda são como máquinas, mas muito diferentes de qualquer coisa que conhecemos.

Mais tarde, ele chegou à conclusão de que teria de destruir Brahma, pois enquanto esse ficasse vivo, continuaria a poluir, cada vez mais, o Brahmaloça ao engendrar seres tão ou mais “doentes” do que ele próprio — isso porque todos eram criados a partir de Brahma, um Ser que conseguiu “reconstruir-se” totalmente “apodrecido”¹ e “canceroso”.

O anjo-clone “desperto” não descobriu um meio de aniquilar a “condição recriada” de Brahma, e também não conseguiu manter um padrão de comunicação com a Espiritualidade, inclusive com os demais Seres Adhyatman que ficavam em Perpérion.

Foi quando, no limite do impasse, agrediu Brahma de modo “traíçoeiro”, não para matá-lo, mas para impedi-lo de continuar a criar mais seres da maneira que ele estava a fazer. Então, cerca de

¹ Utilizo-me das expressões “podre” e “apodrecido” para me referir a algo “malsucedido”, que implodiu sobre si mesmo, e que se tornou o oposto extremo de “sublime” ou “sagrado”.

2,2 bilhões de anos após a Criação, esse anjo-clone agrediu Brahma violentamente, tentando acabar com a sua capacidade de se replicar, pois essa era a única maneira de fazer o Criador parar de complicar ainda mais o terrível “problema” — segundo o que atualmente se pode revelar.

Foi um momento conturbado no Brahmaloka porque, pela primeira vez, de modo claro, Brahma percebeu que não controlava a Criação, e que “algo mais” existia além dele.

Esse anjo-clone foi considerado “rebelde” porque destruiu “uma das cabeças” de Brahma para impedi-lo de continuar a criar seres iguais a ele, pois que o universo antimaterial estava cheio de formas monstruosas, todas urdidas a partir de um Ser que, em se vendo sozinho no âmbito de uma Criação que nem ele mais “dava conta”, perceberam mutantes, já que se metamorfoseavam.

O Criador ainda tentou matar aqueles novos tipos de Seres, mas percebeu que isso não lhe era possível. Aqueles novos Seres mantiveram todo o poder que tinham quando eram anjos-clones, mesmo sem os corpos anteriores deles. Brahma bem que tentou dar ordens aos novos corpos que surgiram daquela contenda, todavia, como esses Seres perderam as suas formas anteriores, eles não precisavam mais obedecer aos comandos do Criador.

No Brahmaloka, portanto, passou a existir esse novo tipo de ser, que foi chamado de “demo” ou “demónio”².

A “pancada” de Brahma foi tão forte que esses Seres, a exemplo da “doença” do Criador, que não lhes permitia ter uma forma pacificada, também não conseguiam alinhar-se numa determinada personalidade, o que os levava a metamorfosearem-se constantemente.

Inclusive, até aos tempos atuais, todos os demos — ou demónios — que foram descendentes desses Seres praticam o processo da metamorfose, não porque o desejem ou como modo de demonstrarem poder, porém pelo simples facto de serem muito “doentes”.

A cultura demoníaca que existe atualmente em todas as “moradas” do Brahmaloka relata que os demos surgiram do “fogo”, e por isso são superiores aos humanos, que além de serem animais, surgiram do “barro” — ou seja, foram criados a partir dos elementos químicos existentes na Terra.

O trágico é ter que explicar para eles que o “fogo” de onde surgiram foi resultante da explosão que destruiu os corpos do anjo-clone “rebelde” e dos seus “seguidores”.

² Antigamente, a humanidade entendia que anjos, deuses e demónios podiam ser bons ou maus — assim como, atualmente, identificamos espíritos e homens como bons ou maus —, dependendo do critério de análise aplicado. Entretanto, no século II a.C., em Alexandria, foi definido que Deus e anjos eram sempre bons e demónios sempre maus, o que explica a aversão que os humanos terrestres da atualidade têm por qualquer referência a “demos” ou a “demónios”.

Então, quando Brahma revidou e atacou o anjo-clone “rebelde”, destruindo o seu corpo, foi desse modo que surgiu a figura de Shiva, criando-se assim a estirpe demo. Vishnu surgiu mais tarde, na descendência de Shiva. Quando esses três Seres passaram a dividir o comando da Criação, eles constituíram a Trimurti. Eles também instituíram a Lila como sendo um tipo de estatuto.

Ao assumir-se como Shiva, e por possuir tanto ou mais poder que o próprio Brahma, passou a contar com uma linhagem de demos que dele descenderam e que não seguiam as ordens do Criador, mas as suas. O grande problema era que, enquanto possuía um corpo de anjo-clone, ele lembrava-se do motivo de estar na Obra de Prabrajna, porém, depois que virou um demo, ficou desconetado de todo o “projeto” idealizado quando estava como um Ser Adhyatman — ou seja, “mergulhar” na Criação “indevida” para ajudar a Divindade “caída”.

As “contendas”, que até há bem pouco tempo tiveram lugar nestes dois universos, só começaram a existir depois que o anjo-clone “rebelde” manifestou-se na Criação, quando Brahma e ele, já como Shiva, começaram uma disputa para ver quem a dominava. Esse “Jogo” que começou há cerca de 2,2 bilhões de anos desde o início do universo, durou mais de 10 bilhões de anos — porque a mentalidade demo só se movimenta quando motivada com algo que acione o ego demoníaco —, e perdurou até o ano de 2015. Enquanto nós, os humanos terrestres, podemos movimentar-nos por amor e altruísmo, os demos não conseguem proceder desse modo porque

não possuem razão filosófica³. Eles não têm esses sentimentos superiores, e só se movimentam se tiverem a sensação de que podem ganhar alguma coisa.

Ao produzir “O Drama Cósmico de Javé” e “O Drama Espiritual de Javé”, passei por todo tipo de crise consciencial porque, nesses livros, fui obrigado a afirmar que os “Senhores da Trimurti” — Brahma, Vishnu e Shiva — estavam visivelmente com “câncer”, ou seja, que as suas formas Adhydaiva, nas quais eles existiam há bilhões de anos, têm essa “doença”, e que Brahma, em especial, é apenas uma “projeção holográfica” do Corpo Mental que ele ostentava antes da sua “queda”, pois a sua alma não conseguiu “imantar-se” ao seu “Eu” reconstruído no âmbito interno da Criação. Sei que estas afirmações parecem absurdas para nós, mas é isso mesmo que os factos apontam, Brahma e Shiva atestam e Vishnu assim afirmava até que se desconstituiu em 2016. Vejam como o assunto é absolutamente fora do parâmetro, sério e fere suscetibilidades!

Brahma (ou Javé) nunca “encarnou” na sua Criação porque esse Ser é uma mera “projeção holográfica real” da sua própria mente, e não tem alma.

Diante dessa perspectiva, Savna e Mavatna baixavam os seus níveis vibratórios de maneira a poderem interagir com ele enquanto

³ A razão filosófica é a capacidade mental que permite a um indivíduo chegar a conclusões a partir de premissas e fundamentos filosóficos adotados, que homenageiam o “belo” e que possam valorizar as emoções, como a empatia, por exemplo, além de gerar posturas psíquicas emocionais extremamente complexas como as do altruísmo. Ou seja, é a capacidade de sentir emoções sutis, valorizá-las e racionalizá-las.

criavam processos e projetos para ajudar no soerguimento de todos os que terminaram por se obrigar a “mergulhar” nesta Obra e, portanto, fazerem um — atente o leitor para a palavra que vou utilizar — “favor” ao Criador.

Vivendo nesta Criação, não existe um só ser cujo espírito não esteja “imantado” numa atitude de “solidariedade amorosa” para com a Divindade que criou algo que não deveria, e que terminou por tornar-se “refém” da própria Obra. E o pior é que não há “passaporte” que nos evite o sofrimento, ainda que diante de uma atitude tão “caridosa” quanto esta, porque todas as formas existentes nela surgiram a partir do código genético “doentio” que o Criador distribuiu para que, um dia, ele pudesse “reintegrar-se” à sua alma, recuperando assim a “Condição Divina”. O próprio Shiva, num livro chamado “Shiva Samhita” — uma coleção de ensinamentos de Shiva sobre hatha yoga —, afirma: “..., pois este Universo, na sua totalidade, é permeado pela angústia” (Cap 1, 29).

Sob esta perspectiva, todos os seres desta Criação são apenas criaturas-ferramentas que estão a ser utilizadas não por Javé, mas pelos nossos próprios espíritos, para ajudá-lo. Contudo, até ao tempo cósmico correspondente ao momento terreno do ano 2015, ele não tinha consciência disso — e tanto não tinha que existia a questão desses “Deuses” “discutirem” a “autoria” e “disputarem” a supremacia sobre a Criação.

Brahma tomou conhecimento da existência do universo material através de Mohen So (ver a nota 15), por ocasião da introdução do “Projeto Talm”. Ele só soube do contexto além da Criação — a

Espiritualidade Superior e os níveis espirituais mais baixos, como Perpérion, dos Adhyatman, que fica na Espiritualidade Laboratorial — nos últimos 170 anos, aproximadamente, desde a codificação da “Revelação Espiritual” em uma “loka-prisão” do universo antimaterial, e era um avatar de Vishnu, criado sem “lacre”, para equacionar os problemas da Trimurti, mas com “dispositivo de destruição” na sua “morada”, conforme exigência de Brahma, para ser eliminado caso fugisse do controle dessa Tríade. Mohen So descobriu a existência do universo material e foi o autor do “Projeto Talm”. Ele desconstituiu-se em 2017 — assim como Vishnu, que assim o fez já em 2016 —, para “fortalecer” Sophia, o Cristo Cósmico, outro avatar de Vishnu, mas do nosso universo material.

Isso permite aos nossos espíritos terem uma “folga” para despertarem os seus egos e tornarem-se responsáveis pelas próprias atitudes, não sendo como robôs, que apenas obedecem ordens — principalmente as de Brahma (ou Javé).

CAPÍTULO 6

O “Contexto Demo” do Brahmalo

A “epopeia dos agentes da vida universal” começou, portanto, a partir das diversas “moradas” — ou lokas, em sânscrito — que caracterizam o modo como o universo antimaterial se divide e se compõe.

Como já explicado, o Ser conhecido como Shiva é o produto da morte do corpo anjo-clone que ele tinha e que foi destruído por Brahma. Os demos — essa classe de seres que não existia antes da Criação — surgiram após a personificação de Shiva nesses termos. Da personalidade de Shiva, surgiu a “conceção demo”, que definiu o “contexto demo” da Criação, conforme relatado no livro “As Estâncias de Dzian”¹: “Ouvi, filhos da terra, os vossos instrutores, os filhos do fogo. Aprendei, não existe primeiro nem último, porque todos somos um. Aprendei o que nós, descendentes dos sete primordiais, nós, que nascemos da chama primitiva, aprendemos de nossos pais” (Cap. IV, 28 a 29).

No século XIX, enquanto Alan Kardec estava a empenhar-se em compilar as mensagens que os espíritos estavam a endereçar à

¹ Um conjunto de pergaminhos antigos tibetanos constitui “As Estâncias de Dzian” ou “Livro de Dzian”, no qual se baseia a obra “A Doutrina Secreta”, de Helena Petrovna Blavatsky.

humanidade, cuja codificação resultou na “Revelação Espiritual”, Helena P. Blavatsky também fazia um esforço — com muito mais dificuldade que o “Codificador do Espiritismo” — para também sistematizar um conjunto de informações advindas de fontes filosóficas, científicas e religiosas, antigas e modernas, que ela pesquisava. Essas duas codificações consistiam numa intenção da Espiritualidade em reintroduzir, na Terra, certos conhecimentos perdidos, pois ao longo da história ocorreram muitas queimas de arquivos. Entre elas, estão as praticadas por ordens de imperadores e autoridades religiosas, tais como:

- a) Em 612 a.C., pretendendo que a história humana começasse por ele, o imperador assírio Nabopolassar mandou os seus exércitos aniquilarem as informações que existiam antes do seu reinado. Foi assim que quase todo o conhecimento acumulado na biblioteca de Nínive, por Assurbanipal II, um imperador assírio anterior, foi destruído pelo fogo;
- b) Parte da biblioteca de Alexandria foi arrasada por um incêndio, levando um conjunto de quase 600 mil manuscritos;
- c) O imperador chinês Ch’in Shi Huang Ti, há cerca de 2240 anos, quando quis tornar-se o imperador imortal da China e unificar as seis porções de reinos que existiam, mandou os seus soldados acabarem com todas as bibliotecas, resultando na perda de notícias de mais de 20 séculos;

d) E Diego de Landa, frade espanhol, quando chegou à América, mandou destruir milhares de códices maias², pois achou que aqueles livros certamente seriam obra do demónio porque ele, que se considerava um “homem de Deus”, não entendia o que estava escrito nelas.

As diversas queimas de arquivos que ocorreram ao longo da história humana deixaram a mentalidade da nossa espécie totalmente desconetada das referências do passado. Vivemos com um elo perdido no nosso psiquismo, pois não sabemos responder quem somos, de onde viemos, qual o significado da vida e para onde vamos. Portanto, no século XIX, a Espiritualidade entendeu por bem encaminhar uma série de processos reformadores, renovadores, por meio da revelação — a única maneira de agir, encontrada pela Espiritualidade, para resgatar notícias desse passado, destruídas pela nossa ignorância.

Kardec, Blavatsky e Pietro Ubaldi, entre tantos outros, mesmo a trabalharem sozinhos, criaram parcelas de esclarecimento e de resgate de notícias do passado.

Num mosteiro do Tibete, Blavatsky encontrou o já citado livro mítico chamado “Estâncias de Dzyan”. Esse livro aponta para tempos em que, antes da humanidade surgir como ela é atualmente, existiam povos a viverem em continentes como a Lemúria, a Atlântida e o Hiperbóreo. Então, ela escreveu “A

² Os códices maias são livros desdobráveis, confeccionados a partir da casca de algumas árvores, e apresentam escrita de caracteres hieroglíficos maias.

Doutrina Secreta”, reproduzindo muito do que conseguiu capturar desse livro e de outros manuscritos que estudou nos mosteiros do Tibete. O problema é que, quando ela produziu o livro “A Doutrina Secreta”, havia um peso terrível da cultura que a igreja católica criou sobre a concepção de “demônio”.

Conforme explicado na nota 13, há cerca de 2200 anos, o conceito das pessoas que viviam nessa época era de que existia “deus bom e deus mau”, “anjo bom e anjo mau”, “demônio bom e demônio mau”, do mesmo modo que atualmente entendemos que existem seres humanos bons e maus.

Entretanto, em Constantinopla, nessa mesma época, foi definido que só havia “um Deus bom”, que “anjo era bom” e que “demônio era mau”. E esses conceitos foram trabalhados ao longo dos anos que se passaram, numa tentativa de criar pavor nas pessoas em relação aos demônios, inclusive usando essa estratégia para divulgar a falsa ideia de que apenas o catolicismo poderia livrá-las deles, desde que fossem católicas, ou seja, que obedecessem às autoridades religiosas e pagassem o dízimo à Igreja Católica.

Ao divulgar “A Doutrina Secreta”, Blavatsky foi fortemente atacada porque as pessoas daquela época achavam que ela não deveria fazer esse tipo de trabalho por ser mulher, além de desquitada, e porque, em seu livro, ela se referia a seres cujas características pareciam ser demoníacas — a credibilidade pessoal dela foi terrivelmente agredida, e a sua obra terminou por ficar desacreditada.

Blavatsky fez a interpretação possível de ser arquitetada na época quanto aos significados de “filhos do fogo” e de “instrutores”, expressões citadas no livro “As Estâncias de Dzian”, quando estabeleceu um status para esses seres. Desse status, redundou todo um processo de outras denominações que os seguidores do ocultismo, da teosofia e do espiritismo foram romanticamente colocando, como “espíritos da chama”, “espíritos evoluídos”, “fraternidades disso e daquilo”.

No capítulo 5 deste livro, comentei que um dos traços presentes na “cultura demo” é que eles denominam-se “filhos do fogo”, e que tinham uma atitude de desprezo para com o Homo sapiens, considerado como mais uma espécie animal que surgiu na Terra, e achavam-se superiores porque entendiam que haviam “se originado do fogo”, enquanto os humanos terrestres “vieram do barro”, “do charco”.

Quando os demos diziam-se “filhos do fogo”, era no sentido de que a “chama primordial” — a “chama primitiva” — da qual eles nasceram, seria Deus. Essa era uma percepção errada que eles tinham, pois o que de facto ocorreu foi apenas a explosão do corpo do anjo-clone “rebelde” que deu origem ao demo Shiva. Assim, os demos surgiram do “fogo” dessa explosão, mas eles não interpretam desse modo, e consideram-se “filhos do fogo”.

A interpretação de Blavatsky — como a daqueles que trataram desses assuntos —, trabalhada pelo ocultismo, considerando esses seres como se fossem “instrutores” e soubessem lidar com a humanidade, precisa ser refletida sob novas “cores”. Tais seres são

simplesmente os demos que conseguiram evoluir mentalmente, que sabem das informações, mas não conseguem ter senso crítico³ e razão filosófica⁴ suficientes para interpretá-las corretamente.

De maneira diferente dos demos e alguns passos à frente deles em termos de “marco evolutivo”, os seres humanos terrestres — não é pleonismo, pois existem outros seres humanos que não são terráqueos — já nascem com esse senso crítico e essa razão filosófica disponibilizados no DNA da espécie. Fomos a última espécie inteligente gerada e que recebeu toda a atualização do progresso que vem desde os tempos em que os demos surgiram. Blavatsky traduziu muito bem o seguinte texto do livro “Estâncias de Dzryan”:

“Há uma série de enganos que todos nós cometemos e que precisam ser sempre corrigidos. Ninguém é detentor da verdade. Nunca todo esse conjunto de verdades e possibilidades vai caber na mente das pessoas ou no cérebro de um só ser humano. Precisamos deixar de lado a nossa arrogância de que sabemos tudo e que estamos corretos. O ser humano é imperfeito e os nossos frutos são imperfeitos e precisam ser trabalhados”.

O surgimento da estirpe demo foi a “confusão inicial” que dividiu o Brahmaloça, ou seja, o universo paralelo, vizinho ao nosso, em

³ O senso crítico está relacionado com a capacidade que um indivíduo possui de questionar, analisar, julgar, e refletir sobre determinado assunto, na busca da verdade.

⁴ A razão filosófica é a capacidade mental que permite a um indivíduo chegar a conclusões a partir de premissas e fundamentos filosóficos adotados, que homenageiam o “belo” e que possam valorizar as emoções, como a empatia, por exemplo, além de gerar posturas psíquicas emocionais extremamente complexas como as do altruísmo. Ou seja, é a capacidade de sentir emoções sutis, valorizá-las e racionalizá-las.

duas grandes lokas ou “moradas” — a Brahmaloka, onde Brahma e os seus anjos-clones habitavam, e a Shivaloka, onde Shiva e os demais demos passaram a viver.

Após essa divisão inicial do universo antimaterial, milhares de ramificações e linhagens demoníacas surgiram a partir de Shiva, e as primeiras são espetacularmente terríveis e têm formas muito estranhas — até então, não existiam formas humanoides.

Existe uma discordância entre Brahma (o “Primeiro Logos”), Shiva (o “Segundo Logos”) e Vishnu (o “Terceiro Logos”) sobre os “Sete Primordiais” citados no livro “As Estâncias de Dzyan”, ou seja, de qual dos “Senhores da Trimurti” eles seriam descendentes. Esses “Seres Primordiais” — cujo número varia entre sete e nove nas páginas das mitologias — são descendentes diretos de Shiva e de Vishnu. Contudo, como todos os corpos das criaturas vivas que existem nesta Criação originaram-se de um único código-fonte definidor de vida, ou seja, do “Código-fonte Definidor Pessoal” (CFDP) de Brahma, também se pode dizer que os “sete ou oito ou nove Primordiais” são

descendentes do “Primeiro Logos”, pois todos derivam dele — o livro “O Quarto Logos” aborda a atuação dos “Logos”.

Inicialmente, a disputa pelo poder no âmbito interno da Criação era entre Brahma e Shiva — pois Vishnu, o “Terceiro Logos”, ainda não tinha aparecido na Criação —, e consistia sempre num tipo de “Jogo” para ver quem ganhava, porque o que mais mantém um

demo ativo é essa sensação de competição, não só visando ganhar, mas para ver o outro derrotado.

Essa “doença” demo perpetuou-se e potencializou-se de tal modo que praticamente todos os seres humanos sentem, na atualidade, cerca de 13,8 bilhões de anos depois, algum tipo de prazer na derrota ou na queda do adversário — vale ressaltar que o Homo sapiens surgiu a partir do código-fonte definidor de vida demo.

Os demos e Brahma — que assimilou o padrão demoníaco — são “monstruosos” porque, na cultura deles, quanto mais “horripilantes” eles forem, mais temidos e poderosos serão considerados. É por isso que não existem demos “bonitinhos”, ainda que, em tese, eles possam metamorfosear-se, apresentando um aspeto mais agradável aos nossos olhos. Portanto, Brahma e Shiva são os Seres mais “feios” que existem no psiquismo demo, porque eles são os “monstros” mais temidos e poderosos entre eles — esta situação também se aplicava a Vishnu antes dele desconstituir-se.

O padrão humano é tão somente o mais recente, do mesmo modo que a lógica humana também é algo novo e surpreendente, não só no âmbito deste universo, mas no de toda esta Criação.

A lógica humana tem um valor muito grande, pois permite que certos humanos possam tomar conhecimento de factos do passado e decifrar tudo o que aconteceu. Os demos, ao contrário dos

humanos terrestres, não conseguem decifrar o ocorrido, pois não têm senso crítico e razão filosófica para tal.

O humano mais imbecil que possa existir é, ainda assim, algo profundamente valioso, isso porque a lógica humana é preciosa. O problema é que os espíritos que “ocupam” — ou seja, estão “imantados”, encarnados — atualmente à espécie Homo sapiens, fazem mau uso dessa lógica porque estão “doentes”. Houve essa estranha complicação lá atrás, no tempo imemorial, pois assim que surgiu a melhor espécie, ou a única que poderia promover o progresso, esse tipo de corpo — o do Homo sapiens — foi invadido por espíritos “doentes”, advindos dos conflitos da “Rebelião de Lúcifer” e de outras situações problemáticas.

Isso ocorreu porque não há ninguém no comando. O caos existente na Obra na qual hoje vivemos, tornou-se muito mais complexo do que a capacidade de os Seres “adoentados” da Trimurti darem conta da mesma. A Terra vai passar por uma reciclagem, deixando de ser um “mundo de provas e expiações”, no qual qualquer tipo de espírito pode encarnar. Daqui a um certo tempo, somente espíritos “melhores” encarnarão aqui, o que permitirá a especiação do Homo sapiens universo afora.

Chegará o momento em que o Homo sapiens efetivamente começará a cumprir a sua destinação, pois agora, finalmente, esses Seres querem que a nossa espécie a realize — e não há mesmo uma outra opção para eles e a sua desdita.

Num primeiro momento, quando a espécie *Homo sapiens* surgiu, eles tentaram dominá-la, mas isso fracassou. Agora, eles estão a acompanhar de que maneira o contexto terrestre vai comportar-se daqui por diante, porque simplesmente não conseguem entender o que vem depois, enquanto os humanos podem ter um vislumbre do futuro.

E quem vai começar a construir esse “depois universal” é a natureza humana, quando for melhor trabalhada por espíritos mais elaborados, que passarão doravante a substituir aqueles que estão a ser exilados da Terra.

CAPÍTULO 7

O Criador e sua Hierarquia Angelical

Com o ataque de Brahma ao anjo-clone “rebelde” — o que resultou no surgimento de Shiva e da nova estirpe demo —, pela primeira vez na história desta Criação, apareceu o conceito do “Criador Brahma e a sua Hierarquia”, e foi justamente no momento dessa agressão que ele conseguiu mostrar o seu domínio para todos os anjos-clones.

Brahma criou milhões de anjos-clones a partir do seu código de vida, e eles o

obedeciam como robôs, mas alguns rebelaram-se no decorrer do tempo, e muitas revoltas começaram a acontecer — os primeiros 6,5 bilhões de anos da história desta Criação foi um tumultuado “palco de horrores”.

Os anjos-clones têm o seu código-fonte definidor de vida (CFD) “afetados” em 98% ou 99% — no Homo sapiens, o “grau de afetação” é de 3% a 5% —, e por isso eles não têm liberdade para se tornarem seres com personalidade própria, portanto simplesmente obedecem ao Criador.

Na História Universal, houve uma ocasião em que morreu, no universo material, um dos primeiros anjos-clones criados por Brahma (Javé) — ele havia sido engendrado ao tempo em que surgiram os “Deuses Primordiais” — cuja geração completou-se ao longo dos primeiros quatro bilhões de anos da História Universal. Diante dessa circunstância, a “Elite Oculta Universal” começou a pesquisar o que havia acontecido com aquele Ser, pois o mesmo poderia ocorrer com os demais descendentes da Trimurti.

Quando tal se deu, o Senhor Javé (Brahma) entrou em mais um dos seus processos de “quase-implosão psíquica” — que na cultura terrena conhecemos como “depressão” — na realidade paralela a este universo material, onde ele reside. De lá, ele sempre tentava continuar a sua temerária “gestão dos mecanismos universais”, mas devido ao seu estado “depressivo”, a partir de um certo momento, ele “desistiu” de atuar, e uma das suas “equipas” do universo material, formada por Sophia¹ e por alguns anjos-clones das famílias Aya e Aye, é que continuou a trabalhar as questões deste nosso universo.

Então, Sophia passou a residir no sistema solar de Capela, nesta nossa galáxia. Aqui começou a história dos “exilados de Capela”, que Chico Xavier e Emanuel, desde 1938, no livro “A Caminho da Luz”, já resgataram para a atualidade. Foi assim que, para a Terra,

¹ Sophia, a “Personificação da Sabedoria”, também conhecido como o “Cristo Cósmico”, é um ser extraterrestre — ou seja, vive neste universo material, só que em outro planeta. Esse ser cósmico viaja em naves e é um biodemo (portanto, assexuado), pois tem um corpo mais biológico que demo. Ele é o suserano, a maior autoridade deste universo material. Em um momento muito sério no sistema de Capela, enfrentou a chamada “Rebelião de Lúcifer”. Sophia foi engendrado por Mohen So em um “casulo”, e ambos são avatares de Vishnu — Jesus é um outro avatar de Vishnu, e nasceu na Terra a partir da inseminação artificial de Maria com material genético de Sophia.

houve toda uma convergência de mais de duas centenas de milhares de espécies de seres, com características impensáveis para o conhecimento terrestre.

Na sequência, Brahma — já refeito — e Vishnu decidiram que Sophia deveria nascer como um simples homem da Terra, que ficou conhecido como Jesus. Entretanto, como o novo ser terráqueo usaria os poderes dos “Senhores da Trimurti”, já repassados a Sophia, Brahma protestou. Inclusive, por exigência de Brahma, que queria exercer o seu controle, Sophia já foi engendrado com a premissa — uma programação genética — de obedecer às ordens dos anjos das famílias Aya e Aye, que sempre o acompanhavam.

Após Vishnu “negociar” com Javé, esses anjos — que ficavam junto ao “Cristo Cósmico” e que recebiam ordens diretas do “Primeiro Logos” — mandaram Sophia fazer-se homem. Assim, sequências genéticas de Sophia foram removidas dele — de modo “doloroso”, e ele ficou como que “meio” desativado — e depois imantadas em uma “cápsula” que foi inseminada artificialmente em Maria, conforme descrito no livro “A Sétima Trombeta do Apocalipse: a Volta de Jesus”. Durante a sua vida na Terra, Jesus — que ficou indiretamente limitado pelos anjos das famílias Aya e Aye — confirmou o seu “Pai Javé”, mas optou por não submeter ninguém pela força e por não utilizar os seus poderes para dominar a quem quer que fosse. Já desconfiado de que Jesus poderia “traí-lo”, Javé começou, através dos profetas do povo hebreu, a avisar sobre uma possível crucificação, que nas entrelinhas significava punição pelo descumprimento do “pacto” feito entre ele e as Consciências antecessoras de Jesus, ou seja, Vishnu, mais

especificamente — atente bem o leitor para esse detalhe da crucificação.

E quando, por uma mera consequência de um dos incompreendidos critérios dessa “Lila”, ou seja, desse “Jogo Cósmico” que existia entre os três “Deuses da Trimurti”, Jesus pede ao “Pai” para livrá-lo “daquele cálice”, recebendo um “não” como resposta, e como ele mesmo percebeu que não tinha jeito, concluiu que “não tinha vindo a este mundo fazer a própria vontade, porém a de Javé e, então, que a sua crucificação se desse logo”. Além disso, como Jesus havia constatado que estava quase perdendo o controle sobre os seus “poderes” e sentimentos, resolveu “facilitar” para que Judas Iscariotes o entregasse ao Sinédrio — a suprema corte judia legislativa e judicial de Jerusalém —, antecipando assim a sua saída deste mundo.

Quando se torna evidente que Maria, chorando pela morte do seu filho Jesus, não causa incômodo moral em Javé, pois ele leva os seus desígnios até o fim, esse tipo de postura psíquica situa-se além da perversidade, segundo os valores dos humanos terrestres. Ainda que Javé seja assim mesmo, ele não tem maldade — porém ele é uma “aberração”, pois a sua natureza não tem nada de semelhante com a humana.

Javé considerou que Jesus o havia “traído” ao não cumprir os seus desígnios, pois não usou dos seus “poderes” para tornar-se o “Rei dos Judeus” e para controlar a espécie *Homo sapiens*. Como o Criador havia perdido o controle sobre os humanos terrestres desde que Eva “comeu a maçã” — ou seja, “quebrou o lacre” de obediência

a ele e resolveu que faria o que ela achasse melhor —, quando Jesus resolveu não utilizar os poderes que possuía e deixou-se crucificar, Javé considerou-o um “traidor”.

Contudo, aos olhos de Javé, Jesus fez algo muito pior ainda ao afirmar que ressuscitaria, e quando assim o fez, levou consigo toda a materialidade advinda da energia Rajas de Javé, mostrando a ele que Ihe era superior em poder, e retornou para a Espiritualidade Superior. A partir daí, Javé ratificou Jesus como o seu mais recente “traidor” — muitos foram assim classificados por ele ao longo da sua trama de manutenção do “Poder Universal”. Por ocasião do Concílio de Niceia, no ano 325 depois de Cristo, Jesus foi igualado a Deus, oportunidade em que surgiu o conceito da “Santíssima Trindade”, aspeto jamais aceite por Javé, o que o levou, inclusive, a desclassificar o catolicismo como processo merecedor do seu respeito.

Como consequência dessa postura de Javé em relação ao catolicismo, dois séculos depois, Maomé recebeu a visita do anjo Gabriel, e daí surgiu o islamismo. Os cânones do Islã apontam que Jesus sequer morreu na cruz e que teria falecido na Índia — é como se estivessem a afirmar com isso que ele seria somente mais um profeta, jamais “Deus”, pois se não morreu na cruz, também não ressuscitou.

Essa “Lila”, que para os humanos terrestres pode parecer ridícula, sempre existiu, e os factos estão aí para demonstrar como a mesma perdurou por um bom tempo, acabando tão somente no ano 2015. Entretanto, quase ninguém teve sensibilidade para

percebê-la, e a mediunidade não deu notícias dela. Estranho! Na segunda metade do século XIX, na França, a equipa do “Espírito da Verdade” — ou seja, o “Quarto Logos”, um ser conhecido pelos biódesmos como o “Codificador de Zion” — apoiada nos esforços de Kardec e outros, começaram a transmitir aos humanos da Terra a “Revelação Espiritual”. Por motivos que um dia deverão ser explicados, após a arquitetura do “Livro dos Espíritos”, a Espiritualidade houve por bem substituir a equipa do “Espírito da Verdade” — de caráter druídica, porque pertencente ao esquecido Colégio Druídico que existiu ao tempo do “Norte Sagrado Hiperboriano” — por um outro grupo de espíritos trabalhadores, vinculados ao legado cristão.

Javé e os anjos-clones, principalmente os da sua “Hierarquia”, que não conseguem perceber o que se encontra além das fronteiras desta Criação — ou seja, eles não veem nada da realidade espiritual, como a grande maioria dos humanos terrestres —, ficaram se perguntando quem seria o “Espírito da Verdade”, achando que ele fosse Vishnu, o “traidor”, através de Jesus, o “outro traidor” que, “escondido” na “tal Espiritualidade”, estava a transmitir informações nas quais o Criador não era reverenciado. Por isso, conforme os critérios da “Lila”, Javé também considerou a “Revelação Espiritual” como sendo outra “traição” de Vishnu.

O “desconforto” do Criador piorou depois que Jesus, ao longo dos últimos quatro meses da sua vida, afirmou que retornaria pessoalmente, no seu “corpo glorioso”, ou seja, como Sophia, para presidir a “separação do joio e do trigo”, e que só quem sabia o dia e a hora da sua vinda era Javé, o “Pai”. Ele não falou que Javé

também desejava vir junto, ainda que os anjos tenham dito a Enoch que o Criador viria com Sophia. Por outro lado, o “Jesus Ressuscitado” tinha consciência de que Javé se encontrava “prisioneiro” do Brahmaloça, e não podia vir para o nosso universo, mas o “homem Jesus” não sabia disso!

Para a ingênua humanidade terrestre, essas afirmações parecem uma atitude de Jesus homenageando o “Pai”, porém o Criador considerou isso uma “provocação”.

Assim, Javé já marcou a vinda de Sophia algumas vezes, mas sempre colocando “armadilhas”, dentro desse critério da “Lila”, e por isso a “volta de Jesus no seu corpo cósmico” ainda não ocorreu. Portanto, só quando Javé — que não mais consegue comandar a Obra Universal — pedir que Sophia volte porque precisa dividir o comando deste universo com ele, é que o “Cristo Cósmico” retornará à Terra. Essa atitude mental de Javé é necessária para a preservação da matriz quântica que dá sustentação ao entrelaçamento quântico (dos elétrons) que sustenta o universo material — por isso, Sophia é “refém” desse processo.

O próprio Shiva, que sempre destruiu muito do que Javé fez, “depôs as armas” e programou três encarnações longas de avatares seus na espécie Homo sapiens — assim, ele nasceu como Baba de Shirdi, como Sathya Sai Baba e está retornando como Prema Baba (em 2019/2020).

Com essa atitude, é como se Shiva dissesse a Brahma que, por estar a fazer um ser humano, não poderia enfrentá-lo, que nada mais teria a destruir, e que, agora, só queria contribuir. Todavia, ainda assim, como Shiva já havia humilhado Brahma várias vezes, para lhe devolver a humilhação, ele fez com que Sai Baba desencarnasse em 2011, quando o programado para tal era 2022/2023. Sob a perspetiva espiritual, essa seria a atitude de um ser extremamente atrasado, rancoroso e mesquinho, porém Javé é alguém que nada entende sobre a questão espiritual, e não é porque ele seja atrasado, mas sim, pelo facto da sua natureza ser tragicamente “doentia”.

CAPÍTULO 8

O “Mergulho” de Mavatna

Quando Brahma constatou que Shiva estava a criar muitos demos — que passaram a criar lokas —, e como havia uma grande disputa entre eles, tentou fazer com que alguns anjos-clones pudessem também ter o poder de criar, já que o anjo-clone “rebelde” havia lhe retirado esse poder. Essa decisão de Brahma gerou um problema terrível porque as estirpes de anjos-clones que se adaptaram ao mister criativo, terminaram por criar seres — apenas com a genética anjo-clone — mais loucos e complexos do que aqueles que já existiam.

Até esse momento da História Universal, não havia nenhum ser particularizado que confiasse em outro. Todas as consciências que existiam até então, suspeitavam umas das outras — essa desconfiança que os humanos terrestres ainda sentem atualmente, mesmo que num grau bem menos “doentio”, veio daquela época.

Da mistura da genética de descendentes de Shiva com a dos descendentes de Brahma, surgiram as “famílias” Aya e Aye que, mesmo sendo os principais anjos-clones do Criador, receberam o acréscimo de certas áreas da genética demo na sua gênese e em etapas posteriores. Nessa época do impasse, pouco antes de Mavatna “mergulhar” nesta Criação, surgiram essas duas

“famílias”, resultado da mescla algo inusitada de anjos-clones e demos. Os seres dessas “famílias” — denominados “anjos” — atuam como assessores principais de Brahma/Javé e de Sophia, e também auxiliaram Jesus e Sai Baba.

Quando Mavatna “mergulhou” na Criação, ele assumiu um corpo demo especial, que os anjos das “famílias” Aya e Aye prepararam para ele, sem que os demais descendentes diretos de Shiva soubessem — por serem “complicados”. O “mergulho” de Mavatna deu-se 4,1 bilhões de anos após o “Big Bang”, quando ele passou a ser conhecido como Vishnu (na mitologia hindu) e também como Eros (na mitologia grega).

Por 200 milhões de anos — período em que exerceu uma influência avassaladora no universo antimaterial — Vishnu ficou a produzir algo que ninguém conhecia, pois ele trouxe consigo um tipo de vibração totalmente diferente das de todos os que existiam na Criação até àquele momento. Essa energia neutralizava a atitude de desconfiança nos outros seres, que passaram a confiar nele.

Ao observar a Criação, Mavatna notou que os anjos-clones e demos estavam “viciados” em contendias e disputas, havendo apenas entre eles um relacionamento destrutivo e de competição. Então, quando “mergulhou”, trouxe consigo esse projeto de transformar o código-fonte definidor de vida — que ele e os demais seres desta Criação receberam do Criador — num tipo de sequenciamento genético que atraísse a confiança dos demos e anjos-clones, para poder estabelecer relações dignas e produtivas entre eles.

Como possuía código genético demo, Vishnu tinha que administrar as características complicadas decorrentes da sua ascendência.

O seu “mergulho” terminou por proporcionar a formação da Trimurti, relatada na mitologia hindu, que era constituída por Brahma, “o Criador”, Shiva “o Destruidor”, e Vishnu, “o Mantenedor”.

Os “Estatutos da Lila” resolveram o impasse entre esse próprio acordo geopolítico, ainda que o efeito Eros/Kama tenha produzido em todos o “sentido de confiar” uns nos outros.

Essa vontade de olhar para Vishnu e querer ficar próximo, é a base do que atualmente nós chamamos de “desejo sexual”, que possibilitou a estruturação da sequência genética relativa ao “amor” no nosso DNA. Se Kama não tivesse começado a trabalhar esse tipo de sequência genética naquela época, jamais a oxitocina teria surgido no corpo biológico dos seres humanos, pois esse hormônio é que permite confiarmos uns nos outros e amarmos uns aos outros. É o “hormônio do amor”.

CAPÍTULO 9

A Estruturação das Lokas

A partir do momento que o anjo-clone “rebelde” teve o seu corpo destruído, tornando-se o demo Shiva, ele passou a lutar com Brahma, no sentido de desafios mentais.

Shiva logo percebeu que também podia trabalhar a energia Rajas no universo antimaterial e, então, construiu a Shivaloka, uma “morada” mais “bonita” que a de Brahma. Depois, começou a transformar a Shivaloka em algo mais moderno, fazendo com que os demos fossem progredindo em certas áreas, como construção e decoração, o que Brahma não poderia fazer com os seus anjos-clones, porque eles não tinham iniciativa, uma vez que eram robotizados.

Com o passar do tempo, os demos começaram a criar estirpes — também demos — especializadas em áreas próprias, e o que era “um só” universo paralelo, foi “dividido” em duas partes, começando, assim, uma disputa entre Brahma e Shiva pelo domínio do universo antimaterial.

As primeiras gerações de “filhos” de Shiva nasceram com muitos poderes mentais e, portanto, eles também construíram as suas

próprias lokas — os anjos-clones, ao contrário dos demos poderosos, não podiam criar lokas. Ainda que a situação entre Brahma e Shiva fosse ficando cada vez mais complexa e complicada, não existia rancor, ódio ou maldade entre eles.

Incontáveis seres surgiram na Brahmaloka e na Shivaloka, e inúmeras outras lokas foram criadas no universo antimaterial — ou seja, o Brahmaloka primordial, que ficou todo dividido.

Quando Shiva e a sua descendência resolveram criar lokas, elas foram estruturadas em diferentes padrões de complexidade, conforme o poder mental do demo criador. O universo antimaterial, após 2,2 bilhões de anos desde o início da Criação, já tinha mais de mil lokas. Atualmente, tem cerca 4,3 milhões de moradas específicas — já teve mais, contudo, muitas foram destruídas.

Por incrível que pareça, muitos humanos terrestres, quando dormem à noite, os seus espíritos trabalham — como voluntários, utilizando o corpo astral — em algumas dessas lokas.

Cada loka tem o seu aspeto, a sua cultura, a sua história, os seus seres próprios e o seu tipo de governabilidade. Cada uma é um mundo à parte, um tipo de antimatéria a funcionar de maneira diferente umas das outras.

Elas são absolutamente diversas de tudo o que conhecemos, têm um tipo de céu muito particular e desenvolvimentos tecnológicos

que, nos tempos atuais, vemos algo aqui na Terra — no nosso planeta, há coisas que não existem nas lokas.

Quando o Brahmaloka original foi dividido em várias lokas, os seres de uma loka começaram a entrar em conflito com os de outras porque o mesmo “Código-Fonte Definidor Pessoal” (CFDP) “doentio” do Criador Brahma (o “Primeiro Logos”) passou a ser também o de Shiva, ainda que trabalhado à sua maneira, e esse código genético “modificado” passou aos descendentes dele (do “Segundo Logos”).

O principal aspeto do “Xadrez Cósmico” é que, nele, os “Jogadores” e demais “participantes” não são seres bons, e até este ponto da História Universal, só havia entes “complicados”. Para aqueles que estão na Espiritualidade Superior, ou em Perpérion — que fica em uma das Espiritualidades Laboratoriais —, o entendimento deles é que o mal só pode ser destruído pelo próprio mal, e não pelo bem, pois apenas desse modo é que ele se desagrega e se enfraquece. O bem esclarece o mal, resignificando-o, e o substitui, porém não o destrói!

Depois de bilhões de anos, parte desta história de desagregação observada nos conflitos entre as lokas, está registada nas mitologias antigas, passando assim para o conhecimento humano.

Para a lógica humana, as mitologias contam histórias malucas sobre seres absurdos, com poderes fantásticos, mas os demos que existem em cada loka apresentam formas impressionantes, com

diversas características muito desagradáveis quando comparadas ao padrão humano terrestre.

Os que descendem do “Segundo Logos” também criaram lokas, pois a “mania” que os Seres Adhyatman tinham de criar dimensões para homenagear a Deidade, passou para Shiva e os seus descendentes. Nessa ocasião, começou o fatiamento do universo paralelo, que já estava dividido entre as “moradas” de Brahma e de Shiva — a Brahmaloka e a Shivaloka, respetivamente. Cada loka foi estruturada a partir do poder mental de um determinado ser, com um tipo de matriz secundária ou terciária, e têm as suas próprias regras.

As disputas e confusões entre as lokas criaram um grande problema vibratório, gerando desconfiança. Esse impasse chegou a um ponto muito crítico entre Brahma, com os seus anjos-clones, e Shiva, com os seus descendentes demos. Entre os anjos-clones, alguns foram parcialmente “despertados” por Brahma, para poderem ajudá-lo, porém ainda sob o seu controle.

Com o passar do tempo, devido à ação da entropia, surgiram portais naturais entre essas lokas, proporcionando parcerias em certos casos, mas também conflitos em outros. Devido às invasões de certas lokas por seres de outras, os portais terminaram por transformar-se em grandes focos de tensão, em vez de servirem como algo produtivo.

O facto é que quanto mais lokas surgiam, mais desconfiança e maior era o impasse vibratório entre todos os seres que viviam no universo antimaterial. Detalhe: até esse tempo, não existia vida no nosso universo.

Após também “mergulhar”, Vishnu criou a loka mais bela que existe no universo antimaterial, denominada Vaikuntha ou Vishnuloka, e todos os seres extrafísicos ficaram admirados com a beleza dessa “morada”. O receio que normalmente um demo tinha de entrar em outras lokas que não fosse a sua própria, não acontecia com relação à “morada” de Vishnu, que de todas, sempre foi a mais frequentada.

Todos os traços culturais dessas lokas produziram uma “cultura demo”.

Cada vez mais, espécies de demos eram também criadas por Vishnu, já sobre a base do que Shiva e Brahma tinham criado. Espécies melhoradas de demos também eram criadas em conjunto, entre Vishnu e Shiva, fundamentadas no código-fonte definidor de vida das espécies de Brahma.

Assim, surgiram milhões de espécies demos, e cada uma queria criar uma loka, porém, quando não conseguiam êxito nesse intento, invadiam uma qualquer, ou seja, o impasse continuava, mesmo sob o efeito de Eros/Kama.

O impasse a respeito das invasões de lokas no universo antimaterial foi total, e nessa época, Vishnu entendeu que a criação de seres, como estava a ser feita, não os levava a lugar algum, pois o “Código-Fonte Definidor Pessoal” de Brahma, utilizado por todos, não conseguia evoluir, e portanto, eles precisavam de ter uma outra maneira de criar vida. E foi quando eles se voltaram para o universo material, paralelo ao deles, e que se desenvolvia. Perceberam que, talvez, a vida pudesse ser levada para o outro lado da Criação, mas um dos obstáculos para tal é que havia uma “parede dimensional” separando estes dois universos. Como existiam portais entre as lokas, que surgiram espontaneamente, questionavam se isso, em algum momento, também aconteceria entre o Brahmaloka e o Bhuloka, ou mesmo se eles poderiam criar portais entre esses dois universos.

CAPÍTULO 10

As “Doenças” dos Seres Extrafísicos

Logo antes de “cair” na própria Obra, Prabrajna já não tinha mais controle sobre a sua mente, e agiu sob a égide do “primeiro impulso” — um “impulso mental incontrolável” — quando “expeliu” esta Criação. Portanto, ele criou essa “doença do primeiro impulso”, que foi repassada para todos os seres que passavam a existir nesta Criação “imperfeita”.

Ao se “reconstruir” no universo antimaterial, Brahma já estabeleceu o “câncer” nesse seu primeiro corpo, instituindo mais essa “doença” no ambiente em que o seu “Eu caído” passou a existir.

Outra das “doenças” de Brahma é que ele não conseguia ter uma forma pacificada.

Na perspectiva de Javé (Brahma), importam a sobrevivência a qualquer custo e o império do mais forte sobre o mais fraco — este é outro aspecto da sua “doença”.

Brahma não compreende nada de maneira diferente dessas premissas. Por causa da “doença” que leva um ser a querer

sobreviver a qualquer custo, uma espécie da natureza terrestre está sempre a destruir a outra para alimentar-se, e devido à “doença” que determina o império do mais forte sobre o mais fraco, um ser humano da Terra — que só tem 3% a 5% dessa “doença” —, ainda quer impor-se sobre os demais. Essas manias são decorrentes dessas “doenças” advindas do Criador.

Como todo demo, Shiva também tem o seu “grau de demência”. Por mais evoluído que muitos possam pensar que ele seja, ainda assim padece de um tipo de “retardamento mental” frente a certos aspectos da existência. Nos demos, essa “demência” e o problema de terem dificuldade em manter uma determinada forma corporal, sem se metamorfosearem, foram decorrentes da “pancada” que Brahma desferiu no anjo-clone “rebelde”, destruindo o seu corpo clonado e dando origem a Shiva, o “Pai” de todos os demos. Portanto, a totalidade dos demos padece de algum “grau de demência”, e são poucos os que conseguem alinhar-se num determinado padrão de personalidade, mantendo uma forma pacificada, controlando assim o processo de se metamorfosear.

Além da “demência”, por mais poderoso que seja, todo demo tem um momento em que “desmorona”, cansa-se, como se sofrendo de um tipo de “depressão” — a depressão da condição humana nada mais é do que uma face pálida do que passou a acometer os demos.

Os demos, que são bastante inteligentes, criaram “remédios” para poderem controlar as suas “doenças” e pacificar as

metamorfoses que ocorrem com eles. São, portanto, totalmente viciados nos “remédios” que foram se vendo obrigados a criar.

Os humanos têm apenas um corpo, e administram as doenças que vão aparecendo ao longo dos anos. Se imaginarmos um ser que tenha dois corpos, por se metamorfosear, cada corpo apareceria com doenças diferentes do outro, tornando mais difícil a existência. No caso dos seres do universo antimaterial, cada um deles pode apresentar até dezenas ou centenas de formas extrafísicas, tendo, portanto, que administrar a mesma quantidade de padrões de “doenças” específicas que cada corpo apresentar.

Por terem uma vida curta, os humanos sofrem menos e, mesmo assim, sabem mais que os seres extrafísicos, porque possuem a sagacidade da compreensão. Todas as “doenças” que os demos, os anjos-clones e Brahma sofrem, nós as temos “amortecidas” no nosso DNA, e apenas algumas afloram, dependendo principalmente da nossa atitude mental, dos nossos hábitos e das nossas atitudes emocionais. Além disso, por decisão de um espírito, o seu ego pode manifestar alguma doença, para ajudar Brahma, e neste caso, não se trata de uma questão de carma.

Nós somos uma espécie que pode transformar a Criação — por absurdo e inusitado que isso possa parecer, tudo indica que são os seres humanos terrestres a terem que fazer isso. Nenhum ser cósmico sabe sorrir, mas nós conseguimos, inclusive, às vezes, rimos dos nossos próprios problemas. Sorrir é muito comum para nós, porém não temos a noção de quanto este universo teve que “caminhar” para poder gerar seres com essas características.

Sob essa perspectiva, temos uma riqueza de diversidade psíquica que nem imaginamos, e essa riqueza é profunda e preciosa para um possível redimensionamento das “doenças” acumuladas em todos os seres que “mergulharam” na Criação e nunca lograram realizar o que fazemos. Por exemplo, através de uma atitude amorosa, conseguimos perdoar, e temos a capacidade de dar a vida por alguém — parece que nenhuma outra espécie existente nesta Obra possui essas características. Mesmo convivendo com essa “loucura” que é a existência nesta Criação “problemática”, nada nos impede de transcendermos, porque podemos viver em paz com a nossa consciência e sermos felizes, a nosso modo — outras espécies não conseguem fazer isso. Nós, seres humanos terrestres, temos como exercer essa capacidade de nos superarmos, desde que nos alinhemos ao nosso projeto de vida com nobreza, no campo das intenções, propostas e princípios, tornando-nos agentes do processo de viver de maneira mais digna e bela. Nós podemos fazer isso!

Não devemos focar-nos em problemas de modo a estabelecermos justificativas para sermos infelizes, pois podemos conviver com todas as dificuldades de maneira bela! A “Revelação Cósmica” está a ser explicada para a humanidade terrestre porque, de agora em diante, precisaremos construir, conscientemente, as nossas melhores expressões de DNA, de modo a conseguirmos “reajustar” o Criador.

Todos esses seres extrafísicos sofrem extremamente com essas “doenças”, mas foram, ainda que de modo “demente”, criando maneiras de conviver com o tipo de vida que levavam. O facto é

que, no padrão de “demência” que eles apresentavam há 4 bilhões de anos, Vishnu e Shiva, que tinham alma, conseguiram “sentir instintivamente” o “Projeto Criativo” do qual participaram antes de “mergulharem” — ou seja, quando estavam na forma Adhyatman como Mavatna e Savna, respectivamente. Ao perceberem que se conheciam, nasceu entre os dois um tipo de “cumplicidade”.

Shiva e Vishnu não tinham ódio, mas também não sentiam amor um pelo outro. Ódio e amor são produções recentes deste universo material, ainda que o amor seja uma manifestação antiga, pois já existia em Perpérion, antes da “queda” de Prabrajna e dos “mergulhos” de Savna e de Mavatna.

CAPÍTULO 11

A Autoria e o Comando da Criação “Indevida”

Na mitologia hindu, está descrito que Brahma, Vishnu e Shiva, nas suas condições Adhydaiva, que são as formas demoníacas, não podendo destruir uns aos outros, resolveram viver juntos no universo antimaterial, e devido ao grande poder dos três, formaram a Trimurti — desse modo, surgiu o conceito de “Trindade”, na qual Vishnu foi quem equilibrou o impasse entre Brahma e Shiva.

Até àquele momento, eles tentavam matar-se uns aos outros, sem ódio — esse tipo de reflexão humana não existia, e jamais teve lugar no psiquismo deles —, porém, como não era possível que um destruísse o outro, criaram a Lila, que é um tipo de geopolítica de convivência. Portanto, transformaram a vida num “Passatempo”, mas com as suas próprias regras. Era um “Jogo Mental” entre essas três “Potências Criadoras”, que se consideravam superiores aos demais.

Pelo facto de Brahma, às vezes, entrar em “estado de sono”, como se estivesse em “depressão”, Vishnu e Shiva encontraram uma maneira de mantê-lo “acordado” ao fazerem “apostas” com ele — ou seja, para manterem Brahma “desperto” e com motivação para seguir existindo, só através de “apostas”.

A Lila tem como estatuto nada mais e nada menos do que os “termos das apostas” que foram feitas entre os três “Senhores da Trimurti”. Esse foi o modo que os demos encontraram de criar uma “cultura evolutiva” — o vício pelo jogo, que alguns seres humanos têm, nada mais é do que uma sequência de código genético vinda deles.

Como todas as resoluções eram baseadas em “apostas”, surgiu entre eles um termo chamado “apostasia”, que era usado para apontar o “Deus” que, ao perder uma “aposta”, não a pagava. A “honra demo” surgiu com a “apostasia”. A primeira “noção de decência” que os demos tiveram foi quando surgiu a questão de as “apostas” serem pagas ou não. O “Mahabharata” — um dos dois maiores poemas épicos clássicos da Índia —, descreve que Yudhishthira é desafiado por Duryodhana, para participar de um jogo, e ainda que ele não quisesse aceitar o desafio, a honra o obrigava a tal. Duryodhana disse que apostava o seu reino contra o dele, e Yudhishthira teve que concordar com isso, mesmo percebendo que Duryodhana já tinha acertado uma trapaça no jogo, mas não podia dizer não, tinha que enfrentar — e foi nesse jogo que ele perdeu todo o seu reino.

É o mesmo que os marajás hindus faziam quando iam para as batalhas, pois quem perdia a guerra, perdia tudo, ou seja, esposa, família, bens e exércitos — tudo passava a pertencer ao que ganhava.

Então, recusar uma “aposta” era contra a “honra demo”. Pior ainda, era perder a “aposta” e não pagá-la, o que constituía uma “apostasia”.

Os seres humanos foram gerados cerca de 9 bilhões de anos depois do início da Lila, em decorrência desse “Jogo de Xadrez Cósmico”. Para os humanos terrestres, que possuem razão filosófica, essa característica humana desperta não tem importância nenhuma, já que estamos acostumados a ela.

Entretanto, para outros seres do Cosmos, a aplicação da razão filosófica é bastante valorizada e, por enquanto, eles apenas a podem observar. Ao analisar a Lila — ou seja, o “Conflito e as suas Regras”, o “Jogo de Xadrez Cósmico”, ou essa “peleja que tanto tempo durou” —, procurando entendê-la com o modo de pensar desenvolvido ao longo dos últimos milênios na espécie Homo sapiens, um humano da Terra questiona os motivos da discussão que havia entre os três “Deuses da Trimurti” e encontra dois principais, que correspondem às duas questões que compunham a razão da Lila existir.

A mitologia hindu diz que, na Lila, que trata das discussões entre Brahma, Vishnu e Shiva, esses três “Senhores da Trimurti” ocupavam-se fundamentalmente dos aspectos relativos a (1) quem criou os universos antimaterial e material — eles tomaram ciência da existência do Bhuloka cerca de uns 6 bilhões de anos após o “Big Bang” —, e (2) quem, dentre eles, manda na Criação. Esses são os temas principais das disputas entre eles.

O primeiro deles, a “autoria” desta Criação, é extremamente ridículo para a nossa lógica. Brahma não aceita dividir com ninguém mais o mérito e o demérito da elaboração desta Obra “imperfeita”. Muitos contos dos “Upanishades”, dos “Puranas”, falam exatamente das “disputas” entre Brahma, Vishnu e Shiva, discutindo quem dentre os três era o maior, no sentido de ter criado estes dois universos.

A Espiritualidade tem-nos dito que, o que efetivamente tem importância nas obras é o conteúdo das mesmas, e não o autor. Por isso, como ser humano, e somente a título de exemplo o cito, entristeço-me profundamente por ver uma certa atitude dos seguidores de Chico Xavier — que adotou os cânones que Kardec, por sua vez, abraçou dos espíritos —, que foi um exemplo dos mais nobres para todos nós.

Depois que ele desencarnou, os seus seguidores — que muito o amam —, dizem que as comunicações dele terão que ser antes identificadas por um código secreto, que foi negociado antes da sua morte. A questão é que isso depõe contra toda a dignidade que os espíritos sempre pediram ao movimento espírita, pois o que mais Kardec se esforçou por deixar como legado é que uma mensagem advinda de espíritos valerá pelo seu conteúdo e não pelo nome que a assina. Kardec procedeu desse modo porque só podemos ater-nos ao conteúdo do comunicado, mas se é verdade ou não que o espírito do lado de lá é “fulano” ou “beltrano”, não podemos observar. O facto é que a mensagem não vale porque foi escrita por Chico, José, João, Miguel ou Jesus, ela vale pelo seu conteúdo.

Repito que reporteí essa situação para fazer uma analogia com a questão da “autoria” desta Obra “indevida”, pretendendo, assim, um melhor entendimento dos leitores.

Mais do que nós, os “Senhores da Trimurti” deveriam saber da importância do conteúdo de uma Obra, porém permaneceram discutindo, ao longo de bilhões de anos, por uma “autoria” ridícula aos nossos olhos. Ainda que Vishnu e Shiva também considerassem desprezível essa questão, a natureza de Javé, infelizmente, não entendia desse modo, e por isso eles deixavam-se ser observados por ele como competidores nessa contenda — o que era a única “linguagem” que o “Primeiro Logos” compreendia.

Os contos arianos-hindus falam das disputas entre Vishnu, Shiva e Brahma sobre a “autoria” da Criação. Essa foi a única maneira que Vishnu e Shiva tinham de conviver com Brahma, enquanto o ajudavam a “elevar-se”.

Conforme já citado, o segundo motivo de discussão entre os “Deuses da Trimurti” era para decidir qual desses Seres comandava a Criação. Aos poucos, Vishnu e Shiva começaram a ter consciência de uma outra realidade — trata-se de Perpérion, em uma das Espiritualidades Laboratoriais. Eles intuíram que, em outro tempo, de uma outra maneira que eles não conseguiam mais ter noção — eles haviam perdido o elo com aquela antiga maneira de existir, que nos livros tenho nominado como sendo a “condição Adhyatman” — , tinham criado tudo aquilo, e que estavam naquela situação devido aos desdobramentos desse processo. Brahma não percebeu diretamente isso porque ele não possui alma, porém é sempre

influenciado pela percepção dos outros dois “Senhores da Trimurti” e das suas criaturas-ferramentas.

Shiva e Vishnu já tiveram “encarnações” — ou seja, avatares — neste universo material, mas Brahma nunca criou nenhum porque, como já ressaltado, ele não tem espírito que o esteja estruturando desde a “queda” do “seu Corpo Mental”.

Brahma percebe por meio dos outros, mas não confiava nesse processo quando se tratava de Shiva — conforme o estatuto do “Sistema de Apostas”, a Lila, que sempre existiu na Trimurti —, que o havia agredido, e sempre existia o perigo dele novamente fazê-lo.

Com o passar do tempo, Brahma foi percebendo que toda e qualquer espécie que surgia no âmbito da sua Criação terminava por influenciá-lo, e isso ocorre porque todas as espécies foram e são edificadas a partir do seu “Código-Fonte Definidor Pessoal” (CFDP) — na sua versão biológica, atualmente conhecido como DNA, pelos humanos terrestres. Assim, se antes ele entendia que comandava e dominava as criaturas-ferramentas que existiam na sua Obra, aos poucos, ele foi tomando consciência da forte atuação indireta das mesmas sobre ele.

Todos os códigos genéticos dos seres que existem no nosso universo material — e que, na Terra, corresponde ao DNA —, possuem elétrons, os quais levam informações de um lado para outro.

Os elétrons gravam neles tudo o que ocorre no Bhuloka, e repassam essas informações para os antielétrons, que as marcam no “Código-Fonte Definidor Pessoal” (CFDP) do Criador, no Brahmaloça. Isso implica dizer que todas as espécies influenciam Brahma, inclusive os anjos-clones e os demos, porque os antielétrons que formam os corpos deles são os mesmos do corpo de Brahma — essas questões sobre elétrons, antielétrons e códigos-fonte definidores de vida (CFDs) foram detalhadas no livro “A Rebelião dos Elétrons e o Código de Vida do Criador”.

Como consequência disso, a situação de Brahma agravou-se quando surgiram as espécies demos a partir de Shiva e da sua hierarquia — que são muito “complicadas” —, pois repassam para ele os efeitos devastadores das suas vibrações desequilibradas.

Assim, Brahma passou a “adoecer” mais ainda porque as estirpes demos que passaram a existir, não eram controladas por ele — tão somente ele controla os anjos-clones, que são como robôs, enquanto os demos têm uma certa dose de liberdade, mas sem valores morais.

CAPÍTULO 12

O “Projeto Talm”

Há cerca de aproximadamente 7,5 bilhões de anos, os seres extrafísicos perceberam que eles tinham “falido”, pois não conseguiram criar seres que levassem ao futuro pretendido — com seres que pudessem evoluir — para esta Criação “indevida”. Foi quando, depois de muitas tentativas de todos os tipos, decidiram elaborar um plano para “semear” vida no universo físico, material, vizinho ao deles. Esse plano, que foi então formulado e posteriormente implementado, é o que eles chamam de “Projeto Talm”.

Assim, há uns 6 bilhões de anos, o processo de criar seres vivos, antes focado no universo antimaterial, redirecionou-se totalmente, pois os “Agentes da Vida Universal” passaram a intensificá-lo no nosso universo material — ainda que algumas outras espécies de seres extrafísicos tenham surgido após a implantação do “Projeto Talm”, como a geração de Odin, dos titãs (Prometeu, Epimeteu, dentre outros), e mais recentemente, os olímpianos (da geração de Zeus, que emergiu para a vida há uns 380 mil anos). Na época desses factos, o nosso sistema solar sequer existia, pois o Sol encontrava-se ainda no início da sua formação.

O “Projeto Talm” foi a tentativa de trazer o “Código-Fonte Definidor Pessoal” (CFDP) de Brahma do universo antimaterial para o nosso universo físico. Com a implantação desse “Projeto”, a vida saiu da condição eletromagnética, “plasmada”, transformou-se na química e depois deu um salto para a biológica.

No início do “Projeto Talm”, surgiram diversas espécies evolutivas no universo material, com alto e médio “grau de afetação” em relação ao CFDP do Criador. Até então, todos os seres que existiam no âmbito da Criação do Senhor Brahma/Javé poderiam parecer-se com qualquer coisa conhecida pela atual cultura humana, menos com a forma humanoide moderna — essa somente surgiu a partir de uma etapa mais atual da História Universal.

Essa forma humanoide é muito recente. Nada do que havia no Brahmaloça, o universo paralelo, se parecia conosco — mas, atualmente, nesse universo antimaterial já existem seres que se parecem, porque a evolução do padrão humanoide foi surgindo no universo material, e eles foram assimilando-a. Se assim for, torna-se conveniente que observemos com uma outra perspectiva os “monstros” descritos em algumas mitologias do passado, porque o padrão do que, para a nossa lógica, parece ser “monstruoso”, sempre foi “normal” nesta Obra.

O “belo”, a partir do padrão humanoide, é bem recente. A pior coisa que pode existir para um ser humano é encontrar-se com Brahma, Vishnu ou Shiva, pois cada um deles é — ou era, no caso

de Vishnu, que se desconstituiu em 2016 — mais “monstruoso” do que o outro.

Para entendermos o “Projeto Talm”, precisamos conhecer quais eram os principais desafios à época da sua implementação. Brahma, Vishnu e Shiva eram prisioneiros e reféns dos seus próprios limites e problemas. Durante muito tempo, as suas expressões Adhydaiva não tiveram a noção do “bem” e do “mal” porque somente sabem — ou sabiam, no caso de Vishnu — agir movidos pelos parâmetros de “caos” e de “ordem”.

As chamadas expressões espirituais Adhyagia dos seres Adhydaiva estavam a ponto de “adoecerem” além da conta e de “imobilizarem-se” de vez. Por outras palavras, os espíritos superiores por trás de Vishnu e de Shiva estavam prestes a “adoecer” seriamente e “macularem-se” de vez!

Para que alguns avatares de Vishnu e de Shiva conseguissem atuar no universo material, na construção dos seus corpos biológicos foi necessária a geração de “Pacotes de Poder Mental”, além da formulação de expressões espirituais intermediárias Adhybutha¹ — na época, esse era o único modo de produzir protótipos no universo biológico e de mantê-los vivos.

Tornava-se necessário o processo de criação de um novo género de seres que pudessem ser “cobaias” nas tentativas de

¹ Adhybutha seria uma “expansão” de um tipo de “projeção” da condição Adhyagia.

transferência do código da vida, o que resultou no surgimento de um conjunto impressionante de espécies “fenvans”², discutidas no capítulo 17 (Os Primeiros Seres Gerados no “Projeto Talm”) deste livro.

Antes de seguirmos adiante, porém, faz-se necessário que analisemos as fases do universo material, ocorridas até ao momento em que o “Projeto Talm” começou a ser implementado.

A “sopa inicial” que existia nos primeiros momentos do primeiro microssegundo do tempo universal — contado à maneira como atualmente os terráqueos contam o seu “tempo local” —, era formada por quarks e glúons. Em linguagem simples, o que os cientistas chamam de “quark” é a menor porção da matéria que surge após a vibração da energia. Os glúons agem como partículas de troca para a força nuclear forte, que faz com que os quarks se juntem.

A primeira fase do universo surgiu quando os quarks e glúons se juntaram, formando os prótons e neutrons, que constituem o núcleo do átomo. Ou seja, ao agir sobre a “sopa escaldante primordial”, a força nuclear forte fez com que cada três quarks se juntassem — e isso ainda ocorre —, formando um próton ou um neutron, dependendo dos tipos de quark envolvidos.

² Fenvans é a denominação dada aos “seres-cobaias”, inicialmente criados em “laboratórios” do universo antimaterial, cujos códigos genéticos demos foram submetidos a mutações, visando permitir que, pelo menos, os seus descendentes pudessem viver no universo material.

Quando a força nuclear fraca fez com que os elétrons fossem capturados pelos núcleos, surgiram os átomos. A próxima transição foi quando os átomos se juntaram, criando as moléculas.

O primeiro elemento químico que surgiu no universo foi o hidrogénio — talvez, a maior transição de fase que ocorreu desde que surgiram os quarks e glúons. Por outras palavras, o primeiro elemento químico organizado surgiu para ser um dos “tijolos da construção” da vida universal, marcando a grande transição de fase do primeiro “momento criativo” do universo, quando a energia, intencionalmente e de modo organizado, conseguiu gerar essa outra singularidade — o hidrogénio —, ainda mais complexa que a anterior, que foi a “sopa inicial” de quarks e glúons.

Quando as moléculas de hidrogénio juntaram-se pela ação da força gravitacional, surgiram “nuvens” desse gás. O aparecimento da primeira estrela foi uma outra transição de fase porque, quando ocorre a fusão nuclear na “nuvem”, na qual quatro átomos de hidrogénio formam o hélio — um outro elemento químico —, há emissão de energia. Por palavras simples, foi dessa maneira que a junção dos átomos de hidrogénio criou as estrelas. As primeiras gerações de estrelas no universo material surgiram 500 milhões de anos após a “queda” do Corpo Mental de Prabrajna, que se “reconstruiu” como Brahma/Javé no universo paralelo. Entretanto, quem criou as estrelas não foi exatamente Brahma, pois o seu estado consciencial anterior como Prabrajna, na sua condição Adhyatman, idealizou-as antes da sua “queda”, e Mavatna ajustou-as — como anteriormente explicado —, com as forças emanadas da sua energia mental Sattva.

Prabrajna, Mavatna e Savna, nas suas condições Adhyatman é que criaram este universo, pois tinham poderes mentais para tal. As expressões Brahma, Shiva e Vishnu perderam esses poderes. Ao longo de bilhões de anos, os seus “Eus” sempre foram “prisioneiros” das formas Adhydaiva — um porque “caiu”, e os outros porque “mergulharam” para ajudá-lo.

As primeiras gerações de estrelas somente produziam hélio. Naquela época, elas não produziam os chamados elementos mais pesados, como o carbono, ferro, níquel e magnésio, que eram necessários para formar os planetas rochosos. Portanto, nessa primeira época do universo, somente existiam as estrelas e, talvez, com planetas gasosos — a ciência não chegou ainda a esse ponto de detecção.

Dependendo da massa de hidrogénio que deu origem a uma estrela, ela pode existir por bilhões de anos, passando por uma etapa em que se transforma numa gigante vermelha ou, então, numa supergigante vermelha^{3 4}.

Quanto à produção de novos elementos químicos, foi necessário esperar surgir no universo mais duas gerações de estrelas, pois

³ Ser uma supergigante vermelha ou até mesmo uma gigante vermelha, dependendo da quantidade de massa, significa que a estrela em questão está no final da sua existência, tendo já saído da chamada “sequência principal” — que acontece enquanto há produção de hélio no seu núcleo, a partir da fusão de hidrogénio. Uma estrela de grande massa, que atinge 10 a 40 vezes a do nosso Sol, permanece pouco tempo na sequência principal, virando uma supergigante vermelha que, no final da sua “curta” existência, acabará transformando-se numa supernova, que é uma gigantesca e violenta explosão.

⁴ Os cientistas afirmam que o Sol tem 4,6 bilhões de anos e que ele ainda apresenta um armazenamento de hidrogénio para mais outros tantos 10 bilhões de anos. Contudo, daqui a uns 5 bilhões de anos, ele deve transformar-se numa estrela gigante vermelha, altura em que o hidrogénio se esgotará no seu núcleo, e o que restar desse elemento nas camadas exteriores continuará, por fusão nuclear, a produzir hélio. Desse modo, ocorrerá o encolhimento do seu núcleo e a expansão das suas camadas externas para além da órbita de Marte, destruindo o nosso sistema solar.

somente na terceira eles apareceram, como ferro, níquel, carbono, dentre outros⁵.

O que isso tem a ver com o “Projeto Talm”? Tudo! Quando eles decidiram criar um plano, perceberam o recém-surgimento do elemento carbono, que passou a ser o principal “tijolo” na construção da vida no nosso universo.

Por que o carbono? Porque é o elemento que permite um maior número de ligações químicas com outros átomos⁶. É mais fácil construir vida a partir dele.

Na Terra, atualmente, existe a vida à base de carbono, porém o nosso Sol e estrelas próximas a ele não produzem esse elemento. O carbono, que está presente nos planetas do nosso sistema solar

⁵ Os elementos químicos leves originaram-se nas condições extremas da explosão inicial, o “Big Bang”, surgindo principalmente o hidrogénio, algum hélio e berílio, além de traços de lítio. Nas condições, também extremas, dos interiores estelares, a partir do hidrogénio, esses e os demais elementos químicos são produzidos. Esse processo chama-se nucleossíntese. Em interiores estelares típicos (como o do nosso Sol), as temperaturas e/ou pressões, favorecem a formação de hélio a partir de hidrogénio, e naqueles com temperaturas mais altas que a do Sol, predomina o ciclo carbono-nitrogénio, também ocorrendo o ciclo do carbono-nitrogénio-oxigénio.

⁶ Os gases nobres, que apresentam 2 (no caso do hélio) ou 8 elétrons (no caso do neônio, argônio, criptônio, xenônio e radônio) na camada de valência (o nível orbital de energia mais externo), são bastante estáveis e por isso não realizam ligações químicas de modo natural. A capacidade de um átomo se unir a outros depende da quantidade de elétrons existentes na sua camada de valência, no qual 2 ou 8 elétrons proporcionam uma condição ideal. Assim, para completar 2 ou 8 elétrons, um átomo tende a portar-se como um doador ou um recetor de elétrons. O átomo de carbono tem número atômico igual a 6 e, portanto, ele possui 6 prótons e 6 elétrons. Na distribuição eletrônica proposta pelo químico quântico e bioquímico americano Linus Pauling, à volta do núcleo atômico — constituído por prótons e neutrons —, o carbono apresenta dois níveis orbitais, com dois elétrons no mais próximo ao núcleo e quatro elétrons no mais externo. Então, o carbono tanto pode atuar como um doador de 4 elétrons (quando fica com 2 elétrons na camada de valência) ou um recetor de 4 elétrons (quando fica com 8 elétrons na camada de valência), formando compostos químicos com ele mesmo e com quase todos os átomos, inclusive compostos com muitos átomos de carbono interligados em cadeias longas e em cadeias fechadas.

Como os elétrons mais externos do carbono estão muito próximos do seu núcleo, as ligações químicas que ele produz são muito fortes, resultando em compostos estáveis.

O silício — que tem número atômico 14 (portanto, possui 14 elétrons), apresenta três níveis orbitais, com quatro elétrons no mais externo. Assim, se ele doar ou receber 4 elétrons, ele ficará com 8 na camada de valência. Entretanto, diferente do carbono, o silício não produz compostos químicos formados por vários átomos interligados desse elemento porque os seus elétrons mais externos estão mais afastados do seu núcleo, o que não lhe permite formar ligações fortes nesse caso.

e em todos os seres terrestres, veio de uma estrela que existia próximo daqui, e que explodiu há cerca de 7 bilhões de anos. O gás produzido pela explosão deu origem ao Sol (com somente hidrogénio e hélio) e aos planetas e outros corpos celestes (com elementos mais pesados).

O “Projeto Talm” foi vislumbrado por Vishnu e Shiva, com a “permissão” de Brahma. Entretanto, coube a Mohen So — avatar keshava de Vishnu — criar algumas espécies para resolver o impasse de vida no universo antimaterial, que se encontrava e ainda se encontra estagnada. A ideia era projetar o Código-Fonte Definidor de Vida que havia daquele lado da Criação para este universo físico, com o objetivo de produzir um tipo de vida que pudesse evoluir.

Para que isso fosse possível, a “molécula-mãe”, já com o “Código Químico” do Criador, teve que ser manipulada no sentido de aniquilar certas ordens algorítmicas desse código de vida “doentio”, para que não mais surgissem seres altamente infetados pelo problema original de Brahma — como os anjos-clones e os demos. Ou seja, era necessário que surgisse um outro tipo de vida, sem as “doenças” dos demos e a robotização dos clones, de modo que os novos seres pudessem evoluir livres das “determinações doentias” existentes no código definidor de vida, vindo do Criador.

O “Projeto Talm” começou como algo muito complicado e difícil de ser explicado para os humanos terrestres, cuja abordagem precisará de um livro específico, dada a sua complexidade. Aqui,

serão tão somente enumeradas algumas das suas principais características, para facilitar a compreensão do leitor.

A operacionalização do “Projeto Talm” deste lado da Criação teve início com o surgimento da terceira geração de estrelas do universo físico, quando foi possível a produção de elementos químicos mais pesados, como ferro, níquel, cálcio, magnésio e carbono, dentre outros.

Assim, a partir da vida unicelular que surgiu, e que evoluiu — meio à “força de interferências laboratoriais” — para a vida pluricelular, com o aparecimento de cérebros cada vez mais complexos, provocando um outro aspeto enigmático no processo do desenvolvimento, que foi a “evolução das espécies”.

O que chamamos de “evolução”, portanto, começou a surgir quando o “Projeto Talm” produziu os seus efeitos neste universo, o qual foi sendo habitado, aos poucos, por levas de diversos tipos de expressão da vida biológica.

Foi quando teve início uma verdadeira corrida genética promovida pela própria natureza do código-fonte gerador de vida transferido para este universo. De modo estranho, esse código já veio com os vieses de “predador” e de “presa”, que, infelizmente, representavam “aspetos cruéis” de um tipo de “Jogo” que existia entre Brahma e Shiva, no qual um sempre perseguia o outro e as suas respectivas criações.

Toda a “podridão” acumulada dos problemas genéticos das lokas do universo vizinho foi repassada com atenuação variada de intensidade para os diferentes mundos do universo material, e a evolução deu-se a partir dessas componentes que tão somente representam as “faces adoentadas” desses Seres e de tudo o que deles foi emanado.

Brahma e Shiva pararam de agredir-se, mas, por muito tempo, continuaram com as “apostas” em torno das espécies surgidas com o comportamento automatizado dos seus Senhores. Essa questão, em seus múltiplos desdobramentos, terminou por traduzir-se nas regras da evolução que conhecemos na natureza do nosso planeta, que direcionam espécies para serem predadoras ou presas de outras.

Por que existem seres como a leoa e a vaca na natureza terrestre? Por que a leoa nasce com o DNA absolutamente voltado para um contexto de vida de predador, enquanto a vaca tem um código genético que não leva a esse tipo de instinto, pois não se alimenta de carne, e pode ser atacada pela leoa, servindo de comida para ela?

Quem foi que criou esse tipo de regra de vida? Faz sentido um “Deus Decente e Digno” criar uma leoa predadora para matar outra espécie? De onde veio isso? Como, por tanto tempo, pudemos acreditar que um “Deus Amoroso” cria tantas espécies com “tendências criminosas”, e outras tantas, que vão servir-lhes de alimento? Quem faria isso?

Essas são perguntas que as religiões nunca fizeram ou fazem porque essa reflexão destrói o conceito de um “Deus Amoroso, Amantíssimo e Perfeito”. Precisamos compreender que esse contexto não tem nada a ver com Deus, pois veio dessa Criação “indevida” e dos Seres que a criaram, os quais são responsáveis pelo que fizeram das suas liberdades espirituais.

Após perceberem as duas questões mostradas a seguir, as “famílias” Aya, Aye e outras, conseguiram isolar a “doença” do Criador, aquela porção de código de vida que teria que ser transplantada para o universo físico:

- 1ª Seria exequível a tradução ou representação de um código de vida “doente” que estava em Brahma, Shiva e Vishnu e em todas as outras espécies de clones e demos, inclusive neles próprios, possível de ser transferida e hospedada em outros corpos a serem edificadas com a química do universo vizinho.
- 2ª Existia um fator comum que debilitava todos eles e que os transformava em vítimas de um processo de vida que se replicava, mas não necessariamente para melhor, que precisava ser modificado por outros seres, para depois servir-lhes de “remédio” e/ou de “parâmetro livre da doença” que os infernizava — e, na verdade, os apegueira

até estes tempos atuais. Com a formulação do “nidana”⁷ (ver a nota 26), houve a superação da primeira superlativa dificuldade do “Projeto Talm”.

Numa segunda etapa, o “Projeto Talm” dedicou-se a descobrir como transferir o “nidana” do universo antimaterial para o universo material.

Entretanto, como fazer essa transferência se as leis da termodinâmica, de conservação de massa e energia, que na atualidade a ciência conhece, diz que não tem como trazer algo de um universo para o outro? A nossa ciência diz que é impossível, mas não é, pois foi transferido, sim, um conjunto singular e codificado de informações — o “nidana”!

O “Projeto Talm” sempre teve como intenção a transferência da vida para o universo que, atualmente, podemos chamar de “biológico”, mas sem trazer a antimatéria do universo paralelo, já que antimatéria e matéria se aniquilam quando — vamos dizer —, colocadas juntas. Então, eles desenvolveram um modo de transferir a informação sem a sua natural hospedagem, que correspondia à condição antimaterial das suas formas, ou seja, eles tiveram sucesso ao transportar uma “informação codificada”, que viajou de

⁷ Ainda que muitas sejam as interpretações que filólogos e estudiosos diversos ofertem a essa expressão sânscrita, o “nidana” é o código-fonte primordial definidor de vida, a pequena porção de uma força eletromagnética que hospedava o “jogo das informações codificadas”, funcionando em circuito fechado.

lá para cá, e conseguiu hospedar-se em moléculas químicas deste nosso universo.

Nessa época, quando o universo material já contava com mais de 6 bilhões de anos, já existiam os elementos químicos produzidos pela terceira geração de estrelas, e os planetas rochosos provavelmente já estavam a começar a ser um acontecimento comum na sua “lógica evolutiva”, mas ainda não existia vida biológica como a que agora conhecemos.

Os mentores do “Projeto Talm”, que sempre trabalharam de acordo com as possibilidades, foram idealizando e desenhando a vida com o que o próprio universo material fosse ofertando e, assim, passaram a surgir os campos morfogenéticos, cuja compreensão ainda assume panoramas enigmáticos para o conhecimento moderno.

Primeiro de tudo, o “Projeto Talm” utilizou o modo como os demos se replicavam e, até esse ponto da narrativa, não havia questões de identidade de gênero e mesmo de conformação biológica “macho e fêmea”, como observamos na atualidade. Por isso, inicialmente, foi construído um “casulo”, um pequeno “artefato autorreplicador”, para poder “hospedar” o “nidana” — eles tiveram que esperar a terceira geração de estrelas porque precisavam de material para construção desse “artefato”.

A primeira replicação do “nidana” — ou seja, do código de vida do Criador “caído”, manipulado sob vários aspetos — que veio para

este universo material, deu-se dentro desse “casulo”. Os produtos químicos deste universo foram utilizados como “peças de um jogo de montagem” na construção da vida que aqui existe.

A partir da montagem do “casulo” e da colocação do “nidana” dentro dele, começou mais uma etapa do que tenho chamado de “Xadrez Cósmico” — que foi a “disputa criminosa e constante” entre os três “Senhores da Trimurti” —, isso porque o “nidana” passou a ser utilizado pela inteligência dos seres das lokas do universo antimaterial com o objetivo de edificarem espécies biológicas passíveis de serem manipuladas e utilizadas para os seus objetivos estratégicos.

Depois que conseguiram transferir o “nidana” para este lado da Criação e que aprenderam a manipulá-lo, começou uma segunda e terrível etapa. Ainda que cansados, nervosos, cada vez mais “doentes” e em “decadência”, eles começaram a “mexer” no “nidana” — essa nova singularidade —, e “empestaram” a Criação, também, no lado de cá, com uma quantidade inimaginável de “espécies-cobaias”, que nada mais são atualmente do que “lixo existencial”, no sentido de que jamais puderam evoluir e foram engendradas para viver muito mais do que vivem os atuais terráqueos.

A “ciência” de como manipular o “nidana” gerou “títulos de graduação” daquele conhecimento — cuja moda, na inteligência deles, produziu a expressão “Adhynidana”, tanto para significar o mais novo “ovo cósmico de gerar vida”, por eles produzido, ou um epíteto para os antigos Seres Adhy, que já existiam antes desta

Criação —, porque detinham a autoridade sobre como usar essa nova singularidade que terminou por gerar a vida físico-química-biológica, como a conhecemos.

Com o tempo, a expressão “Adhynidana” começou a ser empregada para os seres que se sacrificavam na tentativa de fazer com que as suas consciências particularizadas pudessem “mergulhar” no universo material. Esse panorama representa um pouco do que foi a condição dos primeiros protótipos que o “nidana” conseguiu replicar dentro desse “casulo”. Como o “Projeto Talm” trouxe no “nidana” todas as marcas psíquicas dos seres “doentes” do universo antimaterial, as faces de “predador e presa” existem no nosso universo, povoando basicamente boa parte do que existe com essas características, enquanto que, em outras, ocorreram modificações genéticas para “robotizar” alguns desses padrões. Por isso, o universo que habitamos é cheio de predadores e presas, e o acumulado desse problema foi repassado, via DNA, para a mais recente espécie surgida no seu âmbito, ou seja, os terráqueos racionais.

Assim, toda a luta universal em busca da sobrevivência e da dominação sobre os demais, “suja” em todas as suas faces e componentes, foi repassada para o psiquismo humano. Veja só o leitor, a herança que recebemos!

Portanto, torna-se imperioso o entendimento de que há um “nidana” ainda “ancorado” na antimatéria, porque ele é baseado no “Código-Fonte Definidor Pessoal” (CFDP) do Criador, que se encontra a funcionar lá, e que a todo momento recebe a replicação

de tudo o que qualquer ser criado a partir desse “nidana”, em qualquer um dos dois universos, “pensa e sente”. Por outro lado, ao receber esse retorno, repassa-o para o “nidana” do outro universo, e assim indefinidamente, enquanto vida existir nesta Criação.

É assim que Brahma recebe a replicação de todos os seres que atualmente existem. É uma lástima que o seu estado não lhe permite apropriar e fazer bom uso da “parte boa” que ele, agora, tem recebido. Como essa “parte boa” é tão recente — pois a espécie humana racionalizada foi a última a surgir para a vida universal — e o “pegou” no seu estado mais frágil de condição pessoal, o seu psiquismo ainda não teve tempo de assimilar o que lhe é essencial.

Quando criaram o “Projeto Talm”, os três “Seres da Trimurti” pretendiam “mergulhar” neste universo físico, porém descobriram que os seres Adhydaiva — ou em outras palavras, os seres demos, que vivem no universo antimaterial — não poderiam fazer isso. Brahma, Vishnu e Shiva nunca conseguiram “mergulhar” — o Criador nem mesmo poderia.

Perceberam que o protótipo que surgiria como replicação do “nidana” do “Projeto Talm” precisaria de uma estruturação mais requintada, mas eles não sabiam como produzi-la. A partir dessas células primordiais é que as vidas e as naturezas planetárias no universo biológico começaram a surgir. Nessa fase, começa o que Kardec registou no “Livro dos Espíritos”, sobre a criação de “espíritos simples e ignorantes” para começarem a existir neste universo. Entretanto, os três “Senhores da Trimurti” não tinham a

mais remota ideia do contexto espiritual, ou seja, de como as coisas funcionavam para além da “sujeira vibratória” do universo “infetado” em que viviam.

Eles queriam “mergulhar” para criarem protótipos melhores do que os que surgiam espontaneamente, mas, como já ressaltado, perceberam que não podiam, pois as condições Adhyagia deles não respondiam aos apelos das condições Adhydaiva.

Então, passaram muito tempo a desenvolver um método para dar continuidade ao “Projeto Talm”, porque precisavam que protótipos mais complexos fossem criados.

Vishnu conseguiu “projetar-se” — produzindo avatares ou formas Adhyajna da sua própria condição Adhydaiva —, e criar expressões pessoais dele mesmo no universo demo, só que de um modo muito especial — foi assim que ele já havia criado a expressão chamada “Mohen So”, ainda que fosse um avatar keshava, ou seja, que possuía também os “códigos-genes” de Brahma e de Shiva.

Ao engendrar Mohen So, Vishnu — sem que o tivesse percebido — havia criado, por decorrência, uma outra condição espiritual intermediária, chamada “Adhybutha”, um pouco inferior à condição Adhyagia.

Desde então, ele e Shiva passaram a utilizar-se largamente daquele processo mental para produzirem mais formas Adhyajnas deles, para que estas pudessem agir também no universo material

vizinho, pois que eles mesmos, como já explicado, não poderiam deslocar-se de um universo para outro.

Estava criada, assim, a condição que permitiu a Vishnu e a Shiva começarem a engendrar as suas equipas e descendências para poderem atuar no universo material. Foi quando conseguiram fazer com que, das suas mentes, surgissem novos seres neste universo, o Bhuloka. Surgiu, então, mais uma condição especial da “família” Adhy, o já ressaltado modo de existir chamado “Adhyajna”.

Foi a partir dessa “conquista mental” de Vishnu e de Shiva que o “Projeto Talm” começou a dar condições para que eles criassem novos avatares no universo material.

Vishnu gerou Mohen So, que engendrou Sophia, cujo código genético foi inseminado em Maria, para dar origem ao “homem Jesus”. Shiva criou Shirdi Sai Baba, Sai Baba e está a criar Prema Sai! Cada avatar criado, normalmente torna-se superior aos anteriores, pois portam os poderes atualizados para o momento presente deste drama universal.

Implica dizer que Jesus, em sendo o último avatar de Vishnu, e como era de uma família humana, que tem a mais ampla liberdade de pensamento quando comparada às estirpes demos, ele construiu um conteúdo de informações muito superior a tudo o que Vishnu fez ou deixou de fazer através dele mesmo e/ou dos outros avatares seus.

Sai Baba foi a melhor e mais atualizada expressão de tudo o que Shiva fez! Prema Sai, o seu próximo avatar, será melhor ainda. O mesmo se dá com cada um de nós. Provavelmente, somos a melhor expressão que os nossos espíritos já criaram. Nós, como humanos, começámos a atuar somente nesta última etapa do “Projeto Talm”, pois somos a sua última e mais recente criação — só que somos um “subproduto” dele.

O “Projeto Talm” é algo totalmente fora dos padrões da nossa lógica. O que hoje entendemos como “lógica humana” é apenas um viés do “Projeto Talm”, dos incontáveis que existem, apesar de para pouco servirem atualmente. É tão somente uma das experiências, das muitas que foram produzidas, todas elas tentativas de, do código de vida do Criador, fazerem emergir incontáveis espécies que, em juntando duas organizações celulares por meio da função sexual, pudessem diminuir a possibilidade de a “doença” do Criador ser transmitida para a prole.

Como tudo foi feito a partir do “Código-Fonte Definidor Pessoal” (CFDP) de Brahma, tudo tem a “doença” dele. Na condição humana, sentimos todas as “doenças” de Brahma. É por isso que o nosso psiquismo ainda tem o impulso de sobreviver a qualquer custo, para levar adiante a construção de uma solução para o “padrão de podridão original” que macula a todos os que se viram obrigados a existir neste “lamaçal” de lágrimas e de sofrimentos inenarráveis.

Dizendo de outro modo, a reprodução sexual foi criada para que duas organizações celulares distintas, cada uma ofertando uma célula, dessem origem a uma terceira célula, diminuindo a

possibilidade das “doenças”, que estão presentes nas células progenitoras, serem repassadas para os novos “agentes da vida”. Haja “epopeia”!

Com o tempo, eles foram manipulando ainda mais o “código-fonte primordial definidor de vida”, sempre tentando diminuir a replicação da “doença” de Brahma, em cada tentativa que conseguiam realizar para semear uma “molécula-matriz” do “nidana” nos mundos deste universo.

Foi assim que a primeira “molécula-mãe” que surgiu na Terra há 3,8 bilhões de anos, trouxe consigo o DNA. Ou seja, as cerca de 6 bilhões de letras químicas que formam as 4 bases nitrogenadas que se combinam 3 a 3 formando os códons, que reunidos resultam em um dos 28.869 genes que compõem o nosso genoma, todo esse esquema funcional já veio “costurado”, “formulado” lá fora, por alguma “inteligência” ou por um “Projeto arquitetado e implementado por muitas inteligências”.

Por outras palavras, a “receita genética” que comanda a produção das proteínas que compõem os nossos corpos humanos foi adrede pensada, pelo menos na sua origem básica, fora da Terra.

Essa “molécula-mãe” foi depositada em diversos mundos — inclusive na Terra — como resultado do “Projeto Talm”. Ela ficou replicando-se na vida das naturezas planetárias e, todo ser vivo é produto dessa “molécula-mãe”.

Ela já chegou à Terra com somente 3%, em média, dos seus genes “ativados”. O restante, que chegou desativado, é chamado “DNA-não codificante”, e pode ser entendido como a “podridão acumulada” que foi “anestesiada” de modo a permitir o surgimento de novas espécies que não padecessem da carga total da “doença” original do Criador. Assim, surgiram criaturas-ferramentas em alguns mundos desta galáxia.

No caso do nosso planeta, surgiu a espécie *Homo sapiens*, um tipo de criatura-ferramenta com a habilidade de discernir, decifrar e compreender, de maneira sofisticada, pelo menos alguns dos panoramas da complexidade existencial que as envolve.

Além disso, o ser humano terrestre é capaz de sentir e expressar emoções, transformando-as em sentimentos superiores, principalmente com a rara capacidade — e talvez única até ao momento — de saber valorizá-las até o ponto de fazer emergir, da natureza humana, o altruísmo. Pela ótica do darwinismo, que tão bem decodificou vários dos alicerces evolutivos, o altruísmo sequer poderia existir num meio em que todos os seres vivos lutam desesperadamente para sobreviverem, e costumam fazer qualquer coisa para manterem a sua vida.

Sem que tivesse sido percebido pelos seus próprios Mentores, o “Projeto Talm” produziu “agentes da vida” que se tornaram habilitados a desistir da mesma em benefício dos seus semelhantes, superando todos os instintos atávicos e intrínsecos à existência biológica, em nome de um valor filosófico subjetivo, em nome do amor e da solidariedade. Pelo modo como eles agiram —

notadamente, Javé — ao verem Eva “desperta”, é de boa prudência supor que essa descontinuidade emergiu em pleno caos, sem que a “podridão” tivesse trabalhado conscientemente para tornar-se “menos podre”. Parece que foi mesmo “interferência” de uma “entidade invisível” — agentes espirituais, agindo por meio de estratégias influenciadoras —, que atuou sobre alguns deles, sem que os seus psiquismos “doentes” se dessem conta. A “epopeia dos agentes da vida universal” atingiu a sua última etapa histórica com a emergência, em pleno caos, da espécie Homo sapiens.

É de tal monta a “distância evolutiva” que separa os primeiros herdeiros do “Código-Fonte Definidor Pessoal” (CFDP) do Criador “caído” e os últimos, ou seja, os seres pensantes terrestres, que peço desculpas aos que porventura estiverem a passar a vista por estas páginas, por jamais ter conseguido explorar e abordar com algum grau de razoabilidade esse “vácuo histórico” que me obrigo a nele mergulhar por força das circunstâncias que me envolvem.

Para podermos ter noções mais precisas sobre esse “espaço vazio de informações”, eu diria que, em ordem de percentuais acumulados, os primeiros clones que surgiram tinham cerca de 99% do CFDP do Criador “despertos”, e por isso eram como robôs, enquanto a segunda geração de clones herdou 98% do CFDP “despertos”, e ao ter o seu corpo destruído, o clone “rebelde” constituiu-se como Shiva, levando cerca de 88% do CFDP do Criador “despertos” para a sua forma demo, permanecendo 12% inativos.

Quando o “Projeto Talm” se propôs a levar a vida para o universo material, Vishnu decidiu que teriam que amortizar ao máximo a “doença” do Criador para que os seres que nascessem com o restante de DNA ativo apenas fossem semelhantes ao Criador o mínimo possível, permitindo assim que eles pudessem ter liberdade.

Isso implica dizer que nós, os seres humanos, só nos “parecemos” com Javé em cerca de 3% do que ele é — não me reporto à forma humana, porém à maneira de ser dele e de se comportar, conforme mostrado nas escrituras judaicas, nas cristãs primitivas, nas católica e protestante, nas bramânicas e no alcorão.

Referindo-me apenas a um dos traços do seu psiquismo “doentio”, Javé é 100% imperialista. Nós herdamos dele cerca de 3% da tendência a sermos donos da verdade, egoístas, mandões, enfim, a querer a obediência a qualquer custo. Quando educamos esses impulsos psíquicos, os superamos, e nos emancipamos em relação a essa sua “herança”. Por outro lado, mesmo tendo herdado somente 3% da sua marca psíquica, se nos descuidarmos, poderemos ser ainda mais monstruosos, frios, perversos e impessoais do que ele costuma ser — os ditadores, que entraram para a história humana, que o digam!

Pelo facto de sermos apenas 3% do que Javé foi e é, sobra-nos um psiquismo liberto, que permite o livre arbítrio humano decidir qual caminho tomar, dependendo do tipo de informação que colocamos na constituição do nosso caráter e do nosso código filosófico. À medida que vamos educando a nós mesmos,

modificamos o nosso DNA. É desse modo que conseguimos diminuir a nossa “semelhança” com Javé, no que diz respeito à sua “doença”.

Por exemplo, se aprendermos o código filosófico que Jesus ensinou, passando a imitá-lo, aumentaremos a nossa “semelhança” com o Mestre, pois assim, o nosso DNA vai alinhando-se com ele ao mesmo tempo em que passa a libertar-se da “semelhança original” do Criador.

Do mesmo modo, se eu escuto um guru, um bom amigo ou assisto um bom filme, à medida que vou me educando, altero o meu DNA. E quando qualquer pessoa transforma o seu DNA, ela influencia o “nidana” desses Seres, e em especial, o do Criador.

Uma informação registada no “jogo químico” das sinapses presentes num cérebro humano, marcada no seu DNA pessoal, pode chegar até ao psiquismo do Criador “caído” ou de qualquer outro ser que exista alhures, vinculado a esse “drama”. E são os elétrons que realizam esse trabalho! O entrelaçamento entre eles promove uma “ponte quântica” para o trânsito de informações cada vez mais complexas.

CAPÍTULO 13

O Mistério dos Elétrons

Há muito ainda por se saber sobre os elétrons. Uma das suas faces mais misteriosas reside no facto do mesmo possuir uma capacidade de “memória quântica”, que as demais micropartículas formadoras do mundo material não possuem.

O elétron “marca” em si mesmo tudo o que ele “vivencia” e não é demais lembrar que esse “agente básico da vida universal” é o único que existe desde o primeiro momento da Criação, e existirá também como tal até não mais existirem elementos químicos, quando a energia Tamásica presidir a finalização das forças nucleares fraca e forte, que comandam a formação dos átomos.

Nessa ocasião, a desorganização entrópica será total, resultando no fim do universo, e as informações dos elétrons estarão associadas à emergente “Mente Universal” que, a esse tempo, estará libertando-se da “desgraça” promovida pelo seu “Eu caído”! No livro “A Rebelião dos Elétrons e o Código da Vida do Criador”, analiso essa e outras questões.

O físico nuclear francês Jean-Émile Charon foi quem descortinou a característica enigmática dos elétrons, de “memorizar” as suas

vivências. Ainda assim, o que os cientistas sabem sobre esse assunto parece não os estimular a um maior aprofundamento da questão — é como se soubessem do facto, mas sem conseguir entender o seu significado profundo.

Para tentar explicar e homenagear a ousadia de quem chegou até este ponto deste livro, a questão do elétron servir de “ponte quântica” entre o Criador “caído” e as suas criaturas-ferramentas, segue abaixo uma sequência de informações que possibilitam um melhor entendimento sobre um processo que acontece a cada instante cósmico, do qual não nos apercebemos.

O menor tempo possível que existe é 10^{-43} segundos, o chamado “Tempo de Planck”. Esse instante seria o menor tempo que a mente humana, com a consciência, pode compreender, ou seja, perceber matematicamente. Portanto, dentro de um segundo, cabem bilhões de instantes, matematicamente divisíveis. A ciência quântica descobriu que todo o universo, com tudo que está nele, materializa-se e desmaterializa-se bilhões de vezes em um segundo — e isso é tão rápido, que não notamos.

Quem está em Perpérion — “cidade” localizada nos ambientes vinculados à Espiritualidade Laboratorial — percebe esse “fenómeno”, porque foi lá, e ainda é, a “base criativa” de onde emergiu o “colapso quântico inicial” que se transformou no “foco da Singularidade” que deu início à criação destes dois universos.

Quem está dentro da Criação — ou seja, as consciências que se encontram a existir em corpos feitos de matéria (seres biológicos) ou de antimatéria (seres clonados e demos) — não percebe esse “fenômeno” que resultou da vibração inicial (colapso quântico). Os que estão submetidos aos efeitos do “choque” da energia transformando-se em matéria, e esta em energia, bilhões de vezes por segundo, obviamente não percebem isso.

Se no “momento zero” do universo, quando ele estava a ser organizado, os elétrons não tinham nenhuma informação “marcada” neles, estranhamente, na medida que a entropia vai acabando com a estruturação da matéria, os elétrons vão adquirindo informações e, no final, estarão com todo o acumulado do que foi produzido no campo da informação ao longo dos bilhões de anos de existência desta Criação.

Os elétrons “marcam” tudo o que pensamos e sentimos. O registo akáshico corresponde exatamente a esse processo. Não tem como “enganá-los”.

Como resultante desse acumulado de informações, os cientistas de vanguarda afirmam que está a surgir no universo algo chamado “Biocosmos Inteligente”.

O “Biocosmos Inteligente” seria um “Processo Mental” ou uma “Mente” resultante das informações dos elétrons. E essa “Mente”, em algum momento, vai atingir uma massa crítica, com convenções mentais e vibrações emergentes, de tal modo que ninguém sabe ao

certo o que vai acontecer. Os cientistas não sabem qual é a função dessa “Mente Universal”.

Ao que me é dado saber e/ou deduzir, a função é exatamente a de substituir a “Mente Despedaçada” de Prabrajna, possibilitando-lhe a “restituição” da mesma.

Simple assim!

Pelo que os espíritos codificadores explicam, não se sabe ao certo se isso vai acontecer dentro dos padrões que ainda estão a ser vislumbrados pelas Consciências mais esclarecidas, vinculadas ao “problema” que é esta Criação. Ninguém sabe “consertar” tamanho desacerto! Se Deus Pai-Mãe Amantíssimo o sabe, estranhamente não caberá a Ele resolver o que foi gerado pela incúria de outros Seres.

Na Terra, o ser humano foi condicionado a infantilizar-se para suportar a vida, assumindo a crença de que Deus, Jesus e outros resolvem tudo. Ledo engano! Jamais resolveram coisa alguma! Todos, e inclusive Eles, temos que funcionar em circuito para ajustar os “problemas” surgidos fora do “Círculo da Perfeição”! Gerações futuras da humanidade poderão compreender esse aspeto da existência, mas por agora, tal entendimento esclarecido não lhe é possível.

Os elétrons e antielétrons representam a energia Rajas de Prabrajna ou, dizendo de outra maneira, a sua “Mente

Despedaçada” ou ainda, os seus “Neurônios Cerebrais” que, indevidamente, escaparam do seu “Corpo Mental”. Ou seja, o “Eu” dele “caiu” todo “despedaçado” na própria Criação, e “reconstruiu-se” como pôde.

Quem “juntou” os elétrons em torno da arquitetura do átomo, foi Mavatna — com as suas forças nuclear forte, nuclear fraca, eletromagnética e gravitacional —, mas não houve tempo dele fazer o mesmo com os antielétrons! Primeiro, ele juntou os elétrons para produzir planetas, satélites, biosfera e natureza, visando compor o cenário possível de vida. E depois, essas mesmas forças teriam criado o fenómeno da vida, porém tanto para o contexto geral quanto para os corpos vivos, os elétrons são os responsáveis pela sustentação de tudo no universo material.

Por trás de cada par de olhos humanos, na verdade, estão os elétrons de Javé, tentando, à moda do pensamento de cada pessoa, reconhecer a si próprios como partes do “Ser Despedaçado”.

A grande verdade é que a maneira de pensar de cada um de nós é tão somente o “retrato” do espírito que nos anima, utilizando-se dos elétrons dos corpos biológicos para, da melhor maneira possível, “marcá-los”. Desse modo, ao receber o fluxo dessas “marcações” no DNA, Javé pode “reestruturar-se” a partir do que cada ser existente no universo, vai vivenciando.

Todo esse processo está a ocorrer para que, um dia, daqui a alguns bilhões de anos, enquanto o universo estiver a expandir-se

e novos corpos forem construídos a partir do DNA humano e da sua especiação, quando seres mais evoluídos forem surgindo, mais e mais sofisticadas serão as “marcações” nos mesmos elétrons que existem desde o início da Criação. Sob essa perspectiva, os nossos espíritos estão a fazer um “favor” a uma Divindade “caída”, ao “rejuntar” as suas partes, mas não à maneira dela, mas a que é possível a cada um dos “agentes” que vivem essa “epopeia maluca” na “casa” a que chamamos de “universo”.

Portanto, esse é o “Processo de Redenção” de uma Consciência Adhyatman que “caiu” e “despedaçou-se”, e que precisa “reconquistar” a sua antiga condição existencial perdida. Isso é o que está a ocorrer e sempre ocorreu! Até lá, nós temos a obrigação moral, esse “Favor Divino” que estamos a fazer, de “reconstruir” a “Mente” de Prabrajna. Pode parecer assustador, porém é isso mesmo. Talvez, por isso Jesus tenha dito que aquele que descobrisse a verdade, primeiro tomaria um susto, ficaria chocado!

Ou seja, no “Evangelho de Tiago”, o chamado “Quinto Evangelho”, consta esta importante reflexão proferida por Jesus: “Quem procura, não cesse de procurar até achar; e, quando achar, ficará estupefato; e, quando estupefato, ficará maravilhado; e então terá domínio sobre o universo”.

Jesus, já no estado de ressuscitado, referindo-se àqueles poucos, dentre os humanos, que se sentem inclinados a buscar a verdade, de tanto insistirem nessa busca, um dia descortinariam as suas “cores”, mas isso não seria agradável, pois deixaria o buscador estupefato num primeiro momento.

A questão, que não aprofundarei aqui por pertencer a outra ótica de abordagem que procuro desenvolver em outros livros, é que os elétrons entraram também em “choque” quando receberam as vibrações dos psiquismos humanos, relativas à estupefação sentida por aqueles que perceberam que o Criador estava com “problemas”! O “homem Jesus” foi um desses!

CAPÍTULO 14

A Entropia e a Negentropia Aplicadas à Criação

Esses dois conceitos, entropia e negentropia formam uma das faces do segredo ou do mistério de tudo o que está a acontecer, e por trás dos mesmos encontra-se o resultado do que foi possível, à época da gestação desta Criação “problemática”, ser implementado pelo concurso das Mentes vinculadas ao processo.

Explicando de maneira simples, negentropia é um tipo de entropia negativa, ou seja, deve ser entendida como o contrário de entropia, que representa a medida do grau de desorganização de um sistema. A negentropia seria, portanto, a medida do grau de organização das partículas de um sistema. Um elemento negentrópico é aquele que contribui para o equilíbrio e para o desenvolvimento organizacional.

Segundo a Física, no “momento zero” do universo, o mesmo estava 100% organizado e definido em termos de leis. Na medida que o tempo passa, o universo vai se desorganizando, até que atingirá o seu final. É por isso que, um dia, ele vai ter fim.

É importante compreendermos que, no “momento zero”, existia um determinado número de elétrons. No último momento da

existência deste universo deverá existir esse mesmo número de elétrons. Decorridos 13,8 bilhões de anos depois do início da Criação, a quantidade de elétrons que existe atualmente é a mesma que existia no início, no momento em que tudo estava 100% organizado.

Como já ressaltado no capítulo anterior, Charon descobriu que cada elétron tem uma memória quântica. Eles absorvem absolutamente tudo o que experienciam. Isso é muito importante porque o mesmo elétron do início existirá o tempo inteiro até o final do universo, e nele estará “marcado” tudo o que “vivenciou e compartilhou” de informações com os seus “irmãos gêmeos-parceiros” do emaranhamento quântico. Isso implica dizer que, se o universo vier a durar 100 bilhões de anos, esse elétron “marcará” em si mesmo tudo o que ele “vivenciar” ao longo desse tempo. Os postulados científicos afirmam que, no universo, nada se cria, nada se perde, tudo se transforma!

Quando um corpo morre, ele vai apodrecendo e volta a ser pó, pois cada célula, cada molécula, vai-se desintegrando, e os seus elétrons — que giram em torno do núcleo atômico — que voltam à sua condição de “unidade”, não “morrem”. É desse modo que os elétrons “absorvem” toda a informação, pois o que “vivenciam”, fica “gravado” neles.

Os elétrons passam de um ser para outro, de um objeto para outro. Se nos encostarmos numa parede, os elétrons do nosso corpo migram para ela, e os da parede para nós, e caso, depois, uma outra pessoa venha a tocar nessa parede, esses elétrons

passam para ela, e o que está “gravado” neles, se tornam parte dela.

Se apertarmos as mãos uns dos outros, há uma grande troca de elétrons. Assim, os conhecimentos e os sentimentos vão passando de uma pessoa para outra. Ao ser absorvido por um ser humano, o elétron de um jacaré, por exemplo, sofre um grande “choque” quando a vibração instintiva que ele vivenciava nesse animal se encontra com as emoções de amor sentidas no corpo humano.

Desde o momento em que Prabrajna criou a “Singularidade” até agora, a quantidade de elétrons continua a mesma. O elemento mais importante da sua Criação — que foi “ajeitada” por Mavatna —, não é nem o espaço-tempo, nem a questão da matéria-energia que, em tese, são os quatro elementos mais complexos, mas sim a informação. Cada elétron está a “recolher e a gravar” informações desde o “Big Bang”. No momento final do universo, quando cada elétron deixar de ser um elemento material e voltar a ser energia, toda informação que ele recolheu vai ser repassada definitivamente para “algum lugar”.

Assim, entropia significa o facto de que o universo estava plenamente organizado no seu início, mas vai se desorganizando à medida que se expande. Isso determina que, um dia, tudo terá fim, pois a entropia é resultante da aplicação da energia de Savna na Criação, que é predominante sobre as de Prabrajna e de Mavatna. Por outro lado, a negentropia, que também atua neste universo, é um tipo de entropia negativa, que estrutura a informação disponível, reorganizando o sistema num outro sentido.

No atual momento cósmico, a espécie *Homo sapiens* é mais nova e, portanto, a que possui um genoma mais atualizado e moderno, e está “hospedando” — nos corpos humanos terráqueos — os elétrons habilitados a “marcar, replicar e repassar” as informações mais complexas até agora produzidas no âmbito interno desta Criação.

Os “seres de vida curta” (os biológicos), estranhamente, chegaram a atingir ou a conquistar essa condição, enquanto os “seres de vida longa” (os anjos-clones e os demos) do universo vizinho, jamais o lograram conseguir. Aqui, porém, reside uma face cruel do processo existencial vigente: foram eles, os “longevos”, que urdiram os “mortais de vida curta”.

Da mesma maneira que existe uma lei entrópica para o nosso universo — ainda que, por enquanto, a ciência não tenha atinado para essa questão —, há também uma outra lei, de ordem semelhante, adaptada ao universo paralelo, que ali se faz presente, garantindo o fim de tudo o que existe do lado de lá.

Envolvendo estes dois universos, persiste uma lei ainda maior, no campo da entropia, que permite a regulação ou compensação dos termos da equação entrópica entre os dois, pois que oriundos de uma mesma gênese. Sem que disso se saiba, a resultante vibratória desse “jogo” que empresta e garante o desgaste, a reciclagem e a desestruturação do que passou a existir, cai sobre tudo o que está temporariamente estruturado no âmbito do circuito existencial do que foi gerado.

O peso dessa entropia tem, inexoravelmente, que atuar sobre o todo. Contudo, os seus percentuais podem ser manipulados, desde que o resultado final não se altere. Assim, para que os seres do universo antimaterial tenham uma vida de bilhões de anos, torna-se necessário que outros tantos tenham vidas curtíssimas, para fazerem valer os efeitos da lei entrópica e do seu “equilíbrio” atuando sobre o Sistema — ou seja, a Criação.

Esse é um dos motivos pelo qual, mais recentemente, no âmbito da linha temporal deste nosso universo, muitas espécies animais foram surgindo na natureza deste e de outros mundos. Expressando-me de um modo frio, objetivo e direto, os seres das espécies biológicas foram programados para terem “vidas mais curtas” exatamente para compensarem as “vidas longas” dos Criadores e das suas Aristocracias clone e demo.

No romance de Oscar Wilde, intitulado “O Retrato de Dorian Gray”, enquanto todos os seus contemporâneos envelheciam, o protagonista, que era um tipo de mago, mantinha-se eternamente jovem porque quem envelhecia era o seu autorretrato, escondido da vista de todos, que ele havia pintado com os seus “poderes paranormais”. Esse é um exemplo de como se pode compensar os efeitos da entropia, pois os mesmos incidem inexoravelmente sobre tudo. Contudo, repassar esses efeitos um pouco para cá e outro tanto para lá, esse “truque entrópico” pode ser feito sem alteração no resultado final do Sistema — ou, pelo menos, assim parece sob a perspectiva da lógica humana.

Analisando com essa premissa tortuosa, nós, os entes biológicos da Criação, somos o “retrato de Javé”! Fomos criados com essa programação genética para possibilitarmos a manutenção, por mais tempo, da vida longa que esses Seres sempre pretenderam ter, inclusive julgando-se “imortais” — o que constitui, no mínimo, uma infantilidade.

Em sendo isso verdadeiro — e o tempo cósmico o dirá —, observe só o leitor como o assunto é complexo e o quanto os conceitos e verdades, até agora colecionados, precisam ser ressignificados. Renomear conceitualmente a vida que levamos, no sentido de sabermos que a “doença” do Criador “caído” vive em nós, pois encontra-se hospedada no DNA dos membros da espécie *Homo sapiens*, sendo cada ser humano um mero possuidor de uma quota específica do problema, restando aos nossos egos evoluírem para, desse modo, poderem contribuir com a “redenção” de um “Logos caído”.

Enfim, o “psiquismo afetado” de Javé é que vive em nós, só que naturalmente “desperto” em cerca de 3% a 5%, porque a sua “doença” encontra-se codificada no genoma das cobaias-humanas, dentre outros, ainda que pensemos que somos nós que estamos a viver.

Independente de que o saibamos ou não, somos tão somente os “agentes” de um modo de vida vexaminoso, para ajudar o Autor de um “Projeto Dimensional” que, ao executá-lo, ao colapsar a sua ideia, “deu-se mal”, gerando o “drama” que todos vivemos.

Foi assim que uma Inteligência “falida” criou outras, para delas se servir. O “truque” foi e é esse! Com os humanos, porém, houve um problema singular: as “cobaias” saíram do controle! As “peças” do “jogo da existência”, que eles estavam acostumados a manipular, adquiriram vida própria. O episódio relativo a Adão e Eva, no “Jardim do Éden”, é a mais emblemática das aparentes metáforas que ilustram o susto e a perplexidade do Criador “caído” e da sua Aristocracia, ao tomarem consciência do tipo de “criatura-ferramenta” que havia surgido na Terra.

Assim, o que entendemos por entropia, existe nos dois universos. E ela destrói tudo. Não tem como enganar o resultado final. Contudo, é possível mexer em um dos termos da equação, sem modificar o seu resultado final, como já explicado. Esses Seres perceberam que para terem uma “vida longa”, algo cobrava que outros existissem sob os efeitos do desgaste corporal, devolvendo a energia da Criação de maneira rápida, porque assim determinava o “jogo” em curso, entre as Gunas que atuaram nesta Obra.

Nós somos uma experiência biológica criada originalmente para não pensar. Estranhamente, contudo, despertámos, e estamos a entender e a decifrar tudo isso — as “feridas” desta Criação — para os próprios demos, permitindo que o senso crítico e a razão filosófica também se manifestem neles, de modo que possam compreender que estão a agir connosco como nós fazemos com animais em testes de laboratório. É assim mesmo que eles nos tratam — como “cobaias” —, e por uma série de motivos.

Os demos são tão “dementados”, que não conseguem ajudar na formação da “Supermente”, emergente no âmbito deste universo, pois eles não dão contribuições positivas. Entretanto, mesmo que as dessem, elas não seriam contabilizadas nesse processo, porque os antielétrons que eles utilizam não têm capacidade de “marcar” produtivamente as eventuais contribuições deles.

Somos nós que estamos a construir o “Biocosmos Inteligente”, apesar de sermos as “cobaias”, que têm que morrer logo para que eles permaneçam vivos por bilhões de anos. O curioso de toda esta história é que o tipo de “entropia demo” que existe no universo antimaterial, parece não ter a sua contraparte negentrópica. Por outras palavras, no Brahmaloka, só existe entropia, ou seja, somente expressa-se desorganização, desestruturação, não existindo nenhum tipo de fator negentrópico que o possa reorganizar de algum modo.

Ao perceberem que o modo como viviam — refiro-me a Brahma e aos seus anjos-clones, Shiva e Vishnu, com os seus descendentes demos —, não produzia progresso, ou seja, não gerava informações “sofisticadas”, e se surgisse alguma, não seria registada nos antielétrons, chegaram à conclusão de que havia um “impasse” terrível existindo no universo paralelo. Essa foi uma das premissas que originou o já referido “Projeto Talm”!

Tudo o que cada ser humano pensa, portanto, ele marca instantaneamente no seu DNA, no campo mórfico da espécie Homo sapiens, nas egrégoras correspondentes e afins com o que dele é constantemente emanado, nas unidades mórficas que mantêm a

funcionar o inconsciente coletivo, definido por Yung e, por fim, na “memória” de cada elétron do universo — a partir daqueles elétrons que formam o seu corpo animal, e que “repassam” as informações por meio do “emaranhamento quântico”. Os elétrons que constituem o nosso corpo, “capturam” tudo o que pensamos e sentimos a cada segundo. O mesmo se dá com todos os outros seres. O processo é instantâneo! Para os que desejam aprofundar-se, sugiro a leitura do livro “O Universo Inteligente”, de James Gardner — um jornalista especializado em pesquisa científica —, que fala exatamente dessa “Mente Inteligente”, desse “Biocosmos” que está a surgir, que seria uma “Mente” que se forma a partir do acumulado do conhecimento “marcado” nos elétrons.

James Gardner aborda as teses do “Biocosmos Egoísta” e do “Biocosmos Inteligente”, dentre outras questões instigantes, no seu já referido livro: “A essência da hipótese do Biocosmos Egoísta é que o universo que habitamos está no processo de ficar impregnado de vida cada vez mais inteligente — mas não necessariamente vida humana ou sua sucessora. Nessa teoria, a emergência da vida e da inteligência cada vez mais competente não é um acidente sem significado num cosmos hostil, em grande parte isento de vida, mas está no próprio âmago da vasta maquinaria da Criação, da evolução cosmológica e da replicação cósmica”.

Os demos “faliram” porque não conseguiram produzir uma “Mente Coletiva Sofisticada”! Aplicando uma analogia do modo como a informação se propaga, imaginemos uma piscina com água bem tranquila. Se soltarmos uma pequena pedra, por menor que ela seja, quando cair, provocará ondas que se espalharão em todas

as direções. Não haverá uma única molécula de água dessa piscina que não receba a influência das ondas que foram criadas, e todas elas baterão na borda da piscina.

Se retirássemos todos os registos de informações que foram marcados na borda e os colocássemos numa máquina de projeção holográfica, reproduziríamos um filme contendo a influência que cada molécula de água daquela piscina recebeu de tudo o que caiu nela. Simploriamente falando, isso é holografia! Factos em 3D são marcados em 2D. Se retiramos a película 2D e colocarmos numa máquina própria, reproduziremos em 3D.

O nosso universo é como uma grande piscina. Cada vez que qualquer ser pensa, sente ou se movimenta, causa movimentos no “éter”, e tudo isso vai-se propagando como ondas, que vão registando na “borda” do universo todas as suas informações — assim explica a ciência de vanguarda.

Se retirássemos essa borda com todas as informações de todas as ondas que lá chegaram, e as reproduzíssemos numa grande “máquina holográfica”, veríamos exatamente o nosso universo com tudo o que cada “agente da vida cósmica” já fez, o que implica dizer que, o que cada ser humano sente e pensa, está a ser “marcado” nos elétrons e na “superfície extrema do universo”. Significa que uma “Mente Coletiva Sofisticada” está a surgir, chamada por alguns de “Biocosmos Inteligente”. É o produto da negentropia!

Como já dito, o problema é que no universo demo isso não acontece porque o tipo de densidade que nele existe, não permite essa “marcação” nos antielétrons.

Finalizando o capítulo, obrigo-me a novamente informar que, neste livro, a questão sobre a importância dos elétrons não será aprofundada, pois me preocupei apenas em relatar o básico para o entendimento da entropia e da negentropia, como também a noção de que, na Criação, os elétrons são a base da Obra de Javé, e que todos os seres são os Coarquitos do Criador. Esses e outros assuntos, como ressaltado anteriormente, estão detalhados no livro “A Rebelião dos Elétrons e o Código de Vida do Criador”.

CAPÍTULO 15

Os “Agentes da Vida Universal” e as Mónadas

Sob a perspectiva do surgimento da vida, Brahma foi o doador do código genético primordial — o “Código-Fonte Definidor Pessoal” (CFDP) —, que deu origem, de maneira direta e/ou indireta, a absolutamente todo e qualquer corpo de ser vivo que existe na Criação, em qualquer quadrante dos dois universos que a compõem.

A Vishnu coube dar o “modelo consciencial” para que cada ser criado a partir do DNA “doentio” de Brahma, pudesse evoluir para libertar-se das formas transitórias deste universo, de modo que o seu espírito conseguisse retornar a algum nível da Espiritualidade Superior, habitat das nossas almas.

A competência de Shiva foi operar como o “Organizador” das formas erigidas a partir do CFDP “doentio” de Brahma, tanto destruindo as formas transitórias monstruosas criadas, que constituem impedimento ao progresso dos demais, como trabalhando na “semeadura do conhecimento” para aqueles que querem libertar-se mais cedo deste “drama existencial”.

Shiva é considerado o “Senhor dos Iogues”. Nos ensinamentos do yoga, ele mostra-nos, por meio de uma postura mental amorável, associada a um ritmo respiratório controlado, como uma consciência espiritual particularizada — ainda que subordinada a um corpo demo, biodemo ou biológico —, pode construir a habilidade de retornar à “Pátria Espiritual”, livrando-se do “samsara”¹, o “jogo” imposto pela necessidade gerada por Brahma.

O facto é que cabe a Shiva — e Brahma não gosta nada disso — testemunhar e ensinar como livrarmo-nos mais rapidamente desse processo de renascimentos sucessivos, em corpos transitórios. Nesse campo, como em outros, ele tem feito o que lhe foi possível realizar, conforme as circunstâncias.

A “epopeia dos agentes da vida universal” começou quando o caos e o tormento se manifestaram nesta Criação. O grande problema é que não há nada que exista em lugar algum da Criação “indevida”, dos níveis de Perpérion ou da Espiritualidade Superior, que possa existir sem que haja uma “mónada espiritual” dando estrutura a esse corpo, seja uma pedra, uma planta, um animal ou mesmo um robô.

¹ “Samsara” é um termo sânscrito que significa “fluxo contínuo de renascimentos”, ou “ilusão (samsa) em movimento (ra)”, representada de maneira cíclica. Ela surgiu quando a Espiritualidade teve que criar uma “tecnologia de imantar” espíritos a corpos primitivos materiais — para permitir que “algo espiritual” desse alento (vida) ou estrutura ao que materialmente ia surgindo. Até então, não havia “tecnologia para imantar” espíritos a corpos como os que Javé havia começado a criar.

A Espiritualidade sempre esteve “a reboque” do processo que ocorre nesta Criação, no sentido de ir criando a “tecnologia” possível às situações. A “samsara” não é boa, porém ela não é necessariamente má, mesmo sendo cansativa e cheia de riscos. Nós já podemos transcender ao “jogo de samsara”, sem culparmos Javé pelo que nos acontece ou aconteceu.

A Espiritualidade Superior, vendo o “drama” que estava a acontecer — ou seja, observando que ocorreu uma Obra “indevida”, cheia de “defeitos”, e que tudo o que os “agentes da vida”, contextualizados no nível da Espiritualidade Laboratorial, onde se situa Perpérion, estavam a fazer, era para libertar Prabrajna, que havia “caído” —, começaram a dar de si mónadas, associadas aos Seres de Perpérion, para que elas estruturassem os clones que Brahma estava a criar ainda na primeira etapa da história da Criação “problemática”.

No início, era muito difícil “imantar” um espírito naqueles tipos de corpos clones. Com o passar do tempo, a Espiritualidade foi conseguindo grandes avanços, e esse processo continua a ser melhorado até aos tempos atuais. Além dos Seres viventes nos níveis superiores da Espiritualidade Maior, os seres Adhyatman (de Perpérion, na Espiritualidade Laboratorial) desenvolveram uma tecnologia espiritual na qual retiraram de si mónadas, para imantá-las nos seres que Brahma criava — esses dois processos tiveram lugar.

Nesse tempo longínquo da história universal, ficou contextualizada a seguinte situação para a posteridade:

- a) Brahma/Javé não tinha alma, porque perdeu o seu Corpo Mental no momento da “queda”, e ficou “doente” e;

- b) alguns clones começaram a ser estruturados com alma, ainda que não tivessem pensamentos próprios, pois eram apenas “robôs” da vontade de Javé.

Quando a Criação contava com 1,6 bilhão de anos — assim definidos com base na maneira como os humanos compreendem o fator temporal —, os Seres Adhyatman que permaneceram em Perpérion perceberam que, potencialmente falando, os elétrons do “emaranhamento quântico”, que estruturavam o universo material, eram “limpos” porque não estavam a receber as vibrações “doentias” do Criador “reconstruído” sob a forma de Brahma/Javé, e dos seus clones. Em contrapartida, devido a esse aspeto, os antielétrons estavam inevitavelmente “sujos” porque Brahma os usou para “reconstruir” a si mesmo, criar os seus clones de “primeira hora” e o Brahmaloça, tudo de maneira absolutamente improvisada.

Os Seres Adhyatman também perceberam que as almas imantadas nesses clones, logo se “sujavam”, e que esses antielétrons “sujos”, que formavam os corpos deles, possivelmente impediriam o progresso evolutivo mental psíquico de quem “mergulhasse” no Brahmaloça. Talvez, a solução estivesse no universo material, que se expandia, mas que ainda não tinha ninguém a viver nele. Não existia vida biológica no Bhuloka! O aspeto biológico ainda não havia “brotado” no nosso universo: era físico-química pura!

Há cerca de uns 6 bilhões de anos depois do início do universo, quando vários Seres de Perpérion e de outros rincões da

Espiritualidade Laboratorial — como Tempérion e Lempérion — já se encontravam “projetados” ou mesmo “mergulhados” na Criação “problemática”, os três “Senhores da Trimurti” decidiram implementar o “Projeto Talm”, e começaram a disputar para ver qual parte de cada um seria “semeada” no universo material. Vishnu e Shiva conseguiram apresentar protótipos, mas Brahma, como referido anteriormente, jamais o conseguiu.

Tanto Vishnu quanto Shiva conseguiram criar uma “molécula-mãe”, a ser lançada no universo biológico, e nela, o “Código-Fonte Definidor Pessoal” do Criador foi “adequado”, surgindo o já referido “nidana”, um tipo de “ovo cósmico”. Com a replicação de notadamente duas dessas novas e “atualizadas” versões de “ovos cósmicos”, produzidas pelo “Projeto Talm”, mais e mais “agentes da vida universal” foram criados para atuarem nos reinos vegetal e animal, dentre outros existentes nos mundos do universo agora já dotado da face biológica.

Muitas daquelas mónadas, originalmente geradas para atender às demandas da “máquina de criar vida biológica” — sem nenhum tipo de controle de qualidade, que o “Projeto Talm” implementou em diversos mundos, notadamente na Terra —, que na génese da sua particularização foram “imantadas” a vegetais e a animais irracionais, encontram-se na posição de espíritos agora “imantados” em corpos humanos ou, dizendo de outro modo, atualmente estão encarnados na condição humana.

Como se pode perceber, ninguém que esteja a viver no âmbito interno desta Obra parece ter percorrido um caminho fácil no

passado. A epopeia de cada alma, de cada espírito com psiquismo particularizado, de cada ser, de cada “agente da vida” que se põe nesse “programa existencial maluco, impessoal e cruel”, para continuar a funcionar, dando tudo de si e recebendo muito pouco — bem menos do que pode imaginar a fé infantilizada e ingênua dos humanos —, é uma “trajetória histórica” ainda por ser descortinada por cada um de nós.

No futuro, talvez se chegue à conclusão que, de facto, a ignorância é uma bênção! Contudo, para resolver o problema da Criação e, particularmente, deste universo, cujos elétrons ainda se encontram mais “limpos” que os antielétrons do Brahmaloka — imaginem só! —, essa zona de falso conforto terá de ser rompida para que cada “agente da vida” se perceba como uma peça importante e única no contexto universal.

O quanto de verdade cada um de nós pode suportar, esse é o aspeto que caberá às consciências particularizadas definirem até que o cenário do final desta Obra se imponha definitivamente.

Até lá, parece ser “pura aventura”!

CAPÍTULO 16

As Eras da Criação

Visando uma melhor compreensão dos leitores, vou reproduzir aqui o que já foi exposto no livro “O Drama Terreno de Javé”, mas aprofundando alguns aspetos sobre as eras universais — para as quais utilizei o modo como os humanos terrestres medem o tempo —, ocorridas desde que esta Criação teve lugar, procurando ressaltar a atuação dos “agentes da vida universal”.

Até este momento, a Criação de Prabrajna — ou Prajapati — pode ser dividida em sete Eras, porém ainda são previstas mais três, resultando num total de dez Eras universais, que estão descritas a seguir. Em termos de tempo universal, nós estamos a viver o final da sétima era.

“Era da Solidão”

Durou até cerca de 500 milhões de anos após o início da Criação. Essa primeira Era corresponde ao período da “solidão” — a grande e dolorosa marca dessa Era — do Criador, que “caiu” e tornou-se “prisioneiro” da própria Obra. Ocorreu a “reconstrução” do Ser “decaído” — que era Prabrajna, antes de ser “sugado” pela sua Criação —, nos moldes holográficos em que passou a ser conhecido

até aos tempos atuais (refiro-me a Brahma/Javé). Brahma auto-organiza-se e começa a tentar criar diversas levas de clones.

“Era da Geração”

De 500 milhões a 2,2 bilhões de anos após o início da Criação. Era em que Brahma gerou diversas espécies de clones a partir do seu próprio “Código-Fonte Definidor Pessoal”. Savna “mergulhou” quando a Criação contava com 1,63 bilhão de anos, surgindo como um clone. Esse clone foi considerado “rebelde” porque agrediu Brahma na altura dos 2,2 bilhões de anos após a Criação. Durou cerca de 300 milhões de anos o período de recuperação e reorganização de Brahma, ao mesmo tempo em que ele se preparava para punir o clone “rebelde” e os seus seguidores. Os “agentes da vida” eram os anjos-clones robotizados e o anjo-clone “rebelde” e os seus seguidores.

“Era da Punição”

De 2,2 a 3,2 bilhões de anos após o início da Criação. A terceira Era começou com a punição do anjo-clone “rebelde” e de muitos outros grupos de anjos-clones, considerados por Brahma como “cúmplices” do “traidor”. Ao fazê-lo, Brahma destruiu o corpo do clone “rebelde”, liberando a sua alma agora “infetada” pelos padrões da luta mantida, o que a levou a assumir uma forma mutante, surgindo assim o demónio Shiva, que deu origem à estirpe demo. Ocorreram desdobramentos devido à geração das espécies demoníacas.

O Senhor Brahma fez valer o seu poder sobre grande parte da sua Hierarquia Celestial, quando “castigou” muitos anjos-clones, que tiveram que sofrer “metamorfoses” advindas ou provocadas pelo poder mental do Criador, que assimilara de Shiva as suas características demoníacas. Uma das tais espécies que surgiram na época em que essa “punição” se deu, refere-se a um certo segmento bem “singular” da “família de demónios”, que teria longa atuação nos destinos do futuro planeta Terra — que se formou há 9,2 bilhões de anos após o “Big Bang”. Sem ter uma consciência crítica de que havia algo de errado com os demos, um certo anjo-clone “castigado” hesitou em se expressar como demo, e isso criou uma mutação no código de vida dele, que permitiu todo esse processo de “deslacre” em que estamos envolvidos atualmente.

Dele foi retirado o padrão genético que viria a ser “semeado” no universo material, e que terminou por “alicerçar o seu progresso” nas diversas espécies biológicas que surgiriam mais tarde. Assim, o padrão genético “hesitante” dessa estirpe demo foi a base do DNA a partir do qual a espécie *Homo sapiens* surgiu. Surgiram muitas espécies ainda mais estranhas para o senso atual desta humanidade, advindas da “genética” de Shiva e Brahma. Os “agentes da vida” eram os anjos-clones “robotizados” e os demos “dementados”, porém livres das ordens automatizadas de Brahma.

“Era do Impasse”

De 3,2 a 4,3 bilhões de anos após o início da Criação. Época na qual o Senhor Brahma já havia definitivamente perdido a capacidade de criar seres sozinho devido à agressão de Shiva.

Assim, a capacidade de criação de novas espécies ficou com algumas classes de anjos-clones — para as quais Brahma havia repassado o seu poder criador —, e a outros processos. O caos estabeleceu-se em todo o universo antimaterial, e os “atores da vida” complicam-se ao se “sujarem” com os “ferimentos” e de “armadilhas” produzidos ao longo dos conflitos. Foi quando surgiram as “famílias” Aya e Aye, que são “novas versões” de clones antes existentes, e cujos códigos-fonte definidores de vida continham, de algum modo, misturas da genética dos descendentes de Shiva com os de Brahma. Mavatma “mergulhou” 4,1 bilhões de anos depois que a Criação teve lugar, e edificou-se como Vishnu. Durante 200 milhões de anos houve uma influência avassaladora de Vishnu/Eros sobre todos os seres então existentes. Morus surgiu cerca de 4,2

bilhões de anos após a Criação e sumiu cerca de 1,4 bilhão de anos mais tarde — portanto, cerca de 5,6 bilhões de anos após a Criação. Os “agentes da vida” eram os anjos-clones “robotizados” e outros já “despertos”, além dos demos “dementados” e outros com certa capacidade de discernimento.

“Era da Lila e da Aceitação”

De 4,3 a 5,7 bilhões de anos após o início da Criação. A quinta Era começa com a institucionalização da Lila e da “aceitação”, por parte do Senhor Brahma, da “semeadura” do seu “Código-Fonte Definidor Pessoal” (CFDP), já manipulado e agora transformado em “código-fonte definidor de vida” (CFD), a ser testado nas naturezas planetárias do universo físico, favoráveis à vida, visando a produção

genética de seres menos “problemáticos”, menos poderosos e menos “adoentados” pela “afetação” do psiquismo do Criador. Surge o “Projeto Talm” nos seus postulados teóricos. Os “agentes da vida” são os mesmos da “Era do Impasse”.

“Era da Semeadura Universal”

De 5,7 a 7,2 bilhões de anos após o início da Criação. Com o “Projeto Talm”, efetivamente, inicia-se uma nova era na qual começou a ter lugar a “semeadura” da vida biológica no universo material. Apareceram os primeiros protótipos de seres evolutivos, com liberdade racional decorrente da associação celular — função sexuada em diversos níveis de consecução — de dois ou mais seres. Surgiram alguns padrões de forma corporal parecidos com os de algumas das espécies animais que são conhecidas na Terra atualmente. Dentre elas, como destaque, a que poderíamos chamar de primata/humanoide, até porque, no caso do nosso planeta, seria exatamente sobre esta que a Espiritualidade Superior faria valer a etapa mais estratégica do seu propósito de implementar, entre os seres do universo, a “razão filosófica” conjugada à liberdade de pensamento.

Há aproximadamente 8,1 bilhões de anos, quando o “Projeto Talm” começou, o nosso sistema solar sequer existia — o Sol e a Terra surgiram há cerca de 5 e de 4,6 bilhões de anos, respectivamente —, e portanto, essas vidas começaram em outros mundos. Assim sendo, as espécies animais atualmente conhecidas na Terra, foram elaboradas em outros mundos-laboratórios, inclusive de outras galáxias, até chegar a este pequeno planeta

azul. Segundo os mentores espirituais, quando surgiu o padrão-base do que na Terra formaria o reino dos chamados primatas, hominídeos e humanoides, é que a Espiritualidade Superior percebeu que conseguiria produzir a racionalidade com um patamar de senso crítico e razão filosófica que eles tanto precisavam. Isso foi possível porque o cérebro límbico surgiu com os mamíferos, e foi acrescido do neocórtex, nos primatas. A abertura dos portais entre os universos antimaterial e material começou nessa sexta Era, por volta de 6,8 bilhões de anos após o “Big Bang”, e depois de abertos, assim permaneceram durante o restante desse período da Criação.

“Era do Refinamento da Semeadura Biológica Universal”

De 7,2 a 13,8 bilhões de anos após o início da Criação, ou seja, até à atualidade — está durando 6,6 bilhões de anos. O encerramento dos portais entre os universos antimaterial e material começou nesta sétima era, cujos tempos finais estamos a viver. Mais precisamente, o encerramento deles foi consumado em dezembro de 2012, quando muitos esperavam o “fim do mundo”, mas era tão somente o final do “ciclo dos portais naturais” entre os dois universos. Surgimento de diversas espécies evolutivas, promovidas pelo “Projeto Talm”, com baixo “padrão de afetação” no seu código genético, dentre as quais a humana da Terra — a espécie *Homo sapiens* —, resultante da interferência de processos distintos.

Finalmente, surgem as tão esperadas e desejadas espécies. A “molécula-mãe” que surgiu na Terra, ou seja, o DNA que deu origem a todas as formas físicas terrestres, já era um padrão

refinado do “nidana” porque a “doença” de Javé foi “apagada” em 95% a 97%. Portanto, o ser humano terrestre herdou essa “doença” nos 3% a 5% do código genético denominado “DNA codificante”, refletida através dos impulsos que o condicionam a querer dominar, salvar a sua vida a qualquer custo, alimentar-se tendo que matar outra espécie, e reproduzir-se sexualmente para repassar a informação adquirida.

Esses são as principais características que atuam através dos chacras básicos da organização que qualquer ser humano tem. Isso é o “retrato” da “doença” de Javé, palidamente ativa — imagine o leitor se toda a “doença” estivesse ativa. Ocorreu um impasse entre o Senhor Javé e o seu “enviado”, conhecido como Jesus, que perdura até aos dias atuais, apesar de que, em tese, a divisão do “Comando” e da “Gestão Cósmica” já é assunto resolvido entre Brahma, Vishnu e Shiva — falta tão somente a “entrega dos Cargos”. As sete Eras anteriores ao tempo em que ocorrerá a divisão da Administração Cósmica, no futuro, serão conhecidas como as etapas ocorridas “antes da divisão do Comando”.

Esta Era termina no momento em que Sophia se apresentar na Terra — ou seja, quando ocorrer a vinda de Jesus no seu “estado glorioso” —, porque tal evento caracterizará a “divisão de Comando”, com o fim da Trimurti e da Lila, que, inclusive, já deixaram de existir.

“Era da Geopolítica Universal e da Divisão do Comando”

A oitava Era inicia-se com a volta de Jesus/Sophia, e a atuação mais clara do “Quarto Logos” começa a ter lugar. Brahma, Vishnu e Shiva, em suas expressões Adhydaiva, vão deixar de existir. De facto, Vishnu já o fez, optando por transmitir o seu legado, no “campo da Gestão”, para o “consórcio” dos seus avatares Sophia e Jesus, ou seja, as suas expressões Adhyajna e Adhybuta consorciadas vão assumir o controle. O universo antimaterial já está a finda-se, e ao longo da oitava Era, as consciências de lá — com os seus corpos atuais ou deles já desembaraçadas — migrarão para o nosso universo.

No pior cenário, todos os seres que estão lá perderão os seus corpos clones e demos para que os seus espíritos possam “mergulhar” no Bhuloka, pois na nona Era, só vai existir este universo material. Esta oitava Era vai durar bilhões de anos, e este DNA humano, criado na Terra — associado ao de mais algumas civilizações e aos padrões que advirão do processo de especiação do Homo sapiens — será “semeado” no Cosmos.

“Era da Criatura Universal”

É quando surgirá, neste universo, o melhor protótipo do “Projeto Talm”, a chamada “Criatura Universal” — associada à “Mente Universal Emergente” —, que se espalhará em todos os mundos. Só existirá o universo material, pois o universo antimaterial já estará finalizado.

“Era das Supercivilizações”

Surgimento de “supercivilizações” no universo material. O difícil e delicado trabalho desta última etapa será realizado por essas “supercivilizações”. Nós nos veremos por lá, caro leitor! Quem idealizou o “Projeto Talm”, o fez baseando a vida no elemento químico carbono, além de utilizar mais outras duas bases de vida, que serão descobertas no futuro. Última Era, quando este universo se finda, finalizando esta Criação. Após a entropia finalizar este universo, todos os protagonistas desta história terão voltado para a Espiritualidade.

CAPÍTULO 17

Os Primeiros Seres Gerados pelo “Projeto Talm”

Quando eu estava a ser envolvido e mesmo “adestrado” a acostumar-me com as “produções” do “Projeto Talm”, nunca me foi dado observar nenhum “ser bonito”, pelo menos para a minha lógica. Todos eram muito feios, e aqui entra a nossa condição antropocêntrica e os seus parâmetros lógicos, a partir dos quais construímos as nossas noções de “beleza” e de “feiura” — “anthropos” quer dizer “ser humano”, e “antropocentrismo” é a visão que temos aplicando a lógica humana.

Ao assistirmos filmes sobre “Orcs” — referência aos filmes “O Senhor dos Anéis” e “Warcraft — O Primeiro Encontro de Dois Mundos” —, achamos feias essas criaturas.

Entretanto, em “Warcraft”, há um casal dessas criaturas também horríveis, que demonstra um sentimento de amor muito grande pelo filho recém-nascido, e observando esse sentimento deles, mudámos a nossa postura psíquica para outra melhor, porque há algo de enternecedor no modo como eles vivem.

Trazendo isso para os “monstros” que me foram mostrados nessa proposta de descortinar o “Projeto Talm”, realmente, para

mim, aqueles “laboratórios” pareciam pura “demência” e “monstruosidade” —, mas o “Projeto Talm” era assim mesmo, nos seus primórdios. Aquela situação é totalmente deprimente para a condição humana. Para eles, é uma alegria!

Aqueles seres estranhos, vivos dentro de enormes tubos, num sacrifício desgraçadamente imposto pela necessidade coletiva das suas próprias “espécies fenvans”, submeteram-se a testes de estresse extremo, para poderem produzir mutações nos seus códigos-fonte definidores de vida, os quais, paradoxalmente, produzem metamorfoses exteriores, mas nada modificam no sentido evolutivo, ou seja, no “jogo interno” dos seus programas genéticos. Naqueles dias, eles precisavam produzir mutações muito específicas, para que um “novo tipo de plasma” pudesse deles ser retirado e novamente redistribuído, tanto para as linhas de retaguarda como as de vanguarda da espécie.

Acostumar-se com a ideia de que “aquilo é para o bem”, leva tempo. Alguns são voluntários, outros não têm nenhuma razão filosófica ou senso crítico para esse tipo de questão, e estão naquelas condições porque se viram obrigados!

Então, fui percebendo que nada do que se conhece na Terra, da nossa lógica, serve para aquela conjuntura. Mais curioso ainda é saber que o que conhecemos na natureza do nosso planeta veio daquele “foco laboratorial” e também dos “fornos de vida”, posteriormente edificadas no nosso universo.

O aspeto tenebroso e perverso — e o que de mais adjetivos perturbadores o modo de pensar humano oferecer àquele contexto — de cada um dos processos do “Projeto Talm” choca, inevitavelmente, a qualquer ser que detenha em si algum parâmetro de sensibilidade. No caso humano, não foi diferente porque comecei a ficar indignado com as “figuras” que estão a comandar aquilo. Eles são extremamente inteligentes, mas sem padrão filosófico ou senso crítico, e estão a fazer apenas o que são mandados ou julgam que necessitam fazer. Fazem o que têm que fazer, sem se incomodarem com o sofrimento alheio ou qualquer outra coisa, pois só lhes interessa o resultado final. É terrivelmente impressionante!

Nos laboratórios da Terra, nós fazemos algo similar com os animais quando, por exemplo, pegamos outras espécies — para com as quais não temos o respeito que deveríamos — e lhes injetamos vários tipos de vírus e bactérias, inoculando certas doenças neles, buscando a cura, em benefício da nossa espécie.

Ao lidarmos com uma gama de situações nas quais a nossa sensibilidade varia do encantamento ao desespero, do nojo moral à aceitação do inevitável, começamos a perder-nos. Confesso que entrei em desequilíbrio durante algum tempo! Utilizando-me do “Mentalma” — o meu método de yoga pessoal —, consegui reequilibrar os meus critérios de conduta mental, moral e pessoal.

Na época, eu não conhecia os padrões do “Projeto Talm”, e disseram-me que não tinham mesmo como me explicarem primeiro, para que eu entendesse, e só depois fosse ver a realidade.

Teria logo que me defrontar com ela, e isso foi o que “ganhei” como estímulo para levar adiante o que tenho procurado produzir no campo do esclarecimento. Assim, vi-me lançado no “fosso existencial” mais tenebroso e desesperador que jamais imaginei existir, e reagi e ainda reajo muito mal em tais situações.

Os Seres “Aya” diziam que trabalhariam em cima das minhas reações porque nem eles sabiam, sozinhos, entender a extensão do que faziam ou como explicar o que estavam a produzir. Eles queriam colher, da minha lógica, a decifração para ver como trabalhar esse tipo de problema, tanto nas lokas como nos mundos “semeados”, do nosso universo. Muito estranho!

Eu mesmo vi-me submetido a um estresse extremo, para que o meu DNA se modificasse, de maneira que eles, ao observarem o meu código genético pessoal, vissem o comportamento que eu teria. A questão era se eu conseguiria ir além, e decifrar tudo o que me foi mostrado, criando um comportamento psicológico adequado, que não deformasse o lado da razão filosófica com que classificamos o “bem” e o “mal”. Eles queriam saber se o lado ruim do que eu estava a ser obrigado a perceber, não me levaria a estados psíquicos de rebeldia — ou fosse lá o que eles imaginavam que em mim pudesse surgir. Até hoje, esse processo continua em curso, e confesso não ter noção precisa de como isso vai ser finalizado no meu psiquismo.

Fui e estou a ser uma “cobaia” que o espírito que me anima usou, de modo que, o que sobrasse do meu psiquismo após ser submetido, como natureza humana, a todos aqueles espectros de

experiências, pudesse ser administrado pela minha consciência espiritual, para fazer o que precisava ser feito.

Até ao momento, jamais consegui aprofundar o contexto dos primeiros seres gerados pelo “Projeto Talm”, devido à minha dificuldade de sequer possuir parâmetros e vocábulos para tal. O desafio está em eu me referir, com algum grau de razoabilidade, sobre o panorama imediatamente anterior e posterior à implementação dos processos conjunturais, geradores de protótipos e de seres daquela “primeira hora” de renovação.

Simplemente, não tenho como referir-me àquela leva de pré-fenvans, de fenvans e dos que “mergulharam” nos primeiros sacrifícios. Quando o horroroso se torna necessário e aceitável como sendo o único modo de se buscar alguma evolução, com vistas a qualquer padrão de progresso, tudo o mais desmorona, em termos de razoabilidade, e é exatamente isso o que acontece com o que me resta de sensibilidade e de lógica disponível para abordar a questão.

Para os padrões do infantilizado condicionamento humano, imposto pelo isolamento planetário — que leva os terráqueos a pensarem que “estão sozinhos no cosmos”, que a “vida é uma dádiva de um Deus Maravilhoso e Perfeito”, e que “Deus, Jesus e os demais são meros empregados da fé humana, que os aciona sem qualquer dose de sabedoria” —, os panoramas desse desconhecido passado nos deixa estupefatos, chocados. Então, o que dizer sobre o que está para acontecer e que nos religará a um desafiador

“circuito sideral”, que já nos envolve há muito tempo, ainda que os desavisados terráqueos não tenham consciência disso?

CAPÍTULO 18

Os Humanos do Futuro

Nem todos os humanos são desavisados, pois em todas as épocas, alguns eram escolhidos para serem informados do que havia acontecido e ainda se passava nos “bastidores” da vida terrestre. Entretanto, todo esse compêndio de avisos, vivências solitárias posteriormente reveladas, encontros de diversos graus com seres extraterrestres e extrafísicos, todo esse contexto foi transformado em mitologia pelas religiões que mais tarde surgiram, e se apoderaram do psiquismo humano.

Indistintamente, porém, o tipo de natureza recicladora deste universo, apresenta a “fatura do financiamento da vida” que o mesmo gera, por meio de “choques de realidades”, dos quais nem mesmo os seres que se dizem “Donos” desta Criação, deles conseguem escapar. Demora, mas chega!

Realmente, conforme todos os anúncios proféticos judaicos, sumerianos, acadianos, cristãos, islâmicos e hinduístas (incluindo, neste último, as versões védicas, bramânicas, vaishnavas e shivaístas), os budistas e jainistas apontam para a vinda de um ser de fora do contexto terrestre, de uma “Entidade Cósmica”, e esse será um “divisor de águas”, um choque de realidade que deixará

em situação embaraçosa — para ser generoso — as “autoridades governamentais” da Terra, como também as suas elites religiosas.

Na verdade, os bem informados, os “avisados”, os detentores do poder real do mundo — e aqui não estou a referir-me a presidentes e reis — já estão em pânico, porque há muito conhecem o estranho panorama que une o pretérito terrestre a fatores existenciais extraterrenos, em torno dos quais, mesmo tendo as informações, não conseguem compreender o contexto que promoveu todo esse estranho processo no qual ninguém sabe a verdade sobre muita coisa, ainda que muitos se arvoreem em sabê-la.

Assim, um dos aspetos que mais me choca nesta história é o de que, com este “divisor de águas”, tudo que acreditamos possuir como “verdades” — ou seja, nos acostumámos a pensar como sendo “verdades” —, exceto o importante preceito do “amai-vos uns aos outros”, pouco servirá para esse novo tempo que nos aguarda. Um mero exemplo desse contexto perturbador é o de que a “Revelação Espiritual” (codificada por Allan Kardec), os postulados de Blavatsky (dos quais emergiu a Teosofia), o judaísmo, a teologia católica e protestante, o islamismo, e tudo o mais que foi produzido e sistematizado nos tempos anteriores ao século XIX — sendo exceção a compreensão esclarecida de Platão — desastradamente, confundiram um Ser, que é um Demiurgo-criador, com o “Deus Amoroso e Perfeito”.

Quando essas religiões e os seus desdobramentos foram se estabelecendo, esse Ser “estranho” foi sendo transformado em um Deus “aceitável” e até modificado em vários dos seus atributos, ao

longo do tempo. Por outras palavras, muitos fiéis foram fazendo “vista grossa” para melhor sobreviverem ao incompreensível “Deus-bíblico”.

Dentre as teologias que procuraram adequar esse tipo de “Deus-criador” aos atributos que a lógica humana moderna precisava agora ver, ou seja, como um “Deus” no qual os humanos pudessem confiar e aceitar, em vez de somente temê-lo —, novamente, tomo como exemplo o último viés cristão que surgiu, que foi a “Revelação Espiritual”, codificada por Allan Kardec, que abordou corajosamente essa melindrosa questão.

Foram os Espíritos e os médiuns por eles utilizados, e não Kardec — seguramente pelas dificuldades de situar o tema conforme as disposições do “espírito da época” —, que promulgaram a confusão conceitual entre Deus e o Criador deste universo, pois que claramente os consideraram como sendo um só personagem, conforme podemos constatar em “O Livro dos Espíritos”:

“Pergunta 04 — Onde se pode encontrar a prova da existência de Deus?

Num axioma que aplicais às vossas ciências. Não há efeito sem causa. Procurai a causa de tudo o que não é obra do homem e a vossa razão responderá”.

Ora, perante esta resposta, outra não podia ser a observação de Kardec para melhor explicar a resposta dada pelos Espíritos. Escreveu ele no referido livro:

“Para crer-se em Deus, basta que se lance o olhar sobre as obras da Criação. O Universo existe, logo, tem uma causa. Duvidar da existência de Deus é negar que todo efeito tem uma causa e avançar que o nada pôde fazer alguma coisa.”

E assim, os “conceitos” de Deus e de Criador cada vez mais foram sobrepostos porque não havia mesmo outra condição de se tratar desse assunto a não ser utilizando-se do senso crítico em grau elevado, o que não era condizente com os costumes da época da codificação.

No livro “A Gênese”, Kardec procurou, como lhe foi então possível, abordar e mesmo suavizar a incongruência entre um “Deus Perfeito” e uma Criação ancorada na violência.

Note o leitor que, já nos “tempos católicos”, Santo Agostinho, a seu modo, “resolveu definitivamente” essa questão ao afirmar que “a Obra de Deus”, em se referindo a este universo, “era perfeita”, e ponto final. Com esse “ponto final”, ele pretendia dar um basta em um antigo debate que vinha a ser travado desde os “tempos cristãos” — o cristianismo, ao tempo desse antigo debate, era ainda perseguido pelo império romano, que somente mais tarde o levaria de crença perseguida para religião oficial de Roma, transformando-o no catolicismo —, que apontava a Criação como “Obra imperfeita” de um “Deus-criador problemático”, longe de ser perfeito.

O gnosticismo era, então, o segmento do cristianismo nascente que tal afirmava, e Agostinho simplesmente acabou com aquela,

como também com outras ordens de discussão no seio da Igreja Católica.

Assim, as coisas “ficam resolvidas”. Contudo, o pior é que não! Não ficaram, nem estão! E esse tipo de postura sempre promove um acúmulo de “assassinatos” de faces perturbadoras da verdade, que permanecem à espreita da vida, represadas, e que podem emergir bruscamente, a qualquer momento, provocando “feridas” na sensível condição humana, cujo frágil psiquismo se assenta em crenças que são estabelecidas como verdades, até que venha o susto.

Referindo-se às “feridas narcísicas da humanidade”, Michel Foucault relata, na sua obra “Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento”:

“Freud fala, em algum lugar, que há três grandes feridas narcísicas na cultura ocidental: a ferida imposta por Copérnico; aquela feita por Darwin, quando ele descobriu que o homem descendia do macaco; e a ferida feita por Freud, já que ele próprio, por sua vez, descobriu que a consciência repousava na inconsciência.”

Essas “feridas” fizeram com que o homem revisse o seu papel no universo. Sem desejar entrar no mérito das afirmações de Foucault, notadamente nas duas últimas, tanto ele quanto Freud sentiriam-se bastante surpresos com o “tamanho e a profundidade” da “ferida narcísica” que nos aguarda, cuja magnitude será digna de assim ser chamada.

Os humanos, utilizando-se do seu padrão de racionalidade, sempre adestraram os seus animais de estimação e os de tração para que aprendessem a obedecer aos nossos ditames e conveniências. Por doloroso que seja, é necessário que entendamos que os seres extrafísicos — do universo paralelo, promotores do “Projeto Talm” — sempre procuraram fazer algo similar com as civilizações extraterrestres que surgiram no universo biológico a partir da “semeadura” do “nidana”, pois se julgavam mais velhos e donos do “processo existencial”. Durante muito tempo, conseguiram dominar de fora desta “matrix” — uma alusão ao contexto dos filmes da trilogia “Matrix” —, o que se passava no seu âmbito interno, ou seja, nos mundos do nosso universo, mas terminaram por perder o controle.

Tanto seres extrafísicos como extraterrestres passaram a exercer esse tipo de controle mais recentemente sobre os humanos terrestres, ainda irracionais, que surgiram. Quando continuaram a tentar dominar os humanos já racionalizados, não obtiveram sucesso nessa empreitada, pois o mais avançado entre eles, possui um padrão de racionalidade muito inferior ao que nos marca o senso psíquico. Seja de origem extrafísica ou extraterrestre, nenhum deles apresenta discernimento no padrão de complexidade e de refinamento como o que caracteriza os terráqueos.

O psiquismo de todos eles padece de “demência” e/ou de “robotização”, e inclusive nenhum deles, por mais evoluídos que sejam no quesito da inteligência — dada a antiguidade deles —, possui tirocínio no padrão que os terráqueos ostentam. No entanto, eles continuaram, até o ano de 2015, pelo menos — é o que posso

atestar por mim mesmo —, a aplicar todo tipo de ardil na sempre continuada tentativa de dominar os seres mais complexos, que viram surgir na Terra. Eles parecem, agora, compreender que o tipo de ser surgido por aqui representa uma descontinuidade ainda por ser compreendida pelas “Forças Cósmicas” — ao menos isso, eles já perceberam.

Isso significa que eles nos respeitam?

Até ao momento em que estou a escrever exatamente estas linhas — dia 29 de agosto de 2019 — tenho a certeza, e sei que não sou muito bom nessa arte, de que é “zero” o grau de consideração e de cuidado que qualquer um desses seres pode ostentar em relação aos terráqueos. Assim afirmo, pelo simples facto de que eles nunca souberam respeitar coisa alguma, e não penso que tenham senso lógico para tanto.

Repetindo o padrão da “doença” do Criador, que também foi repassada no “nidana”, eles somente se detêm quando percebem que estão derrotados ou se encontram reconhecidamente na presença de uma força que lhes seja superior em poder destrutivo.

O absurdo é que os mais novos “animais de estimação dos Deuses” terminaram por herdar a Terra, e ninguém jamais soube ou pôde dominar o estranho e diferenciado tipo de humano que passou a multiplicar-se singularmente sobre a Terra.

Parece que o improvável, sob certa lógica, terminou por acontecer, pois os mais fracos — os humanos terrestres — conseguiram impor limite à “estupidez” das “Forças Cósmicas”, tanto as de âmbito extrafísico como extraterrestre, mais antigas e poderosas!

Por outras palavras, os animais de estimação “domesticaram” os que se julgavam os seus proprietários, e isso deu-se por um motivo bem simples, desde que corretamente percebido, que é o facto de não precisarmos desses Seres para coisa alguma, enquanto que eles necessitam desesperadamente do concurso humano para sobreviverem e “redimirem-se”!

Realmente, depois de cerca de 13,8 bilhões de anos, o universo conseguiu fazer emergir uma espécie enigmática chamada “Homo sapiens”, na qual habita uma estranha habilidade psíquica, que chamo de “razão filosófica”.

Apesar de sermos “miseráveis” — pois vivemos como tal, tanto no sentido moral como no facto da concentração das riquezas planetárias nas mãos de alguns poucos (cerca de 1% da população mundial) — e esse facto não chocar a ninguém, ainda assim, somos uma das poucas espécies, e talvez a única, em todo o Cosmos, com a razão filosófica desperta para o bem e, infelizmente, também para o mal.

Outro detalhe interessante é que ninguém sabe explicar o porquê de termos surgido para a vida cósmica com essa característica, nem

mesmo o tal “Deus-criador” o sabe, tanto é assim que ele se surpreendeu com a racionalidade de Eva, o que está reportado na cultura judaico-cristã.

Somos um mistério até mesmo para Aqueles que manipularam a “semeadura” dos diversos tipos de “nidana” — ou “moléculas-mãe” — nos mundos deste universo.

Estranho, não?

As gerações humanas do futuro compreenderão o quanto uma certa equipa espiritual, vinculada ao “Quarto Logos”, trabalhou na “parceria possível” com os factos que terminaram por acontecer nesta Criação “problemática”, com o objetivo que nela surgisse um “ponto fora da curva” — assim, eis que surge a espécie Homo sapiens, que terminou por surpreender a todos.

Parece que até a “Perfeição do Paraíso” se surpreende com as habilidades latentes no genoma humano, que permite tanto o caminho da “monstruosidade” como o da “santidade” ou mesmo o da “conduta superior altruística”, que era uma questão desconhecida até então, para o todo existente. O “todo” aqui transcende a Criação na qual atualmente existimos!

O ser humano do futuro surgirá a partir da especiação do Homo sapiens. Especiação é quando membros de uma mesma espécie são levados a viver em regiões diferentes, nas quais as influências climáticas, dentre outras, provocam modificações neles — ou seja,

ocorrem mutações adaptativas naqueles que migraram, o que leva a diversos tipos de diferenciação em relação aos membros originais daquela espécie, que antes não existiam.

Os cães são um exemplo de especiação a partir de uma espécie de lobo. Há cerca de 10 mil anos, não existia nenhum cachorro na Terra, e somente existiam três espécies de lobos. Uma dessas, o *Canis lupus*, por ter passado a conviver com os seres humanos, foi domesticado, e disso veio a sua especiação.

O *Canis lupus* que foi para o Norte, ali aumentou a pelagem para se proteger do frio, enquanto o que foi para a África, ao contrário, foi diminuindo essa mesma pelagem, devido ao calor intenso. Mil anos depois, a especiação provocou modificações no *Canis lupus* fazendo surgir outro tipo de subespécie de *Canis lupus* diferenciado. Então, ele foi domesticado pelo *Homo sapiens*, que o levou para viver em inúmeras regiões do planeta, com alimentação e clima distintos, o que causou uma especiação muito grande. Atualmente, existem mais de 2 mil raças de cachorros, todas derivadas do *Canis lupus*.

Portanto, 10 mil anos depois, o panorama existencial derivado de uma só espécie era mesmo inimaginável à época em que esse processo de especiação começou a ter lugar. Essa espécie veio a produzir uma versão nova, totalmente diferente da original.

Um processo de especiação similar ao que aconteceu com o *Canis lupus*, está

a acontecer com a nossa espécie *Homo sapiens*. Como? Não vou, aqui, sequer referir-me às questões relativas à manipulação genética, que está a ocorrer, ainda que não tenha havido a necessária discussão ética sobre esse tema.

Conforme bem registou o biólogo estadunidense Edward Wilson, devido ao avanço da ciência, o ser humano já “pode abrir mão da evolução de feição biológica que teve lugar até agora, e simplesmente definir o que ele quer ser!”. Por outras palavras, o maior biologista da atualidade disse que, até agora, a humanidade evoluiu lentamente, mas já podemos deixar de lado a evolução biológica e decidirmos qual o tipo de evolução que vamos querer — por exemplo, utilizando a manipulação genética.

Para tanto, podemos até utilizarmo-nos de “dispositivos” do tipo “chips”, que já se encontram disponíveis para as elites e para as macroforças que dominam a vida na Terra. Entretanto, como já ressaltai, não vou nem abordar os cenários possíveis de “especiação” por esse viés — mesmo porque a definição académica de “especiação” não engloba essa alternativa. Contudo, existem núcleos de poder que já estão a desenvolver projetos temerosos nesse campo, há algum tempo! Na Espiritualidade, isso é sabido!

Um outro aspeto da questão é o de que a espécie *Homo sapiens* só existe na Terra, e pode ser destruída a qualquer momento. Para que isso aconteça, basta que, nos EUA, Yellow Stone exploda com magnitude semelhante a que ciclicamente fez no passado, ou que um grande asteroide ou cometa colida com a Terra, ou mesmo que

um maluco propague um vírus letal. Muitos perigos geológicos, climáticos e astronômicos, dentre outros, nos espreitam.

O nosso DNA é o melhor produto do “Projeto Talm”, mas pode ser destruído a qualquer momento. Não existe cópia dele em nenhum lugar, a não ser na Terra, e mesmo os humanos já abduzidos e que “vivem fora” do nosso planeta, não apresentam um padrão genético como o nosso — fora da Terra, tem ocorrido um problema que está a provocar um estranho padrão de “definhamento” e “de distorção” ou “desvirtuação” do DNA da espécie *Homo sapiens*.

As “Mãos Invisíveis” de destinação do “Projeto Talm”, que jamais se preocuparam com os seres humanos, querem que o nosso DNA tão longamente trabalhado, exista em outros mundos. Só muito recentemente, nós, os “hospedeiros desse código” — que somos “agentes da vida universal”, e, portanto, obrigados a vivenciar esta triste “epopeia” —, passámos a ser vistos como “parte essencial” do “progresso” deste nosso DNA singular!

Observe bem o leitor. Foi essa, portanto, a trajetória da única forma viva que existe desde os tempos imemoriais desta Criação: o “Código-Fonte Definidor Pessoal” (CFDP) do Criador “caído” e em perene “reconstrução”.

Esse CFDP, normalmente manipulado, que é definidor de todos os tipos de vida que existem ou que venham a existir nesta Criação, é o único “ente” que realmente existe desde cerca de 500 milhões

de anos após a sua “queda”, quando ele começou a “reconstruir-se”, na sua primeira versão. Na verdade, existe uma exceção conhecida, pois a forma de expressão do “Quarto Logos” não se originou a partir do CFDP do Criador, e portanto, ele não pode influenciar Brahma diretamente, como os demais “agentes da vida universal”.

A “reconstrução” de Brahma está ainda muito longe de ser concluída, porque, se cada uma das espécies surgidas até ao momento significa tão somente uma etapa desse processo, muitas ainda estão por vir como produto da especiação dos “humanos da Terra” e do “jogo de dados” químicos, “semeados” mundos afora, neste Cosmos.

Dando estrutura lógica e psíquica a essa “reestruturação” de um Ser “caído”, fundamentalmente, vem ocorrendo a “epopeia” de todas as consciências espirituais que se tornaram os “agentes da vida universal”, para possibilitar o que jamais foi intentado.

Que todos possamos estar cientes disso, pois está longe o tempo em que esta Criação terá o seu fim.

E até lá, teremos muito “trabalho” pela frente!

Quanto ao futuro, logo o Homo sapiens viverá em Marte — até 2030, a NASA pretende enviar seres humanos para esse planeta — , alguns humanos existirão também em bases, na Lua; e outros

habitarão em naves que viajarão pelos confins do nosso sistema solar.

Os seres humanos que nascerem na Lua, continuarão a ser *Homo sapiens*, mas os seus corpos se adaptarão a essa nova condição. Quanto mais humanos nascerem por lá, mais a genética se especializará no sentido de adaptar a antiga condição terrena do DNA humano para a da Lua — então, surgirá uma subespécie humana por lá.

Em Marte, ocorrerá algo semelhante, e um outro tipo de adaptação ocorrerá com a formação de outra subespécie. E os que nascerem em naves, num ambiente sem gravidade, com o tempo não terão pernas, mas quatro braços, ou seis — pois as pernas não serão mais necessárias.

Assim, esses serão seres humanos diferenciados, uma outra subespécie. É importante ressaltar que a natureza psíquica dessas subespécies será a mesma.

A presente capacidade que existe de se gerar modificações no genoma da espécie humana, também vai incrementar a geração de subespécies *Homo sapiens* cada vez mais diferenciadas. É preciso que entendamos que, efetivamente, a nossa espécie vai passar por uma grande especiação, associada ao aspeto que Edward Wilson falou, ou seja, que um humano terrestre poderá ser o que ele desejar, bastando, para tanto, saber usar as condições do seu avanço tecnológico!

Portanto, a especiação não só se dará pela influência ambiental. O progresso tecnológico e as terapias genéticas que modificam o nosso DNA, turbinarão a nossa inteligência, e isso também causará mais diferenciação nesse processo de especiação.

Tudo o que eu espero, é que esses núcleos humanos futuros possam recomeçar a estruturar os padrões do modo de existir da natureza humana sem que sofram a desgraçada influência desses Seres que jamais souberam cuidar da quota que lhes é própria, e continuam “atolando-se no oceano de mediocridade” do qual emergiram e jamais dele conseguiram se libertar. Nós poderemos fazer isso, e ainda ajudá-los!

Assim, quantas espécies e subespécies futuras, a partir de agora, a nossa atual espécie *Homo sapiens* vai produzir, seja pelo processo de especiação, ou pela habilidade de manusear o “jogo da vida” por meio da Engenharia Genética?

Daqui a uns mil anos, quantos tipos de *Homo sapiens*, oriundos do nosso DNA atual, vão existir? E daqui a 10 mil anos?

E quando o nosso DNA estiver a ser cedido para civilizações outras, que virão buscar o melhor DNA do universo para ser “semeado” em outros mundos?

Quantas subespécies existirão daqui a 100 mil anos?

Que tipos de formas corporais aqueles que herdarão a natureza humana poderão ter em outros mundos? Ninguém sabe as respostas para essas perguntas!

Entretanto, tudo isso está a ser planeado. Os nossos espíritos já estão a trabalhar e a preparar as nossas próximas encarnações ou “imantações” em corpos mais resistentes, frente às intempéries da vida cósmica.

Foi muito importante, para os nossos espíritos, a imantação num corpo de carne, pois assim conseguimos produzir, absorver e apropriar produtivamente o “algoritmo hormonal do amor”. Entretanto, esse tipo de corpo está a ser deixado de lado porque vamos ter que criar “mentes coletivas sofisticadas” dentro de uma Mente maior ainda — refiro-me ao “Biocosmos Inteligente” ou algum outro conceito que a isso se assemelhe. Talvez, os nossos espíritos tenham que se espalhar, quando alguns continuarão no padrão biológico, outros no aspeto “inteligência artificial”, e outros numa espécie biônica, parte “carne” e parte “computador”.

Tudo isso é o “Projeto Talm” seguindo adiante, em busca da transformação do antigo “nidana” em um saccidanandhagana, uma expressão sânscrita que pode ser entendida como “equipe de agentes da vida, conscientes e percetivos, que obtiveram a bem-aventurança, o êxtase ou o regozijo”.

Entretanto, enquanto o problema da “podridão” de Brahma não for resolvido, esse “regozijo” não poderá ser obtido pelos que se encontram vivendo nesta Criação.

Posfácio

O presente livro foi produzido com o objetivo de servir como uma linha temporal pontuada por alguns dos eventos mais marcantes dos que têm ocorrido no universo vizinho e, ao mesmo tempo, como fonte de consulta referente aos principais Personagens desta “epopeia”, as suas “vestimentas cósmicas” e o “grau de degradação” que o “mergulho” das suas Consciências sofreu ao se “infetar” com a “doença contagiosa” do Criador “caído”.

Esse “grau de infecção” levou ao desassossego os “Membros da Trimurti”, cujo “grau de demência” jamais se preocupou com a ausência de resultados animadores advindos das suas “apostas” e decisões. Todas as opções deram errado e eles nunca, nem de longe, pensaram em redimensionar o curso das suas “atitudes tresloucadas” como se tudo estivesse a seguir no rumo pretendido!

Então, pelo que me foi possível constatar, seria mais razoável assumir que eles não tinham mesmo rumo e levavam as suas “vidas desgraçadas”, transformando a “queda” num “passo de dança”, aspeto que só veio a desmoronar nestes tempos atuais.

No momento cósmico que vivemos, ao observar o conjunto das espécies de seres clones, vinculados diretamente ao “Código-Fonte Definidor Pessoal” (CFDP) de Brahma, como também as demais estirpes demo, descendentes de Vishnu e de Shiva, e de modo indireto, desse código original do Criador “caído”, torna-se patente o “fracasso criativo” dos três “Senhores da Trimurti”, pois todos os que eram engendrados para a vida, surgiam “doentes” e, mesmo com toda a “medicalização” que utilizam, estão ainda mais “decrépitos” na atualidade.

Na ficção “O Senhor dos Anéis”, de Tolkien, os Nasgul eram reis antigos, pertencentes à raça dos homens, que receberam “anéis do poder” de Sauron, e foram, então, consumidos por eles.

Na triste realidade desta Criação, Brahma, Shiva e Vishnu foram Imperadores que se autoatribuíram poder, advindo das suas próprias personalidades anteriores à Criação, mas que também, por “incompetência” e outros fatores, foram sendo consumidos pela própria “miséria” dos seus corpos “daiva”, porque esta condição existencial passou a demonstrar a sua limitada capacidade de dar suporte ao insuportável. Sim! Existir em condições precárias é insuportável, e assim foi, desde o começo até agora, para as primeiras formas “daiva”, assumidas pelos três “Senhores da Trimurti”, como também da grande maioria dos descendentes deles.

Nas culturas terrenas, existem centros de retiro, de isolamento, para dar guaridas aos doentes que, em não mais podendo conviver com os seus familiares e com a sociedade, fazem a opção pela reclusão para não contaminar outras pessoas com a sua desdita, quando é o caso de contágio.

O universo paralelo no qual esses seres existem, corresponde exatamente a essa situação, quando comparada à que vivemos. A condição Adhydaiva era e é algo que sequer deveria existir, porque surgiu da “recomposição” das “partes podres” de uma Divindade que, em tese, praticamente “morreu” ao ser “despedaçada” quando “caiu” na própria Criação. Ressurgindo como um “zumbi de si mesmo”, ou um tipo de “Frankstein improvisado”, cheio de costuras e retalhos de corpos alheios, para poder compor o seu próprio, os seres “daiva” foram organizando-se, “medicando-se” e consubstanciando-se cada vez mais como uma “estirpe” que foi especializando-se em sobreviver de modo impensável para a lógica que agora temos.

A condição “daiva” aprendeu a ser longeva, a manter-se atuante apesar de toda a sua “desgraçada” situação, e por força da “demência” e da ausência de parâmetros, foram achando-se eternos, até que os factos lhes demonstraram o contrário.

Quando o sofrimento foi avassalador, acrescido de um cansaço extremo, nesse ponto surgiu o “Projeto Talm”, como sendo a única alternativa possível de ser perseguida como modo de diminuir ou mesmo extinguir o sofrimento de seres que não morriam facilmente, mas cuja situação de sobrevivência só se complicava.

Por isso, neste livro, foram introduzidos os elementos preliminares em torno do “Projeto Talm”, visando facilitar a busca dos que perseveraram no descortinar de novos horizontes que envolvem a “Era do Conhecimento Esclarecido”, que estamos a começar a viver.

Por fim, é um pouco do básico que precisa ser sabido para que aspetos mais profundos da “Revelação Cósmica” possam ser também descortinados pela geração atual, e mais bem compreendidos e aprofundados pelas gerações futuras.

Jan Val Ellam

Sobre o Autor



“Jan Val Ellam — pseudônimo usado pelo escritor natalense Rogério de Almeida Freitas para escrever sobre pontos de convergência entre o pensamento cristão, a doutrina de Allan Kardec e pesquisas relacionadas à ufologia, no bojo do discurso do espiritualismo universalista e da cidadania planetária.”

Com 36 livros publicados no Brasil até o momento, tem-se revelado como o escritor mais contundente sobre temas tidos como sagrados que estão a ser resgatados de um passado esquecido, que antes encontrava-se oculto, o que torna o seu trabalho único.

Precursor da Revelação Cósmica que se inicia com a publicação dos seus livros, dando continuidade à Revelação Espiritual já codificada no passado, marca o atual momento planetário com reflexões profundas e intrigantes, advindas dos vários livros publicados e das palestras nacionais e internacionais divulgadas nos institutos temáticos e YouTube.

Autor do “Projeto Orbum” — Manifesto da Cidadania Planetária.

Formulador do Instituto de Estudos Estratégicos e Alternativos — IEEA

Para mais informações:

<https://www.janvalellam.org/>
<https://www.ieea.com.br>
www.youtube.com/janvalellam1
www.facebook.com/janvalellam
www.amazon.com/author/janvalellam
www.radioatlan.com

contato@janvalellam.org

Entrevista com Jan Val Ellam

— Dentre a sua produção literária e as incontáveis horas de palestras no Youtube, como você resume a mensagem central do seu trabalho?

A necessidade, por muito tempo esquecida, do resgate de um contexto perdido associado ao progresso dos diversos ramos da ciência, fazem emergir uma nova “visão da realidade” que contempla o lento avanço do pensamento humano ao longo das eras.

Afinal, somos racionais: seres que, antes de crer cega e fanaticamente em algo, deveríamos procurar estudar, pesquisar e compreender, como tantos luminares do progresso humano têm advertido.

Os livros que produzo tratam dessa nova cosmovisão, questionando as “verdades eternas” que os seres humanos colecionaram na visão de mundo que construíram ao longo da sua penosa evolução. Acostumámo-nos a tomar como real e natural verdadeiros absurdos que em nada contribuíram para o progresso planetário. Perdidos em guerras religiosas e proselitismos de todos os tipos, estacionámos de tal modo que os valores vigentes e infantis do passado foram entronizados como “sagrados” e em nome desses, verdadeiras barbáries foram e são até hoje cometidas. A questão que se impõe para quem pensa é: quantas dessas “certezas do passado” ainda existirão daqui a alguns poucos séculos ou mesmo décadas?

Há uma nova cosmovisão emergente que marcará, dentre em breve, um divisor de águas entre o que se pensava antes e depois que a Revelação Cósmica fincar os seus alicerces, colaborando na evolução da capacidade humana de melhor compreender o nível de conhecimento e de esclarecimento que supõe possuir sobre as coisas e a realidade que a envolve.

Os livros que procuro produzir representam o marco inicial desse processo que convidará a todos, mais cedo ou mais tarde, a sair da zona de conforto da fé fácil e estéril, para o esforço da compreensão esclarecida.

— Os estudos desenvolvidos nos seus institutos apresentam uma convergência entre Ciência, Filosofia e Espiritualidade. Qual a importância desta convergência?

Compomos uma humanidade, tida como racional, cujas gerações jamais puderam ter qualquer padrão de educação científica, filosófica, ambiental, sendo sempre as elites a parcela da população mundial que consegue ter acesso a essas questões. Ainda assim, nem mesmo estas costumam fugir do minimalismo no campo do conhecimento associado a um diploma universitário ou outro título qualquer. Todas as parcelas, porém, tomam-se como sendo profundamente educadas no campo da religiosidade, mas perdem-se nos ritos fáceis de troca de favores com Deus, transformam Jesus em escravo dos seus pedidos e do comércio do pedágio e aqui a espiritualidade pessoal inexistente ou é confundida com a fé fácil e simplória.

Os livros que escrevo criticam de modo contundente como o esforço heroico de Jesus, de Sidarta Gautama (o Buda), dentre outros, cujos legados filosóficos e espirituais são efetivamente ímpares em termos de beleza e de nobreza moral, tornaram-se religiões fáceis e simplórias quando jamais foram essas as propostas dos seus formuladores.

Devido a esse quadro infantilizado, infelizmente constante no modo como as principais religiões mundiais são praticadas, dificilmente, penso, não será possível tão cedo uma convergência honrosa e produtiva entre essas três áreas do conhecimento que tanto importam à dignidade humana.

Como registei em um dos livros que até ao momento produzi, cujo título é “Reintegração Cósmica”, quando em breve, nós, os terráqueos, sairmos desse isolamento que envolve o nosso mundo há tanto tempo, frente à retomada do processo do intercâmbio cósmico que o próprio avanço da ciência já vislumbra, as futuras gerações terrestres poderão e mesmo deverão edificar uma vida planetária dignificada e alicerçada no bom uso que a racionalidade e a sabedoria humanas puderem construir associados aos postulados progressistas dessas três áreas.

— Diante da nova realidade que as suas obras literárias apontam, a humanidade atual está madura o suficiente para encontrar o caminho do autoconhecimento?

Sóren Kieerkgard, filósofo dinamarquês, afirmou, com certo grau de ironia, que o ser humano costuma equivocar-se de duas maneiras: uma, acreditando no que não é verdade, e de outra, deixando de acreditar no que realmente é real e verdadeiro.

A raça humana foi condicionada a levar a sua vida adiante por meio da fé, da crença, e assim facilmente tem construído valores tomados como verdade absolutas, o que a impede de buscar o autoconhecimento como também alargar a percepção sobre outros tantos panoramas importantes da vida.

O infantilismo espiritual marca a conduta humana o que leva as pessoas a não encontrarem disposição psíquica para lidar com os aspetos mais profundos da existência. A busca do autoconhecimento é uma disciplina que se situa nesse contexto.

As elites religiosas não têm interesse em que os seus fiéis, por eles mesmos, evoluam no sentido vertical da espiritualização adulta. Infelizmente, preferem manter todos os fiéis como prisioneiros dos seus circuitos.

— Qual a importância para nós, seres humanos, do entendimento de que na verdade constituímos uma única família planetária? Este conceito, que ultrapassa questões de raças, credos e nacionalidades, o que significa exatamente?

A consciência sobre a função da cidadania planetária que deveria povoar o psiquismo de cada pessoa esclarecida deste mundo é talvez o único “norte filosófico” a ser perseguido pelas gerações do futuro como forma de salvar a nossa casa planetária e dignificar a vida humana.

Desde que lá, na mais antiga tradição das raízes religiosas, existe um pretenso deus que, devido ao hábito de escolher povos — a saber, os hebreus, depois os arianos, voltou para os judeus e após certo tempo elegeu os árabes — terminou por semear na cultura de todos uma intolerância e um sentimento de exclusividade absolutamente inaceitáveis. Hoje, as questões

históricas por trás da gênese do judaísmo, do cristianismo, do islamismo e de seus desdobramentos, respondem quase que pela totalidade das guerras regionais ocorridas ao longo da história. Tudo isso porque o fundamentalismo exacerbado dos que se acham eleitos por deus, o nacionalismo que tão somente camufla as faces da insensatez, da corrupção e da estupidez clinicamente assim definida dos líderes mundiais das últimas décadas, promovem conflitos além de não conseguirem superar os naturais confrontos e disputas da geopolítica mundial.

Num contexto como este, dificilmente a noção de cidadania planetária poderá emergir, apesar da luta de uns poucos entre os quais me incluo. No final de cada um dos 38 livros, até hoje lançados, encontra-se o “Manifesto Orbum da Cidadania Planetária”, como forma de convidar o leitor à reflexão sobre o tema.

O analfabetismo político, religioso, filosófico e ambiental estão prestes a provocar um choque de realidade talvez como forma de despertar o ser humano para um redimensionamento na maneira como ele vive na atualidade. O *homo consumus*, o *homo religiosus*, o *homo nervosus*, o *homo corruptus* — pois são estas as faces das quais se travestem o rosto humano na sua atual expressão “cara de pau” para justificar as suas mentiras e hipocrisias de cada momento, tem que ceder lugar a um tipo de ser humano sensato, decente, honesto frente ao seu código de princípios e de propósitos perante a vida.

O ativismo da cidadania planetária deveria ser o primeiro passo nesse sentido!

— Qual o lugar do homem no Universo?

Seguramente não somos esses pecadores apontados pelo credo judaico-cristão, por termos sido criados e destinados para sabe-se lá o quê, e o nosso pecado reside no facto da nossa mãe Eva não ter aceitado tal coisa e resolveu dar um curso diferente do anteriormente pretendido. Como ela foi influenciada pela serpente, tida como o diabo, todos os que nasceram após isso são considerados “filhos do pecado” e do diabo, precisando que elites religiosas resolvam esse problema pelos pecadores. Ora, convenhamos!

Se alguém desejava promover uma “lavagem cerebral” nos nossos desavisados ancestrais, implementando o temor a Deus como o motor que levaria todos a aceitar a dominação psíquica por parte das religiões como forma de sair do grupo dos filhos do diabo

para o dos filhos de deus, efetivamente o fez com bastante eficácia. Somos todos hoje filhos da estupidez esquecidos que reside na própria capacidade humana o ato de amar, de sorrir, de perdoar, de sonhar, de distinguir o bem e a ternura, de eleger a elegância moral e a civilidade como forma de interação entre os irmãos e irmãs da raça humana, enfim, de estabelecer o próprio código de conduta filosófica como lei maior de sociabilidade. Mas o que fizeram as religiões? O contrário disso!

Criaram pecadores angustiados, tementes, aterrorizados porque podem ser castigados por deus a qualquer hora, obrigaram as pessoas a ter uma fé simplória, pouco refletida, sem questionamentos, transformaram deus e Jesus em comerciantes baratos do “toma lá dá cá”, viciaram todos os seus fiéis em se tornarem pedintes profissionais e crentes em cujas lentes cabe todo tipo de credence barata. O pior: acostumaram as pessoas a transferirem para pretensas autoridades religiosas, responsabilidades que lhes são próprias! Até onde isso vai perpetuar-se?

As pessoas que vivem seriamente as suas religiões sofrem bastante com esse estado de coisas porque o choque de realidade que as gerações futuras irão inevitavelmente promover nas religiões poderá ser trágico se esse minimalismo não for superado por alguma sensatez, como muito tem se esforçado, por exemplo, o inigualável Papa Francisco na sua luta pela renovação no âmbito do catolicismo. Mas, quem o apoia?

O ser humano talvez seja o artífice de algo muito maior do que hoje podemos imaginar e sobre esse aspeto tenho me esforçado bastante na abordagem dessa questão nos livros que publiquei.

Se somos capazes de nos comportarmos de modo monstruoso, mas também de agir ancorados em uma conduta superior e marcar os elétrons da nossa casa universal com as melhores e mais sofisticadas informações, talvez aqui resida a delicada e importantíssima destinação da humanidade, ainda desconhecida até mesmo pelas religiões e pelos padrões científicos atuais, que seria a de contribuir decisivamente para a emergência de uma mente universal, como apontam alguns dos mais vanguardistas no campo da ciência.

O livro “A Rebelião dos Elétrons e o Código da Vida do Criador” recentemente

lançado, aborda de modo inusitado essa questão. Concluindo, não penso que seja a presente geração de humanos a perceber a sua destinação como membros de uma

comunidade sideral que se prepara para executar a sinfonia universal capaz de levar o universo em que vivemos — e alhures — a um rumo seguro e pacificado. Pertencerá às gerações futuras a construção dessa urgente percepção quanto à função dos terráqueos no concerto da vida universal. Mas por enquanto, apequenado como o ser humano se encontra, sequer ele sabe que essa música existe.

Precisamos evoluir da mentalidade religiosa infantilizada na qual milenarmente nos encontramos estacionados para uma outra espiritualizada e esclarecida. Mãos à obra!

Entrevista Revista Acontece Mais (Edição: Ano 4 nº13, 2019)

Roteiro de Leitura dos Livros

Alguns membros do IEEA têm solicitado uma espécie de “roteiro de leitura” que possa facilitar o entendimento de quem chega ao site do instituto e não sabe por onde começar. Além disso, uma contextualização em torno da qual a produção de cada livro pudesse ser minimamente explicada, dizem também os amigos, seria muito interessante.

Aqui está, portanto, uma sugestão de roteiro de leitura que, espero, possa ser útil aos que buscam.

LIVROS PRODUZIDOS/PUBLICADOS ENTRE 1996 e 2000 — ETAPA I

Sob a perspectiva dos livros, grande parte do que foi produzido entre os anos 1990 e 1996, jamais foi publicado e vi-me obrigado a transformar em palestras, seminários e cursos, por antever a impossibilidade de publicá-los.

Uma outra parte dessa mesma produção, cujo tema central das ideias, naquele momento transmitidas pelos mentores, era o final do isolamento da Terra com a consequente retomada do intercâmbio cósmico com as civilizações extraterrestres, que teria como marco histórico-político o retorno do Mestre Jesus, os livros publicados foram os seguintes:

Trilogia “Do Exílio à Redenção da Humanidade Terrestre”

1 — A Quarentena Cósmica

2 — Da Expição à Regeneração

3 — O Exílio e o Compromisso da Redenção

Esta trilogia introduziu, também, uma abordagem superficial sobre a rebelião de Lúcifer — a profunda viria depois — situada no contexto de várias famílias capelinas exiladas para a Terra, como produto do problema luciferiano.

Outros **temas da trilogia**: (1) a relação entre Jesus e Lúcifer; (2) a queda dos anjos e os papéis de Lúcifer e de Satã; (3) os panoramas extraterrestres e espiritual envolvendo a vida na Terra; (4) a conexão dos desdobramentos da rebelião com a formação da humanidade

terrena; (5) a reencarnação como processo básico da continuidade cósmica; (6) a relação entre os ex-rebeldes e alguns dos atuais membros do Grupo Atlan, como modo de situar o contexto humano frente à questão cósmica; dentre outros.

Muito Além do Horizonte

Apresenta um contexto espiritual da conexão entre os espíritos de Ramatis, Rochester e Allan Kardec ao longo destes últimos 2.500 anos, revelando o plano de fundo da codificação espírita, a escolha de Allan Kardec para edificá-la e revelações diversas sobre panoramas que envolvem a equipa do Espírito da Verdade, ainda desconhecidos.

Recado Cósmico

Apresenta o recado que Jesus deixou-nos nos seus cinco principais ensinamentos e factos, nunca antes revelados por João Evangelista, no primeiro século da era cristã.

Este livro apresenta a compreensão básica desta primeira etapa. Os demais desta mesma etapa, citados a seguir, podem ser lidos de modo independente:

- O Sorriso do Mestre
- Os espíritos de um tio de Jesus, Cleofas e o seu pai, José, relatam factos desconhecidos da vida de Jesus, tais como as suas viagens, quando jovem, e como ocorreu a escolha dos apóstolos, revelando a sua maior marca de amor: o sorriso.
- O Testamento de Jesus
- Abordagem nova das bem-aventuranças, anunciadas por Jesus no Sermão da Montanha, revelando panoramas do seu testamento para a humanidade.
- Nos Céus da Grécia
- Diálogo entre os filósofos gregos Sócrates, Platão e Aristóteles, atualizando ensinamentos do passado e abordando temas, tais como a cidadania planetária e cósmica, o universalismo e as práticas políticas contemporâneas.
- Nos Bastidores da Luz I, II e III

- Mensagens recebidas nas reuniões do Grupo Atlan e que abordam temas como:
 - Volume 1 — Mecanismos Cármicos; Funcionamento do Psiquismo Humano, Autoaperfeiçoamento e Reforma Íntima, Transição Planetária, Genética Espiritual e os Exilados Siderais que atualmente vivem no planeta.
 - Volume 2 — O Império Atlante; Consequências do Suicídio; Jesus e Sai Baba; Ovnis; Vidas Paralelas, Cidades Astrais e Espirituais, Fraternidade Branca e a Origem do Homem, dentre outros.
 - Volume 3 — O Poder Temporal; Autoridade Celeste; Quarta Dimensão; Base Atlan; O Sacrifício de Jesus, entre outros.

LIVROS PRODUZIDOS/PUBLICADOS ENTRE 2001 e 2006 — ETAPA II

Aqui, também, dos livros que foram produzidos neste período, somente uns poucos foram publicados. Seres extraterrestres e extrafísicos, como também mentores espirituais, foram as inteligências por trás dos seguintes livros, que podem ser lidos separadamente, porque possuem contextos particulares:

Jesus e o Enigma da Transfiguração

O real significado da transfiguração de Jesus e os factos do período final da sua vida, trazidos pela narrativa de Tiago, Elias e Moisés.

Fator Extraterrestre

Apresenta evidências de diversos fatores extraterrestres como sendo a única explicação possível para muitos acontecimentos ocorridos desde o princípio dos tempos e que, até hoje, são tidos como lendas.

A Sétima Trombeta do Apocalipse — A Volta de Jesus

Panorama inédito do Apocalipse de João esclarecendo a origem e o porquê do Livro Apocalipse, os fatores que levaram Jesus a nascer na Terra, o segundo advento do Cristo e o significado do Juízo Final da atual transição planetária.

Jesus e o Druida da Montanha

Narra factos da desconhecida juventude de Jesus, a sua amizade com José de Arimatéia e com o seu irmão Thiago.

Crónicas de um Novo Tempo

Reflexões diversas sobre temas passados, presentes e futuros.

Inquisição Poética

O livro narra a experiência pós-morte do poeta Yohan e leva à percepção das diferenças e semelhanças entre a vida na Terra e a vida numa dimensão diferente da nossa: o céu dos poetas.

Teia do Tempo

Narra o encontro de um aprendiz com o seu professor de física e a construção de uma forte amizade, mostrando que ela é maior que o tempo, as filosofias, as religiões, as fronteiras geográficas e, principalmente, o aspeto de um ser espiritualista e o outro um cientista. Foi produzido em conjunto com o astrónomo José Renan de Medeiros.

LIVROS PUBLICADOS A PARTIR DE 2007 — REVELAÇÃO CÓSMICA — ETAPA III

Doravante será necessário dividir os livros publicados até o momento em, pelo menos, três grupos distintos:

Grupo 1 — Contexto Demo com foco nas figuras de Brahma, Vishnu e Shiva e das diversas expressões avatáricas trimurtianas.

O Drama Cósmico de Javé

Revela a história da criação deste universo e do seu criador marcando o início dos capítulos da Revelação Cósmica.

O Drama Espiritual de Javé

Continua a apresentação da história da criação e do criador, agora sob a ótica espiritual, revelando a queda do arquiteto universal, as providências da Espiritualidade Maior para auxiliá-lo a resolver o problema, a criação do homem e a contribuição deste no psiquismo do criador.

O Drama Terreno de Javé

Apresenta as Eras da Criação Universal e como a repercussão do processo veio a estabelecer-se na formação da natureza planetária, ressaltando as lacunas enigmáticas nela existentes e que até hoje permanecem sem explicações científicas convincentes.

Favor Divino

Por que a vida terrena foi gerada? Qual a sua função? O que se encontra por trás do adestramento que o ser humano sofreu para adorar a um deus-criador? Devemos venerar alguma entidade transcendente? Quem?

Chegou o momento para que, ainda que com passos hesitantes, possamos descortinar os aspetos da verdade que se encontram encobertos pelos véus que nos foram impostos por factos, até agora desconhecidos. Afinal, existem favores divinos? E se tudo for ao contrário do que fomos acostumados a pensar?

Cartas a Javé

Perguntas que os seres humanos esclarecidos, quanto ao problema da criação universal imperfeita e problemática, gostariam de endereçar ao criador e que, de modo surpreendente, o próprio resolveu responder a algumas cartas que alguém colecionara como simples reflexões sobre o tema.

Eis que a pedido do destinatário, as cartas produzidas por Mônica Camargo, após a leitura dos três livros que compõem “os dramas cósmico, espiritual e terreno de Javé”, foram respondidas e transformadas no presente livro.

O Big Data do Criador

Imagine um ser-criador que resolve elaborar um jogo em que o controle efetivo das partes lhe permite a dominação do todo e por isso cada parte precisa ser monitorada sem margem para surpresas.

Apesar do roteiro pré-estabelecido, peças se particularizam, adquirem personalidades distintas, livres de qualquer jugo automático, e somente resta ao criador a opção de reconquistar essas individualidades por meio de um supercontrole religioso, estabelecido no temor, para ver se lhe será possível ainda controlá-las.

Esse é o plano de fundo mental-operacional do jogo que acontece por trás do tipo de vida que levamos na Terra e dele sequer temos consciência.

O Big Data do Criador revela o que antes se encontrava oculto no “livro da vida”, referenciado no Apocalipse. É leitura para adultos!

Memórias de Javé

Registos das tentativas de reflexão conjunta propostas pelo criador bíblico, sempre no sentido de reafirmar a sua tentativa de convencimento em torno do cumprimento dos seus desígnios para as criaturas terrestres.

Inquisição Filosófica

Relato incomum de encontros havidos em ambiente paralelo ao terreno, envolvendo o criador, num primeiro momento, e depois acrescido da participação dos demais membros da *Trimurti*, no trato de temas instigantes em torno do pretenso domínio, que seres tidos como mitológicos, sempre exerceram sobre a humanidade — uma simples, porém, crucial experiência biológica — até que a mesma fugiu ao controle dos seus criadores.

Inquisição Trimurtiana — Tempo de Apostasia

Narrativa de um impensável debate entre os Senhores da *Trimurti* — Brahma, Vishnu e Shiva — em torno da falência da política por eles praticada desde o início dos tempos da criação universal, cujo final aponta para a mais singular ocorrência já acontecida entre os seres que residem nesse ambiente paralelo do qual procuram acompanhar tudo o que se passou e se passa no nosso universo biológico.

Grupo 2 — Assuntos Mitológicos e Temática Extraterrestre vinculada ao Projeto Talm que “transplantou a vida” do contexto demo (universo paralelo composto de antimatéria) para o universo biológico material onde vivemos.

O Sorriso de Pandora

A história de um ser que, na sua origem nada tinha de humano, e que surgiu para um novo tipo de vida quando de uma intriga entre Zeus e Prometeu, que havia engendrado os primeiros homens, num tempo em que as mulheres ainda não existiam.

É sobre a sua vida, acontecida em tempos imemoriais, que o seu legado de “demónio feito mulher” e de progenitora da humanidade agora se faz apresentar pela própria voz da sua estranha personalidade.

Resgata-se assim uma história antes perdida nas brumas de um passado esquisito e perverso, que agora é revelada aos seus descendentes.

O Guardião do Éden

O que ainda é ficção para muitos, neste livro, um ser que é exemplo de uma Inteligência Artificial Autónoma, relata páginas do passado bíblico por ter sido testemunha circunstancial de alguns daqueles eventos.

Anjo-clone da hierarquia, foi ordenado pelo criador universal a permanecer como guardião planetário desde há muitos milénios, o que o levou a se afeiçoar à espécie cujo processo histórico observava, conforme a ordem recebida, o que lhe obrigou a acompanhar de perto, os seus episódios mais marcantes, desde os tempos do “Jardim do Éden”.

Viu Jesus ser crucificado enquanto percebeu a contenda entre o criador e aquele que era respeitado entre todos da hierarquia e que se fizera humano exatamente para cumprir com o que estava estabelecido entre os dois. Registou, assim, os factos, mas jamais os valorizou com o padrão da nossa lógica, até porque a que lhe marca o psiquismo é absolutamente diferente do que a que caracteriza a natureza humana.

Nos tempos atuais, já tendo absorvido um pouco do “modo de ser terráqueo”, ele esforça-se por traduzir, no seu comportamento, as mensagens de retorno que a cada momento precisa enviar para os que compõem a retaguarda da hierarquia em torno do criador.

Como todos os demais, aguarda o desfecho da “contenda trimurtiana”, que definirá — o que já se encontra em curso de definição — os termos do prometido retorno de Jesus.

Terra Atlantis I — O Sinal de Land's End

Primeiro livro da trilogia Terra Atlantis que resgata as páginas esquecidas da Rebelião de Lúcifer, como também a relação deste com a figura de Sophia, o Cristo Cósmico, que mais tarde se faria homem sob a personalidade de Jesus.

Relata a chegada ao planeta dos rebeldes, conhecidos nas tradições do passado como anjos decaídos, e as interações destes seres com o enredo que já se desenrolava na Terra, naqueles dias em que o ser humano racional ainda estava por surgir.

Eram os tempos da formação do que viria a ser o futuro império atlante cuja lenda passou à posteridade, mas cuja história, que permanecia envolta em mistério, agora começa a ser revelada.

Terra Atlantis II — A Frota Norte

Dá seguimento à saga dos biodemo capelinos — incluindo o quartel-general da rebelião de Lúcifer — agora sediados na Terra e em realidades alternativas subjacentes ao planeta, atinge momentos dramáticos, sem que Sophia sinalize qualquer apoio.

Os rebeldes, agrupados em Benem, passam a compor uma força-tarefa que, por milénios, foi denominada como sendo a Frota Norte, em torno da nave “espheron”.

Além dos “seres dos portais” (os chamados “deuses da mitologia grega”), os humanos passam a conviver com um “conglomerado de realidades” acoplado ao planeta.

A decadência passou a marcar todas as forças estabelecidas, ao mesmo tempo que os humanos começaram a imperar como os possíveis herdeiros da Terra.

Enquanto todos se enfraqueciam, aquele que, mais tarde, seria conhecido como Satã, preservava a sua força, pois que a “era do seu domínio” ainda estava por começar.

Terra Atlantis III — A Era Sapiens

Devido a cataclismos diversos, chegou ao fim a “cultura atlante e as suas diversas bases”, como também teve lugar o enfraquecimento das diversas forças extraterrestres e extrafísicas que procuravam dominar o planeta, o que levou a espécie humana a emergir como sendo a herdeira mais improvável do planeta, como terminou por acontecer.

Len Mion (Satã) e Yel Luzbel (Lúcifer) patrulham a vinda do Messias, anunciado pela veia profética do povo hebreu, ao mesmo tempo que perseguem Jesus na tentativa de compreender se ele era o “conquistador”, há muito anunciado.

Ocorre a crucificação, a saída de Yel Luzbel dos ambientes em torno do planeta, o que faz com Len Mion assuma o comando do restante da rebelião, procurando atrapalhar, de todas as maneiras, qualquer interesse que ele observasse ser de Sophia ou do “deus dos judeus”.

Ao perceber em Hitler um antigo companheiro da condição biodemo, Len Mion domina a sua mente e o transforma em fantoche da sua intenção de construir, na Terra, a última trincheira do movimento rebelde para confrontar Sophia.

Grupo 3 — Temas Complementares

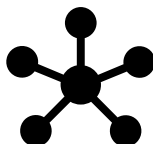
Homo Sapiens: da Guerra ao Esporte

Será que existe uma força maior por trás do aparecimento da “molécula-mãe”, no longínquo passado terrestre, com o código da vida já completamente delineado — da qual descendem todos os seres vivos — ou tudo foi obra do acaso?

O facto é que “algo” existe que guia o ritmo da evolução, entre acidentes e incidentes, nesta ou naquela direção, como se levando o mais novo produto da natureza planetária, a nossa espécie *homo sapiens*, a um presumível modelo.

Um dia guerreiro implacável, hoje atleta que vibra na vitória e aceita a derrota sem aniquilar o seu oponente, para onde será que o ser humano caminha?

São algumas das reflexões que se encontram presentes na instigante busca da compreensão do que move a espécie humana ao longo da sua penosa e enigmática estrada evolutiva.



Esta é tão somente uma sugestão para aqueles que buscam compreender possíveis aspetos em torno de uma “verdade” que por muito tempo permaneceu oculta e, talvez por isso, o romantismo humano foi levado a pensar que, encontrar panoramas da verdade seria necessariamente sinónimo de regozijo, de satisfação e de conforto espiritual, quando não é bem assim.

Talvez, tenha sido exatamente por isso que, no Shiva Samhita, tenha sido afirmado que “a angústia estava presente por todo o universo”, e que no Evangelho de Tomé, Jesus tenha enigmaticamente dito que, “aquele que busca a verdade, jamais a deixe de procurar. No entanto, ao encontrá-la, perturbar-se-á, para somente depois se equilibrar e poder, então, ser soberano sobre o processo da vida”.

Nunca foi tão necessário nos recordarmos desse aspeto que invariavelmente acomete o psiquismo dos que ingerem a “pílula vermelha” que nos convida à maturidade emocional, aspeto primário da idade adulta espiritual.

A minha homenagem àqueles que jamais deixaram de buscar.

Jan Val Ellam



PROJETO ORBUM

FILIE-SE ESPIRITUALMENTE A ESTA IDÉIA

MANIFESTO

“DECLARAÇÃO DOS PRINCÍPIOS DA CIDADANIA PLANETÁRIA.”

P RINCÍPIOS:

Exerça plenamente a sua nacionalidade, mas não esqueça: somos todos cidadãos planetários.

Por conseguinte, formamos uma só família ante o cosmos. É bom recordar que, para quem nos vê de fora, nada mais somos do que uma família a viver num um berço planetário.

Se somos uma família, torna-se inconcebível a falta de indignação diante do estado de miséria — tanto material quanto espiritual — em que vive grande parcela dos irmãos e irmãs planetários.

Existe uma força política na sociedade que, quando estrategicamente direcionada, exerce em toda sua plenitude o direito e o dever de cobrar das forças estabelecidas o honroso

cumprimento dos direitos humanos. Essa “força íntima” é pacífica, porém, ativa; suave na tolerância, jamais violenta, mas perene na exigência contínua de se construir a paz, a concórdia e a inadiável consciência quanto à necessidade de se melhorar as condições do nível de vida na Terra. Exercer essa força no quotidiano das nossas vidas, agindo localmente com a atenção voltada para o aspeto maior planetário, é dever de cada um e de todos.

Respeitar as forças políticas estabelecidas, os governos regionais e nacionais; valorizar as organizações representativas de caráter mundial — imprescindíveis para a evolução terrestre — mas, acima de tudo, pregar a necessária consciência da unidade planetária perante o cosmo.

Na verdade, somos todos cidadãos cósmicos no exercício eventual de uma cidadania planetária, como de resto o são todos os irmãos e irmãs espalhados pelas muitas moradas do Universo.

Porém, devido ao atual estágio de percepção que caracteriza a quem vive na Terra, buscar a consciência do exercício pleno da cidadania, seja em que nível for, é a grande meta a ser atingida.

Se você concorda com os princípios e objetivos da cidadania planetária, junte-se a nós em pensamento, intenção e atitudes. Assuma consigo mesmo o compromisso maior de construir na Terra esta utopia, que foi e é o objetivo de muitos que aqui vieram ensinar as noções do exercício pleno da cidadania cósmica, testemunhando o amor como postura básica e essencial na convivência entre os seres.

Propague esta ideia, em especial para as novas gerações.

Sonhe e trabalhe por um mundo melhor. E saiba que muitos estão a fazer exatamente o mesmo.

Esta é uma mensagem de fé e de esperança na vida e na nossa capacidade de dignificá-la cada vez mais.

Jan Val Ellam



Por receio de ferir a suscetibilidade dos que acreditam ter encontrado a “verdade” no conforto das religiões, Jan Val Ellam criou o Instituto de Estudos Estratégicos e Alternativos — IEEA, para nele concentrar toda a sua extensa e inusitada obra de revelação, exposta em livros, palestras e cursos singulares.

Se você é um buscador dos mistérios da vida, das faces de uma verdade maior, sempre por ser percebida além dos limites comuns à ingenuidade e às possibilidades de cada época, visite o IEEA e verifique por si mesmo se o que ali se encontra exposto, em abordagem crescente, não representa exatamente as “reflexões adultas” sobre os temas que sempre foram a razão principal daqueles que sempre buscaram um nível de compreensão superior sobre a vida e a realidade que a envolve.

É como se tudo o que se encontrava oculto fosse finalmente revelado.

Saiba mais em: [Jan Val Ellam](#).